

Outras Versões de Mitos Craôs

Recolhidas por Julio Cezar Melatti, de
1962 a 1971, com alguns comentários
do mesmo pesquisador

Brasília
2010

SUMÁRIO

PRÓLOGO.....	3
SOL E LUA	4
ORIGEM DO FOGO	19
A MULHER-ESTRELA.....	21
ORIGEM DA ALDEIA CIRCULAR?.....	25
ORIGEM DOS CÂNTICOS	28
AS AMAZONAS E OS MACHADOS SEMILUNARES.....	37
METADE DIA E METADE NOITE	39
ABELHAS E PAPA-MÉIS	43
ORIGEM DAS MÁSCARAS	44
CORRIDA DOS ANIMAIS	45
A GRANDE ESCURIDÃO	47
A EXPEDIÇÃO AO PÉ-DO-CÉU	50
MONSTROS SOLITÁRIOS	71
XAMÃS ZANGADOS	78
A VEZ DA CAÇA	81
O GRANDE PEIXE E SEU AMIGO.....	83
A MULHER E O TAPIR	85
A VELHA QUE VIROU TAMANDUÁ	87
O POVO DA NOITE	88
CACHORROS	90
ALDEIA DOS MORTOS.....	92
UM CONTO DE GUERRA	93
CONTOS SERTANEJOS.....	95
Referências bibliográficas	103

PRÓLOGO

As narrativas craôs aqui apresentadas são versões de mitos colhidas por mim, mas não incluídas nos meus livros e artigos publicados, ainda que neles faça referência a uma ou outra. Somente aquelas que aqui transcrevo sob o título de “Monstros solitários” foram divulgadas, mas de modo mais livre, num artigo publicado em *Ciência Hoje* (Melatti, 1992).

As narrativas me foram ditadas em português. No próprio ato de anotá-las não raro flexionava corretamente as palavras ditadas pelo narrador ou as substituía por outras mais adequadas e até sua ordem dentro da frase. E também aqui e ali repeti esse cuidado na transcrição de meus cadernos para a digitação que aqui apresento. Devo dizer também que algumas vezes não consegui ler minha própria letra, de modo que certas palavras se me apresentaram como ininteligíveis.

Quanto aos nomes dos personagens míticos e outros termos do vocabulário craô, faço uso da mesma grafia utilizada no meu livro *Ritos de uma tribo timbira* (Melatti, 1978, pp. 17-18), segundo a qual as letras e os acentos são equivalentes aos da ortografia oficial brasileira, com algumas exceções: o *h* e o *kh* são aspirados; o *w* e o *y* equivalem respectivamente ao *u* e ao *i*, mas formam sílaba com as vogais que os seguem; o *e* e o *o* equivalem ao *ê* e ao *ô*, respectivamente; o *ë*, o *ï* e o *ö* são, respectivamente, o *ó*, o *u* e o *ô* não-arredondados; o ponto de interrogação indica a oclusão glotal. O apóstrofo indica a sílaba tônica, quando esta não é a última. A sílaba *ré*, no final de uma palavra, geralmente constitui um sufixo que indica o diminutivo; neste caso, o *r* não forma um grupo consonantal com a consoante que o precede, mas inicia uma sílaba independente. É verdade que na minha grafia não faço a distinção entre vogais longas e breves (e nem saberia fazê-lo) e que os craôs hoje usam nos seus próprios textos uma outra grafia, que, porém, não domino.

Junto ao nome de cada narrador pus um número entre chaves, que corresponde àquele que lhe atribuí nas genealogias e na lista de informações sobre cada pessoa: <http://www.juliomelatti.pro.br/craodados/pessoas.pdf>

<u>Página inicial</u>	SUMÁRIO dos mitos
------------------------------	------------------------------

SOL E LUA

O mito de Sol e Lua é contado pelos timbiras e apinajés. Atendo-me aos craôs, Harald Schultz (1950, pp. 55-71) colheu três versões, ou quiçá três partes de uma mesma versão, uma vez que só indica o narrador da primeira. Aliás ele inclui “A obtenção do fogo” (pp. 72-75) como quarta parte desse mito, o que provavelmente se deve a um descuido.

A versão que me foi contada por José Aurélio contém dois episódios repetidos: o da criação da mulher e o das ferramentas que trabalhavam sozinhas na roça. A de Esteves contém o episódio da atribuição de nomes e alimentos aos animais, com um modo de referir-se aos urubus que parece inspirado nos preconceitos raciais do sertão. Inclui como episódio parte de outro mito, que é o da corrida dos animais.

Nesta coleção de versões colhidas por mim e não divulgadas anteriormente, não incluí a única que tentei anotar em língua indígena, que me foi ditada por José Aurélio. Deixo-a para mais tarde, se houver condições de trabalhá-la. Aliás, José Aurélio emendou-a com as histórias de Pedro Malas-artes, personagem dos contos sertanejos com quem os craôs identificam Lua, como fazem também com São Pedro.

Colhi uma narrativa com o título “Pedro (*Pidluré*) e Miguel”. Mas, como Lua (*Pidluré*) aparece apenas no título e toda a narrativa foi sem dúvida tomada dos vizinhos não indígenas, incluí-a na seção dos “Contos sertanejos”.

Sol e Lua

Narrado por José Aurélio {138}
em 24-9-1963 [D2, p. 34].
Transcrito da gravação.

Diz-se que foi assim. Não havia gente nesses tempos, não havia povo nenhum. O Sol e a Lua, diz-se que eram gente mesmo. E *Pit* fazia toda a coisa, fazia toda a coisa. Aí *Pidluré* chegava: “Não, não é assim, não é assim, vai ficar assim!” Então diz-se que o Sol estava comendo buriti, aí *Pidluré*, diz-se que andava, andava também. Diz-se que *Pidluré* é assim, por isso é que nós chamamos Pedro.

Não havia ninguém, aí foi conversar com o Sol: “Compadre, como é que nós vamos fazer, nós andamos assim sem mulher, é ruim, nós andamos sozinhos, assim está muito ruim para nós, é preciso que tenhamos mulher.” O Sol respondeu: “Está bem, não direi nada para você não, daqui mais adiante você vai ver.” O Sol foi fazer um buraco numa cabaça, uma cabaça bonita, apanhou-a e foi jogar dentro d’água; furou e jogou dentro d’água. Passou um pedacinho aí lá, banhando no ribeirão, assim como nós, banhando e tocando borá e cantando — e aí lá se vem mulher do Sol, primeiro. Diz-se que chegou a mulher do Sol, primeiro. Chegou a mulher do Sol, virada da cabaça. *Pidluré* estava olhando: “Ah, já existe a mulher do compadre, agora sim, é mesmo, já existe mulher do compadre. Como é que eu vou ter também minha mulher? Eu preciso de uma mulher também; deixe estar. Eu vou pedir ao compadre.” Aí o Sol já tinha mulher; já combinava a casa, a mulher dele já fazia de comer para ele. Depois é que *Pidluré* foi lá: “Compadre, eu quero mulher também.” E o Sol só ficou escutando e não dizendo nada para ele. Aí o Sol foi atrás de uma cabaça também, e diz-se que apanhou

uma cabaça, assim feia, não era assim bonita não, como a mulher do Sol; uma cabaça assim feia já, por causa da broca, mas apanhou assim mesmo, mas estava bem. Aí furou e foi jogar dentro d'água. Aí foi embora. Quando passou pedaço, estava banhando também, e batendo, tocando borá e cantando. Aí Lua falou para o Sol: “Compadre, quem é que está tocando borá?” (Ah, esse é já no começo da mulher do Sol, *Pidluré* perguntou no começo, que não sabia). *Pidluré* ficou só esperando, só escutando, estava olhando toda a vida para o caminho, olhando toda a vida para o caminho. Aí daí a um pouco lá se veio a mulher do *Pidluré*, mulher de Lua, vem chegando já perto. Aí diz-se que Lua falou, chamou-a: “Ei, mulher, chega cá, vem cá, aqui, aqui é que é minha casa, a casa de meu compadre é acolá, aqui é que é minha casa, pode vir para cá, eu estou aqui.” Aí diz-se que chegou; ficou alegre, por causa da mulher, porque o Sol também fez mulher para ele, agora cada um deles tinha mulher, agora estavam passando, né?

Agora o Sol ficou assim pensando: “Como é que eu vou fazer, eu não vou trabalhar mais compadre assim de braço, não, eu vou fazer outra coisa.” Aí o Sol juntou um bocado de ferro, machado, facão, levou e marcou um pedaço de chão, assim no mato mesmo, para fazer roça. Marcou um bocado de chão, assim vinte tarefas ou mais e aí botou o machado, o facão e aí foi embora. Com um pouco o machado estava trabalhando e o facão também estava trabalhando; o machado derrubando os paus, assim como a gente derruba, e o facão também ia roçando. Aí diz-se que Lua ficou assim assuntando: “Quem é que está trabalhando acolá, batendo machado, não sei o que, eu vou já olhar. Foi e aí, quando foi chegando, as ferramentas, aí ficou tudo virado, caído, aí parou. Aí pronto: “Não!” Lua disse: “Não, não é assim não. A gente faz assim!” Diz-se que apanhou machado e foi descer no pau. Oh, mas atrapalhou tudo. Diz-se que, se não fosse assim, diz-se que as ferramentas mesmo trabalhariam. Aí a gente não trabalharia com a força não, com o braço não. Diz-se que as ferramentas mesmo trabalhariam. Aí foram embora. Com um pouco o Sol ficou zangado com Lua: “Mas compadre, mas para que você foi fazer uma coisa dessa, agora é preciso de que nós mesmo trabalhemos, nós mesmos vamos trabalhar porque você foi parar o movimento acolá; pois nós precisamos de trabalhar de braço mesmo, com o braço mesmo; é preciso que saia o nosso suor do nosso corpo.

Aí lá se foi, lá se aquietou e foi indo, foi indo e disse que o Sol adoeceu, assim, com tanta tristeza de ter de trabalhar. Aí diz-se que imaginou, diz-se que pensou: “Como é que eu vou fazer? Viver, eu não vou mais viver, não. Se morrer, o mundo vai se acabar, não vai haver mais não, não vai haver o mundo.” Aí o Sol falou para Lua: “Compadre, vamos acolá, ao rio?” “Então vamos!” Foram lá para o rio. O Sol apanhou uma laranja e foi chupando, foi chupando, até que chegou ao rio. Aí o Sol falou para Lua: “Compadre, como é que nós vamos fazer, se nós morrermos, como é que faremos? Lua falou para o Sol: “Compadre, não sei como, não; pode fazer uma idéia, como nós vamos fazer.” Aí o Sol falou para Lua: “Pois compadre, se nós morrermos, nós vamos fazer assim.” Aí apanhou a laranja, jogou dentro d'água, dentro do rio. A laranja afundou e tornou a subir. Aí falou para Lua: “Olhe compadre nós vamos fazer assim, quando nós morrermos, nós vamos fazer assim, do jeitinho da laranja.” Aí a Lua falou: “Não, compadre, assim não presta não; é bom é assim, você quer ver?” Apanhou pedra, jogou dentro d'água e a pedra afundou. “Pronto! Não sai mais.” O Sol ficou assim triste, assim pensando: “Não sei não, acho que é isso mesmo. Compadre quer assim desse jeito, está certo.” Aí diz-se que foram embora, lá para a casa, passou o dia, aí... Aí eles combinam outra vez: “Compadre, como é que nós vamos fazer?” “Não sei não, compadre, não sei não.” “Compadre, eu estou doente, não sei como é que eu vou fazer não, não sei se eu morro, não sei não.” Lua adoeceu; aí diz-se que Lua morreu.

Morreu... e o Sol chegou lá e ficou assim com pena dele: “Não, não quero que o compadre vá ficar assim desse jeito não, que eu ando sozinho, eu preciso de meu companheiro, mas eu não vou deixar o compadre não voltar; eu vou fazê-lo voltar.” Aí levou para o mato e o botou no pé de uma árvore, botou muita folha assim por cima dele e, não sei se é verdade que esse povo conta, de antigo, aí diz-se que cobriu com um bocado de folha, para o sol não queimar, e foi embora; e daí a um pouco lá se veio Lua, diz-se que levantou, viveu outra vez; viveu. A Lua viveu outra vez e foi embora. Chegou. Aí falou para o Sol: “Compadre eu já cheguei, já voltei, não queria assim, não. Mas o compadre já me fez eu voltar!” Aí diz-se que foi passando muito tempo, passando muitos dias, aí quando o Sol adoeceu outra vez, aí Pedro ficou assim, olhando-o, até que o Sol morreu. Lua apanhou: “Não sei como é que eu vou fazer com o compadre!” Apanhou o cavador, a enxada e levou. Fez sepultura. Levou o Sol para enterrar; enterrou e cobriu mesmo. Quando o Sol viveu, lá dentro do chão, da sepultura, aí não tinha por onde sair. Aí, virou aquele calanguinho miudinho; foi cavando, cavando, cavando, até que furou o buraco e saiu e foi embora; diz-se que foi embora. “Mas para quê que o compadre fez assim comigo, eu não queria assim não; fosse com outro que não sabia, não teria voltado; mas é assim mesmo, não tem nada.”

Pois bem, foram passando os dias, passando os tempos, outra vez, foi indo, aí diz-se que o Sol foi comer buriti. Havia só um pé de buriti; foi comer no pé de buriti. Aí foi comendo buriti e defecava só buriti; as fezes saiam assim com outra qualidade, aí Lua chegava olhava as fezes dele: “Mas as fezes do compadre são assim desse jeito, de outra qualidade, assim laranja e bonita, como é que é, que é que o compadre come?” Aí Lua chegou ao Sol e perguntou: “Compadre, que é que o compadre come, que fica com as fezes bonitas, assim desse jeito? Eu quero que o compadre me ensine esta comida para eu também comer, para que eu fique com as fezes assim do jeitinho das fezes do compadre.” O Sol respondeu: “Compadre, olhe!” Apontou o dedo para Lua: “É aquela flor, é aquela flor de pau que eu estou comendo. Pode o compadre comer até que as fezes saiam como as minhas fezes saem. Aí Lua foi comer flor de pau; foi comendo, foi comendo... Aí, quando Lua foi defecar, as fezes saíram assim de outra qualidade, de outro jeito, feias, como Lua não queria que fosse; e aí foi falar: “Não, compadre, você me ensinou errado, não foi aquilo que você comeu não, foi outra coisa.” Aí depois é que foi reparar, foi reparar Sol até que Sol foi comer buriti: “Ah, compadre, você me enganou, mas agora você não me engana mais não, eu também vou comer.” Quando Sol foi embora, ele acompanhou o rastro do Sol, e foi chegar no pé de buriti. Lua apanhou buriti que não era bem mole como ele comia; era assim a metade mole, a metade dura e ficou assim até que Lua zangou: “Mas porque você não se amolece bem para eu comer assim como compadre come você; espera aí, é já que você amolece!” Diz-se que apanhou um buriti e atirou no pé de buriti. O pé de buriti alteou, assim como nós estamos vendo. Alteou o pé de buriti. Aí, quando o Sol chegou, ele já estava lá em cima, e não podia chegar e não sei como que não cai assim no chão. Aí o Sol olhou e ficou zangado com Lua, mas não falou nada não.

Aí foi passando, foi passando o tempo, aí (o Sol): “Não, quero fazer roça grande, quero fazer roça grande para plantar todos os legumes.” Aí foi juntar ferramenta e apanhou o machado e o facão, aí foi marcar o mato de roça e botou a ferramenta no pé de árvore e o facão enfiado no chão para brocar mato. Fincou e botou e foi embora para a casa. Daí a um pouco estava saindo a zoada do machado a derrubar paus e o facão brocando. Lua ficou escutando, aí foi lá. Foi lá olhar. Quando chegou, às ferramentas, ao movimento, as ferramentas ficaram todas caídas, todas viradas no chão, ficaram paradas, sem trabalhar. Aí Lua ficou olhando: “Mas porque foi que não querem mais

trabalhar, as ferramentas?” Aí, pegou um machado: “Levanta, trabalha, por que vocês não trabalha, a gente trabalha assim!” Apanhou o machado, diz-se que arriou no pau: “É assim que deve trabalhar, não é assim não, não é assim deitado não, é preciso você trabalhar!” Aí soltou o machado, largou o machado, que não queria trabalhar mais, aí largou; e foi embora. Aí as ferramentas pararam e não trabalharam. Chegou lá. Aí o Sol ficou escutando. Estava tudo calado: “O que foi que houve, que as ferramentas não estão trabalhando? Eu vou lá olhar.” Aí foi lá, chegou ao movimento e o machado já estava fincado no pau pelo braço de Lua, que era para fazer assim, não era para trabalhar sem gente não, era para trabalhar com braço de gente. Aí o Sol olhou tudo, estava tudo parado, aí ficou assim pensando: “Oh, mas compadre faz muita atrapalhão, me faz atrapalhão demais. Mas é assim mesmo. Ele quer assim, pois agora nós vamos trabalhar mesmo com o corpo mesmo, é preciso de sair o suor do nosso corpo, é preciso fazer força com o corpo, e trabalhar. Aí foi embora.

Aí chegou, ficou assim pensando: “Como é que vou fazer?” Aí ficou assim sem fazer, sem pensar noutra coisa e foi indo, foi indo, foi indo, aí diz-se que chamou: “Compadre vamos caçar.” Aí diz que foi embora (...) Quando foi para o mato, Lua falou para o Sol: “Compadre, eu quero que você me arranje um enfeite também para mim, como você tem enfeite, que estou gostando desse enfeite.” Aí foram lá ao pé do céu. Aí lá se vai, pica-pau. Diz-se que querem derrubar o pé do céu. (Não sei se é verdade, que povo conta, de primeiro antigo). Foi indo, chegou lá, aí falou: “Oh compadre pica-pau, eu quero que você jogue aí um enfeite muito bonito para mim!” “Você quer?” “Eu quero.” “Você quer enfeite?” “Quero enfeite, bem bonito!” Aí falou: “Pois bem, eu vou mandar, mas é última vez que eu mando esse enfeite, mas outra vez eu não mando; você pode assuntar e pode ficar ciente que eu não mando mais nenhum; eu já mandei um, agora vou mandar esse e mais nada, que eu não mando mais. E você, olhe lá, você pegue, você tenha coragem para pegar, se você não pegar, se cair no chão, aí nós vamos acabar, nós vamos acabar o mundo e o mundo vai se acabar, que o fogo pega mesmo, se você deixar cair...” Aí o Sol falou para Lua: “Olhe, compadre, agora você fique bem aí, deixe eu pegar para você, eu não vou ficar com o enfeite não, eu vou pegar e entrego para você, aí você toma conta de seu enfeite.” “Não, não compadre, eu não quero que você pegue, eu mesmo vou pegar porque já é meu e eu mesmo pego. Não quero que compadre pegue, senão suja. Eu quero pegar eu mesmo.” “Não compadre, você não pega não.” “Não, compadre, eu pego!” “Olhe lá compadre, você pegue, se você não pegar, se ele cair no chão, se triscar no chão, aí vai levantar o fogo e nós vamos queimar, nós queimamos.” Aí diz-se que o Sol foi ficando lá longe; Lua ficou no sol, aparando assim a mão, para pegar lá em cima; aí o pica-pau soltou o enfeite, que veio já com fogo mesmo. Aí Lua ficou com medo de pegar. Quando caiu no chão, levantou fogo. Aí o Sol correu. Lua correu atrás também: “Eu morro, eu morro, eu queimo, eu não queimo, mas por que foi que eu não deixei nem o compadre pegar, eu podia ter deixado, o compadre mesmo pegaria para mim, mas é assim mesmo; sei que morro.” Aí foi entrar no buraco do peba. Não sei como foi que não morreu assim lá dentro, assim de fumaça. Aí foi, o Sol foi embora e Lua entrou no buraco do peba. Aí o Sol foi se esconder lá na casa do marimbondo, aquele marimbondo da casa de barro, uma casa de marimbondo que é feita mesma de barro, aí foi esconder; quando o fogo passou, aí o Sol, falou assim: “Ele, meu compadre, queimou agora; agora eu vou ficar sem compadre.” Aí foi gritando: “Compadre! Compadre!” Aí Lua respondeu. Lua respondeu, aí lá se veio Lua. Aí chegou: “Eh compadre, mas para que você deixou, compadre, quase nós morríamos, mas não tem mais nada não, vamos embora, agora nós vamos procurar carne, alguma caça sapecada nós vamos achar e nós vamos levar.”

Aí foram indo, foram procurando, procurando, até que acharam capivara queimada, sapecada. “Compadre, esta é nossa caça, esta é boa; é caça boa, nós vamos levar esta caça. Arranjaram um lugarzinho, num olho d’aguinha, arrancharam e fizeram moqué. Foram tratar capivara. Aí o Sol falou para Lua: “Compadre, agora você tira a sua, pode tirar qualquer uma que você quiser, porque talvez eu dê uma que o compadre não queira; eu não quero assim não. Pode o compadre mesmo escolher, qual a que o compadre vai querer.” Lua respondeu: “Eu vou ficar com a fêmea.” Tirou, afastou. “Pode tratar!” Aí Lua tratou, tratou, diz-se que era assim meio gorda, não era assim gorda não, não tinha muita gordura. Aí achou de tratar, aí falou para o Sol: “Pronto, compadre, já pode o compadre tratar a dele.” O Sol foi tratar a dele, mas era gordura demais. Lua ficou assim olhando-a: “Oh, podia eu ter ficado com esta aí, mas não tem nada não, vai ficar assim mesmo.” (?) tirou gordura, salgou e espetou e guardou. Quando foi moquear o moqué, Lua teve sono. Foi dormir. O Sol estava assando gordura, um pedaço de carne gorda, estava assado no jeito; quando já estava bem quente, bem quente mesmo, apanhou, levou ao Lua e botou bem na barriga: “Pega, compadre, levanta, vamos comer carne gorda!” Lua levantou assim avexado: “Compadre, você me queimou, porque o compadre fez assim comigo? Oh, como é que eu me esfrio, eu morro de quente!” E foi assim cair no olho d’aguinha. Estava tudo rasilho; estava cavando, cavando, para afundar, para poder mergulhar. Diz-se que estava cavando, cavando, daí a um pouco achou uma tartaruga. Chamou o Sol: “Compadre, está aqui uma tartaruga, nós vamos tirar, vem cá, vamos tirar a tartaruga.” “Não compadre, não tira não, senão nós acabaremos!” Mas Lua arrancou a tartaruga do olho d’água, aí lá se vai o rio. Saiu tudo de uma vez, foi uma água danada e foi no rio. Aí foi, carregou Lua, foi carregando, foi carregando. O Sol ficou assim esperando: “Não, eu preciso tirar, acudir meu compadre, senão eu fico sem companheiro!” Cortou um braço do buriti comprido, e foi ficar lá embaixo, foi tomar lá embaixo. Aí, lá se vem Lua, batendo água: “Ai compadre, ei compadre, eu morro compadre, me acode, compadre!” Aí o Sol jogou o braço de buriti, aí afastou até que saiu fora. Ficou cansado! Aí, quando descansou, foi embora para o riacho. “Vamos embora, vamos aonde está nossa casa.” Aí foram, foram, foram, foram, foram, aí chegaram. Aí falou: “Meu compadre, quase eu morria ... mesmo cansadinho.” “É, eu não mandei o compadre tirar tartaruga que ficou aí no olho d’água para criar água. Bem que compadre foi tirar. Agora está um rio. Quase você morria mesmo. Mas eu não mandei, eu não sou culpado, o culpado é o compadre mesmo.” Aí levaram carne de capivara lá para a casa. Agora, quando chegaram à casa, acho que retalharam, não sei, retalharam não, porque já estava moqueada, estava assada.

Foi, foi indo, foi indo até que o Sol ficou assim pensando, sem pensar ... qualquer jeito, foi, foi indo, foi indo até quando o Sol pensou outra idéia. Aí falou com o compadre: “Não sei como é que eu vou falar, não sei como é que nós vamos ficar, eu estou sem mulher. (Eu já contei? “Já.” “Ih, já?.” “Mas não foi isso, não foi nesse aí.” “Então pode contar”). Aí disse: “Nós estamos sem mulher, eu vou fazer mulher, para fazer de comer para mim.” Aí o Sol foi tirar cabaça, e furou, jogou dentro d’água. Quando passou pedaço, aí estava banhando, tocando borá, aí Lua falou: “Compadre, quem é que está banhando, quem é que está tocando borá por acolá na fonte?” “Não sei não, compadre, não sei quem é não, compadre, eu não vi não, não sei quem é não!” Aí lá se vem mulher, bonita, alva, lá se vem e foi chegando mesmo à casa do Sol. Aí, Lua ficou olhando: “Oh, compadre já tem mulher como é que eu vou fazer para ter mulher também? Eu preciso de ter mulher também, que assim só o compadre que vai ter mulher, assim não está bom não. Eu preciso de ter mulher também.” Aí foi falar com o Sol: “Compadre, faz mulher também para mim, como é que eu vou ter mulher

também?” “Não sei não compadre; essa minha mulher não sei de onde veio, não, não sei de onde foi.” Aí diz-se que passaram mais uns dias, o Sol foi pensando: “Como é que eu vou fazer? Não, deixe-me fazer uma mulher também para o compadre.” Aí foi também a cabaça, chegou à cabaça, o Sol tirou uma cabaça, furou e foi jogar dentro d’água, chegou dentro d’água; aí passou um pedaço, aí está banhando, fazendo zoada, tocando borá, assim e tal, aí lá se vem mulher chegando. Quando já vinha chegando perto, ainda longe, aí Lua falou: “Ei, mulher, vem cá, vem para cá, minha casa é aqui. Lá é a casa do compadre, minha casa é aqui, aqui é a minha casa!” Aí diz-se que a mulher de Lua chegou. “É, você está aí?” “Eu estou aqui, sozinho, sozinho, esperando você, com muita vontade, com muita precisão, eu estou assim sem mulher, (achando) ruim, mas você chegou, está bem, pois nós vamos viver agora, muito bem, melhor do que eu era primeiro, sem mulher.” Acabou.

História do Sol e da Lua

Narrado por Pikén (Varela) {232}

em 7-1-1965.

Transcrito do caderno K3, pp. 69-73

Lua é *hũ?tõ* (*hõpin*) do Sol. *Pit* apanhou o *hok’ho* [enfeite de cabeça] do pica-pau. *Pit* apanhou primeiro. *Hũ?tõré* quer também *hok’ho*. *Pit* quer apanhar para ele. Mas *Pidru*, ele próprio, quer apanhar. *Pit* não quer que *Pidru* apanhe porque é quente, é fogo. *Hũ?tõ* quer apanhar e *txói* [pica-pau] jogou para *Pidru*. *Pidru* pegou, mas largou. O fogo pegou no capim. *Pidru* foi esconder dentro do buraco de peba, na casa do marimbondo. Primeiro entrou na casa do marimbondo, e fogo queimou a casa do marimbondo, e *Pidru* saiu e entrou no buraco do peba, que era raso. Entrou fumaça e ele saiu. Depois ele entrou na casa branca do marimbondo (*aitó*) e ficou lá. Terminou de queimar capim e *Pit* subiu, foi para o céu. *Pit* ficou com pena de *hũ?tõré*. *Pidru* desceu da casa do marimbondo. *Papam* [*pa* = nosso, *pam* = pai; *Pit*] também desceu para procurar *hũ?tõré*. *Papam* disse assim: “Talvez meu compadre queimou. Eu vou caçar, vou procurar.” Procurou e achou *hũ?tõré*.

Depois foi com ele. Disse: “*Hõpin*, vamos caçar capivara, para nós comer porque os bichos estão queimados. Acharam duas capivaras. *Papam* mandou moquear. Depois *Papam* falou para *hũ?tõré*; depois que rezou capivara de *hũ?tõré*, ela não tem gordura; só é a gorda a de Deus, de *Pit*. *Pidruré* moqueou capivara depois que *Papam* tirou a banha da capivara. *Pidruré* ficou zangado. *Pit* achou carne de gordura da capivara e aí disse: “*Mĩ* [toma] *hõpin*, pega gordura para nós comer, e pôs a gordura na barriga de Lua.” [Aqui o narrador omitiu um trecho que conta como *Pidruré* foi tirar água de um olho d’água para esfriar a barriga e dele tirou a tartaruga] *Pidruré* cavou e tirou *kapranpóré* [tartaruga]. O rio saiu e carregou *Pidru*. *Pit* cortou talo de buriti, cortou dois. Emendou um ao outro e *Pidruré* pegou. Depois *Pit* falou com *hũ?tõré*: “Não fique zangado comigo não, compadre. Compadre vamos fazer as coisas.”

Primeiro *Papam* fez muriçoca. *Pudruré* que fez, não é *Papam* não. “Vamos fazer assim, vamos fazer muriçoca.” A muriçoca mordeu *Papam*. *Papam* bateu e ela caiu. *Pidruré* disse: “Assim que eu quero.” Depois deixaram.

Pit calado foi embora para a roça, plantou cabaça. A cabaça nasceu, boa demais. *Pit* tirou e botou dentro d’água. *Kukon* [cabaça] virou mulher de *Pit*. *Pidruré* procurou *Pit*. “Quem é que está conversando com você?” “Ninguém, só eu sozinho.” Ele estava

reparando. Depois *Pit* falou com *Pidruré*: “Compadre não entre em minha casa, porque em minha casa você não pode entrar.” *Pit* foi embora e *Pidruré* entrou na casa. *Pidruré* embolou com mulher de *Pit*. Saiu sangue. Quando *Pit* veio do serviço dele, a mulher dele estava saindo sangue. *Pit* perguntou: “Quem foi que fodeu?” “Foi seu compadre.” “Eu vou falar com compadre.” “Olhe, compadre, porque você entrou na minha casa?” “Não, não fui eu não.” Mas não havia ninguém além dos dois. *Pit* falou: “Eu vou fazer mulher para você.” Tirou cabaça ruim para fazer mulher de *Pidruré*. Mulher de *Pidruré* veio. *Pidruré* chamou: “Vem cá, aqui é minha casa, a casa do compadre é para lá.” A mulher veio. *Pidruré* fodeu logo.

Pidruré fez um bocado de filho por dia. Mas mulher de *Pit* não tem filhos, só poucos filhos. *Pit* mandou *Pidruré* fazer casa grande. *Pidruré* fez casa grande. Miguel, Adão, filhos do *Pidruré*, se apartaram e fizeram casa própria. Depois os filhos de *Pidruré* se dividiram em índios e cristãos. *Pit* tinha filhos, mas não partiu [não os separou] não. Levou tudo para o céu. *Pidruré* fez arco e fez espingarda. Primeiro deu arco para *kupê*. Cristão não sabe jogar flecha; e entregou para os índios. Os índios jogaram logo; depois cristãos apanharam espingarda e atiraram logo e mataram a mãe deles. *Pidruré* disse: “Agora vocês apartam. Você é *mehim* [índio]. Deixem que *kupê* [cristãos, civilizados] vai ser *kupê*.”

Depois Deus falou com *hũ?tôrê*: “Compadre como é que vamos fazer, vamos deixar só uma mulher, um homem e uma cunhã [índia] e um caboco [índio].” Desceram e fizeram filhos. Índios não sabem fazer filho. Só filho pouquinho. *Pit* falou de novo: “Agora você já mandou filho, o meu eu não mando.” *Pidruré* fez cobra. *Pidruré* mandou cobra morder *Pit*. E *Pidruré* disse: “Olha, cobra vai morder nossos filhos.” *Pit* disse: “Cobra vai morder, mas meu filho vai fazer assim.” Apanhou um pau e matou.

Papam foi comer buriti. [Provavelmente um episódio que o narrador desistiu de contar].

Papam estava reparando a água. Falou com *Pidruré*: “Oh compadre, vamos fazer as coisas dentro d’água, porque água sem nada é ruim.” E fizeram peixe. Depois fizeram outro peixe, o pacuzinho. Depois imaginaram: “Que vamos fazer?” *Pit* falou: “Você que fez [faz].” *Pidruré* fez primeiro lacraia, depois fez formigão. Fizeram os pássaros [palavra ilegível]. Foi *Papam* que fez os bichos para nós comer. Fez a sombra, fez as folhas para nós sentarmos por baixo. Depois *Papam* fez anta e depois pôs nome na linguagem do *mehim* e na linguagem do *kupê*. Depois fez veado, depois fez mateiro, catingueiro, tatu, paca. Depois *Pidruré* sentou e perguntou: “Cadê o bicho que nos chupa e a gente bate?” Ele fez muruim. *Pit* lembrou [palavra ilegível] e fez. *Pidruré*: “Olha compadre, não é você só que sabe fazer as coisas, eu também sei.” E *Pit* fez cascavel. *Pit* e *Pidruré* começaram a trocar [palavra pouco legível] coisas mal feitas.

[Sem título]

Narrado por Esteves {53}
em 21-11-1963.

Transcrito do caderno “Mitos Ritos” (MR), pp. 110-117.

Pit fez terreno pequeno, depois lembrou e fez grande. O terreno não tinha nada, sem morros, sem capim. “Que é que eu vou botar mais? Eu vou botar veado.” E fez veado, no limpo, e veado está caminhando na chapada. Aí fez arco, fez linha e empenou [emplumou] uma flecha. Botou a flecha no rastro do veado. E *Pit* foi reparando o rastro

e encontrou o veado morto. “Agora eu vou fazer o índio. Aquele que é bom de caçar mata veado. O que é ruim não mata não.”

Pit pensou: “Que que eu vou fazer? Agora eu vou fazer outra coisa, vou plantar.” E fez só capim (*atu*). Estava pensando: “Não, eu vou fazer brejo. Eu vou botar pau [árvore], fazer a sombra, porque só capim não presta, assim está muito quente. Agora eu vou plantar de todo o pau. Eu vou fazer brejo. Porque só chapadão o bicho não aguenta de sede.” E pensou: “Eu vou fazer morro, fazer pedra, assim é bom.”

E marcou no meio do terreno. Esse de cá é só aldeia do índio. Do lado de lá é só aldeia de cobra, de marimbondo e de bicho brabo. Do lado da aldeia do índio é lugar de caça, mas do outro lado é só bicho brabo, não tem mistura.

Aí *Pit* fez *Pidluré*, seu companheiro, aquele ruim, não presta. *Pit* falou: “Seu compadre, agora nós faz assim mesmo, assim é bom?” “Não sei, quem sabe é você!” *Pidluré* pediu: “Compadre, agora nós vamos assim, é melhor misturar logo índio com cobras e toda a caça. Assim é mais melhor. Assim, se cobra encontrar outro índio ou qualquer criação, se morder, morre. Se índio encontrar cobra, mata cobra. Vai trocando assim.” Por isso é que está danado, cobra tem matado um bocado de *kupê* de *mehim*, de toda a nação.

Pidluré falou: “Oh, compadre, como nós faz?” “Não sei!” “Tu vai acompanhar de mim?” “Não sei.” “Vamos fazer comida e depois eu peço.” *Pidluré* fez arroz e carne. *Pit* não trabalha, só faz as coisas, *Pit* que deu para ele, *Pidluré* não sabe. “*Pidluré*: Tu faz *kopti* (mosca). Tu faz muita para chegar na comida e a gente espantar.” *Pit* não disse nada. E fez mosca. Muita mesmo. Mordendo, pegando comida. “Oh diabo!” “Você pediu!”

Pidluré: “Compadre, como nós faz? Porque nós sozinho, só nós dois, não presta.” “Não sei, quem sabe é você, eu vou só escutar. Vamos fazer *kupê*?” “Não sei.” Não fizeram *kupê*. Agora *Pit* está fazendo toda caça e urubu, gavião, onça. Já fez gado. E um morreu no curral, e *Pit* falou com o urubu: “Seu negro, você carrega com esse gado para o mato, que depois eu faço matutagem [matalotagem] para você.” Urubu falou com o outro: “Vamos embora, carregar.” Aí os urubus arrastaram a vaca até dentro do mato. O outro falou: “Já tem matutagem esperando no curral.” Os outros não escutaram. “Vamos aproveitar a vaca mesmo. É bom, morreu foi agora.” “Não, esse está morto, não pode. Vamos matar outro. Senão com um pouco *Pit* chega aqui e fica com raiva.” *Pit* mandou outro negro: “Repara esses negros que estão levando a carniça, às vezes já estão comendo.” O negro, gavião preto, foi atrás. Chegou e os urubus já estavam comendo a carniça. O negro falou: “Já estão comendo carniça? A matutagem já está esperando vocês no curral. Agora eu vou contar ao homem (*Pit*).” Aí os urubus: “Está vendo, vamos embora, já vai contar.” E estavam limpando a boca com palha. O gavião preto contou para o *Pit*: “Aqueles que o senhor mandou já estão comendo carniça.” “Você está contando a verdade?” “Estou, eu vi.” “Onde estão?” “Já vêm atrás.” Quando os urubus chegaram, *Pit* disse: “É assim? Vocês não escutaram minha palavra não? Quem foi que mandou? Digam!” *Pit* xingou: “Mas toda a hora eu estou dando comida para vocês, vocês enchem barriga e vocês não escutam. Então eu dou outra direção para vocês.” Urubus não responderam. “Está bom, minha idéia é assim, não vou dar matutagem. Não dou mais comida boa. Agora sua comida é carniça.”

De manhã *Pit* carregou todos os pássaros e foi soltar para todo o mundo. A outra caça, veado falou para os urubus: “Porque você fez assim? O homem (*Pit*) está dando comida para todos, ninguém passa mal.” Os urubus não disseram nada. De manhã *Pit* falou: “Todo o ... [palavra ilegível] vamos escutar minha palavra, vamos para o mato, e

eu vou falar para vocês.” De manhã *Pit* carregou todo pássaro: anta, porco queixada, veado do campo, mateiro, catingueiro, ema, papagaio, jacu, etc. Os cavalos acompanharam. Chegou no limpo, numa sombra boa de pequi e sucupira. A onça pintada vinha atrás, sentada afastado; eram um casal. Chamou porco queixada, anta, capivara, jabuti. O primeiro que chamou foi anta: “Agora a comida sua é buriti, fava do dano (?) [fava danta?].” [Acrescentado pelo narrador pouco depois, como palavras de *Pit*: “Seu nome é dois: chama *kokrut*, em linguagem de *kupê* é anta”]. E mostrou e soltou.” Anta caminhou logo com a mulher. “Pode ir para o brejo.” Chamou o veado: “Você vai caminhar no meio da chapada.” Botou nome do veado (*pó*). “Você vai comer aquele capim, folhinha, tudo é comida de vocês.” Agora veio a raposa: “Bota meu nome bom, não quero nome feio, bota meu nome paca.” Mas *Pit* só escutou: “Espera aí que eu vou castigar.” Chamou paca: “É você, seu nome é *kra* na língua do índio e paca na língua do *kupê*.” Aí a paca está caminhando. “Agora comida tem muita de você: tem buriti, najá, bacaba, tem muita coisa, até mandioca, milho, flor de pequi.” Os bichos já estavam pouco. Chamou ema: “Agora você vai caminhar na chapada; sua comida é gafanhoto, osso, cobra, caju.” Chamou capivara: “Sua comida é, quando outro vai fazer roça na beira do rio, você come milho, arroz, estraga. Você come folha no brejo.” Chamou bandeira: “Chega bandeira! Agora você só come grilo, cupim, você não tem dente.” Raposa estava caminhando: “Bota meu nome bom.” *Pit* não respondeu. O cavalo estava esperando, estava com fome, começou a comer capim, não esperou as palavras de *Pit*. “Você não esperou nada de mim, você não esperou, deixa eu despachar os outros. Agora sua comida é essa mesmo.” E o cavalo pegou de duro mesmo. Chamou onça pintada: “Agora você vem cá, *Rópti*. E a onça veio com a cara ruim mesmo, cara zangada. A onça falou: “A comida de nós é só caça; eu caço e como, não quero fruta não.” “Ah, está bom.” Onça foi embora. Chamou canastra: “Você vai dormir debaixo da serra [palavra pouco legível] e sua comida é só mesmo cupim.” Veio urubu: “Você pode comer carniça de todo o mundo, isso é que é seu.” E soltou os bichos.

Outra aldeia, só de pena: arara, juriti, xexéu, nhambu, chico preto, chupim, beija-flor. Os pássaros tinham aldeia. Fizeram *wití*. O caititu entrou na aldeia dos pássaros e fizeram dele *wití*. E os bichos jogaram o *króu* (tora) na casa dele. Quando bicho fudeu *kroré* (*kahã*) [caititu fêmea], e os pássaros não quiseram jogar mais tora lá. A velha dela sujou de cinza; estava com vergonha. Arrumaram outro *wití*: periquito, aquele verdinho. Os bichos ficaram alegres, correndo com tora, flecha e tudo. A pomba era boa de correr, passava muitos pássaros. Veio papagaio de outra aldeia correr com *tututi* (pomba). O papagaio chegou: “Quem é corredor demais aqui?” “É *Tututi*.” “Agora eu vou correr com ele.” De manhã apanharam flecha para correr a pomba com o papagaio. Pomba deixou o papagaio para trás, mas ficou cansada e papagaio cansou e foi para a casa de *wití*, onde parou. Papagaio disse: “Eu passei mesmo.” A pomba não disse nada: “Agora eu vou correr mais, só quero agora comer e deitar. Agora aquele bicho não corre mais.” O papagaio foi embora alegre para a aldeia dele. *Yōkrãiré* quebrou (deflorou) periquitinho verde. *Atororé* (nhambuzinho) era cantador. *Pãnãrãiré* também é cantador. Chamaram o xexéu para cantar primeiro e depois o *Pãnãrãiré*. Este falou: “Você canta primeiro, depois eu canto para você.” Aí o xexéu cantou. Depois *Pãnãrãiré* cantou para o xexéu. Outro bicho deflorou periquitinho. Os pássaros espalharam, acabou a aldeia. A aldeia acabou. Todos foram no mundo.

Pit falou para toda criação; botou nome; botou nome de cristão e solta. Chamou por derradeiro a raposa. “Você é nome é *txoré*, a comida é de toda bosta, sapo, rato, gafanhoto, isso é sua comida; você é ladrão, vai roubar galinha de *kupê*. Sua casa é na toca, casa de pedra, de buraco de peba.”

Pit pensou de fazer brejo, morro para os filhos de nós caçar, para que o povo possa enxergar e voltar para casa, senão não volta para a casa, e vai fazer ribeirão para acabar com a sede. *Pidluré* pediu para fazer bicho que dói: marimbondo, arraia e outros. E *Pit* fez, por causa de *Pidluré*. *Pidluré* é danado, foi muito é feio mesmo. *Pidluré* perguntou: “Agora a mão, que é que está governando: o polegar é *Papam*, esse é que vai ensinar. Esse aí pai de nós.”

“Vamos fazer muito ribeirão. Esta mandioca não é de nós não: é de *Katxeti* [referência ao mito da Mulher-Estrela].”

Pit foi adiante, já subiu, *Pidluré* foi atrás. Foi enganando *kupê* [talvez o narrador esteja identificando Lua com Pedro Malasartes]. *Pidluré* foi atrás procurando.

Trechos do diário de campo

D1, p. 43 (21-9-1962):

Com poucos dias de presença pela primeira vez em uma aldeia dos craôs, um deles, que eu ainda não sabia distinguir dos demais, contou-me à noite, no pátio, uns três mitos dentre os quais o de Sol e Lua, que eu não estava prevenido para anotar. Dele só deixei no diário que o informante, ao referir-se à mulher que *Pit* fez para *Pitriré*, disse que ela era “preta, feia” .

D1, pp. 230-231 (18-10-1962):

Não anotei, a versão contada por Joaquim {106}, a não ser alguns detalhes: “foi o Sol (que Joaquim chama de Deus, *Papam* ou *Put*) que fez o Lua, pois antes vivia sozinho. O Sol, ao fazer sua mulher disse à cabaça: Se você quiser ser minha mulher, faça-se mulher... Foi por causa de o Lua ter violado a mulher do Sol que existe a menstruação; se tivesse sido o próprio Sol, não haveria isso. Quando o Lua morreu, o Sol fez uma cama, colocou-o em cima, antes cortou-lhe o cabelo, passou-lhe urucum. Disse-lhe então: Se você quiser viver de novo, volte para as nossas casas... A Lua, quando o Sol morreu (apenas para experimentá-lo), colocou o Sol dentro de uma cova, passando-lhe antes urucum e cortando o cabelo. Ambos, quando enterraram [*sic*] o companheiro, pensaram em perpetuar através dos filhos esse modo de viver eternamente (no caso do Sol) ou de morrer (no caso de Lua). Quando o Sol acordou teve de virar lagartixa peregrina, para sair da cova. Então o Sol e o Lua foram à fonte. O Sol levou um talo de buriti; a Lua três pedras. O Sol disse à Lua que queria que a morte dos homens fosse assim: e afundou o talo de buriti na água, que voltou à tona. O Lua disse que queria que fosse assim: e atirou uma pedra, que ficou no fundo. Argumentou o Lua que, se o homem não morresse, a superfície da terra encheria tanto que afundaria. Respondeu o Sol que não, pois os homens se espalhariam. Aliás, Basílio {121} dissera antes que existe além deste mundo, um no céu e um embaixo, no subterrâneo. O Sol tratava o Lua de irmão ou então de compadre (*hopin*). Há um momento em que o Sol repreende o Lua por bulir em suas coisas (no enfeite do pica-pau). Parece que Joaquim disse que o pica-pau estava cortando o firmamento.”

D1, pp. 266-268 (23-10-1962):

“Ontem Joaquim {106} contou também que o pai dele, *Ropkuro* {56}, viu o rastro do sol. No caminho que vai desta aldeia ao Galheiro, há muitos anos, encontrou um machado. Pensou: — Quando dá fé é Deus; quando dá fé é cristão. Se eu pegar o machado talvez cristão venha atrás de mim. Diz Joaquim que *Put* olhava seu pai de

longe. Se ele tivesse apanhado o machado, não sabe o que Put diria. Quando o pai chegou e contou o caso, o povo disse: — Por que você não apanhou? É de Deus mesmo, pois cristão não anda por aqui.

Joaquim também tem experiência com o sobrenatural. Quando tinha oito anos, na aldeia do Galheiro. Estava com febre. Às 18 horas, quando o sol se punha, estava ele do lado de fora da casa sobre uma esteira. Put se abriu e de dentro saiu um kroré [caititu], que veio se aproximando e querendo morder e aí Joaquim ficou com medo de Put. Aí Put falou: — Como é que eu vou fazer contigo; você gosta de ver assim como nós, você vai ser curador como nós, quando pessoa cai, quando está para morrer, quando já está morta mesmo, você cura. Joaquim ficou pensando: — Está bom, quero. — Bem, amanhã de noite eu apareço. Pronto, aí a febre acabou. De manhã cedo a febre não deu mais não. De noite Joaquim estava dentro de casa e Pudluré apareceu na cumeeira da casa. Joaquim foi. Avisou a mãe e o pai. Estava com vontade de fazer xixi. — Deixa eu fazer xixi. — Você mesmo vai sozinho. — Eu mesmo vou. Aí estava fazendo xixi; estava quase acabando quando apareceu por detrás a cabeça de Pudluré, deste tamanho. Joaquim se assustou. Put estava detrás de quatro flechas, uma azul, uma amarela, uma vermelha e uma preta; tinham as cores do arco-íris. Mas a mãe não deixou que ele apanhasse. Aí ele ficou zangado com a mãe, pois se apanhasse ficaria sendo curador. Depois a febre acabou.

Quando menino pequeno ‘quebra’ carne, Joaquim trata dele calcando com as mãos. Quem ensinou foi Pudlure e Deus.

Put não quer deixar o lugar para Pudlure e este fica zangado; por isso encrenca, diz que vai matar Put, quer matar, mas não mata não. Índio não guarda dia santo, domingo, sábado, por isso morre muito. O cristão guarda e por isso ‘rende’ mais. Adão e Eva são pais de Put e de Pudlure. Dona Eva é que está tomando conta dos Krahó e por isso morrem muito; Put, dos cristãos. No dia que Deus combina, aí acaba tudo, até mesmo avião, estrangeiro, tudo. Put e Pudluré não andam no céu: é só a ‘casca’. Se Deus não deixasse aí, cristão não saberia escrever, fazer avião etc. O cristão rico não pensa em Deus; e Deus manda todas as coisas para ele. Deus fala na sua cabeça e você vai pedir àquela pessoa. Como nós estamos falando com a nossa boca, é Deus mesmo que manda para nós falar. Pudluré é que manda falar besteira, coisa ruim. Quando a pessoa se arrepende de ter dito uma besteira, já é Put que está agindo.”

D1, pp. 272-273:

“Joaquim {106} de dia me contou uma lenda, cujo personagem era Deus quando passou pela terra, recompensando quem lhe tratava bem e castigando quem lhe tratava mal.”

D1, pp. 453-454 (18-11-1962):

“Penon {158} e eu, acompanhados de Txotuk {120} fomos à casa de Dodanin [pastor e funcionário da FUNAI que tinha terras ao lado da terra indígena]. No caminho tentei obter dados. Soube então que só há dois deuses: Put (a que se chama também Papam e a quem se dá também outro nome que esqueci de anotar — o que aliás estava difícil porque eu caminhava) e Pudluré. Quanto ao *Cão* disse o Capitão desconhecer quem seja. Segundo Penon ao Sol apenas se dirige a seguinte oração: — *Intxun ikra kaipá ke mǎ iramāninpeie* (Pai, me ajuda que dá bom meus legumes). Para Lua não se reza porque foi ela que inventou essas coisas: cobra morder, mosquito morder, adoecer. Apenas em tempo de eclipse jogam-se para cima flechas chamejantes (é a própria ponta da flecha que arde, sem auxílio de qualquer bucha) para que a lua apareça de novo (‘pro

mó de torná a limpá’). Ao mesmo tempo se canta: — *Ê pokokoho katxete!* Frase repetida cantando até que a lua apareça de novo totalmente. Nesta frase, ou melhor, com esta oração se ‘pede mesmo para abrir’. Katxete é a claridade da Lua e não a própria lua. Tanto o Sol como a Lua são chamados de *intxum*.”

D1, pp. 520-521 (4-12-1962):

“Davi {172} me expressou a vontade de andar de avião. Perguntou-me sobre o avião que deixava rastro de fumaça: notou que ele vai mais adiante, mas a zoadá fica atrás. Perguntou sobre a estrela [satélite artificial] que passa devagarinho todas as noites. Disse-me que gostaria de ir à Lua para ver se ela é pendurada no céu ou solta. Aproveitei esta ‘deixa’ para lhe indagar a opinião dos antigos a respeito disso. Disse-me que os antigos não diziam nada sobre isso. Para Marcão {195} e Davi Put é Deus e Pudlur é Pedro (parece que S. Pedro). Como sempre Marcão contou a história do Sol e de Lua e eu mais uma vez não anotei (nem caderneta tinha). Não foi a história toda: apenas trechos. Quando Marcão contou que Deus tinha deixado sua mulher em casa e amarrado a porta e dito a Pedro para não ir lá; e que Pedro ficou pensando “eu vou lá, pois se o compadre não quer que eu vá é porque deve ter alguma coisa lá’ então Davi riu muito, comentando: — É nojento! E quando Marcão contou que Deus avisou a Pedro que a mulher deste já estava chegando e que Pedro gritou para ela: — ‘Ei! Vem cá, minha casa é aqui! minha casa é aqui!’ Davi riu e comentou: — ‘O sujeito quando é safado não tem jeito! Pedro violou a mulher do Sol e deflorou-a porque tem ‘pau grande’. O Sol e a Lua tiveram muitos filhos. O Sol morreu e a Lua enterrou; a Lua morreu e outros enterraram. Suas almas foram para o céu. No mundo ficaram seus descendentes, apenas índios. O mundo foi destruído então pelo fogo. Depois pela água e só se salvaram Adão e Eva. Estes tiveram muitos filhos. Tinham quartos cheios de filhos. Deus então mandou um padre batizá-los. Mas Adão e Eva ficaram com vergonha de mostrarem tantos filhos e só mostraram uma parte deles. Estes foram batizados e se tornaram cristãos; os outros ficaram sem batismo e se tornaram índios.

Perguntei-lhes se era o próprio Deus e o próprio Pedro que saíam no céu. Responderam que não: a Lua é trabalho de Pedro e o Sol é trabalho de Deus, assim como o avião, caminhão são trabalhos do cristão.”

D2, p. 310 (6-11-1963):

“Segundo Marcão {195} primeiro só viviam dois homens irmãos: o Sol e o Lua (Deus e S. Pedro). O Sol fez duas mulheres de cabaças, uma para si e outra para o Lua. O Sol fez um menino em sua mulher; o Lua fez uma menina na dele. Este menino e menina ao crescer casaram e deram origem aos índios. A história de Aukê mostra então como apareceram os cristãos. Depois o mundo acabou com a água e então vem a história de Adão e Eva, sendo que os filhos destes que foram batizados se tornaram cristãos, e os que não foram se tornaram índios. Desse modo ficam conciliadas as versões Krahó e bíblica.”

D2, p. 355 (13-11-1963):

Saí com Kratpê {47} para ele ensinar-me remédios. Entramos pelo caminho do Dodanin. Encontramos com Heruô {153} que vinha com bananas. Soube que o marido tem medo do mênstruo da mulher. Quando ela está menstruada, ele dorme na praça. A mulher tem mênstruo por causa do Lua que violou a mulher do Sol. Depois de violada o Lua cortou palha para a mulher sentar em cima para o sangue não ir para o chão, porque deste modo o Sol pisaria e ficaria amarelo. Quando chegou o Sol lhe disse que se o Lua não tivesse mexido primeiro, não seria assim; mas como foi ele, a mulher teria sangue

sempre. Se o Lua não tivesse mexido primeiro, as crianças não ficariam tanto tempo na barriga da mãe. Bastaria uma noite e pronto, nasceria.”

D2, pp. 451-452 (27-11-1963):

Contou [Patrício] Chiquinho {95} que Deus faz bandeira, tatu, peixe, mosca, mosquito, aranha, calango e quando chove eles vêm com a chuva. — Porque a chuva é que faz toda a coisa; quando molha a semente do milho e do arroz é que vai nascer. A chuva é que faz toda a coisa. E o Sol vai só queimando as frutas. Chuva é *tati*; trovoadas é *katontonko*; relâmpago é *ikutxê*. Perguntei-lhe: — Como os bichos ficam lá em cima? Respondeu-me que Deus é que sabia, ele faz tudo. Perguntei-lhe se Pudluré fazia alguma coisa: — Quando dá fé Pudluré está fazendo só *kāgā* (cobra). Quando Put fez *kāgā* a gente fica com medo, corre e ela não morde. Mas quando é feita por Pudluré, já vai mordendo. Foi por ordem de Pudluré que Put fez mosquitinho, muriçoca, marimbondo. Quando Put e Pudluré estavam comendo, Pudluré perguntou o que iam fazer para não comer sossegado. Aí Put fez as moscas. Put comeu sossegado, mas Pudluré só estava espantando as moscas. Pudluré falou: Assim como foi comigo, o mesmo será para nossos filhos. Put mandou Pudluré amolecer dois beijos de tapioca. Pudluré foi. Mais tarde disse Put: — Vá apanhar o beiju para nós ir embora. Mas Put já tinha feito o beiju de Pudluré virar arraia. Pudluré só achou o beiju de Put. Put perguntou: — Cadê o seu? — Não achei não. Mas Pudluré voltou para procurá-lo até que arraia esporou-o. Pudluré chorou. Put tirou casca de guaíba, raspou, botou em Pudluré e passou. Pudluré dormiu, acordou e levantou. Put perguntou-lhe se tinha ainda dor e Pudluré respondeu que acabara. E Pudluré acrescentou: — Primeiro já me fez assim, e a mesma coisa que vai fazer com nossos filhos. E Put não disse nada. E continua informando Chiquinho: — Quando dá fé é Pudluré que está mandando a chuva, porque, quando vem a lua nova, vem chuva. E Put está fazendo toda a coisa.”

D2, pp.476-477 (29-11-1963):

“Contando um pedaço da história do Sol e da Lua [José Nogueira {56}] citou algo que me interessou: o Sol, quando soube que sua mulher tinha sido deflorada pela Lua e que estava com ‘boio’ proibiu-a de comer carne de paca e de tatu nesse estado, pois senão ficaria com cabelos brancos. Um outro trecho da história me interessou porque confirma o que já disse Marcão {195}: Put teve um filho homem; Pudluré teve uma filha mulher. Este homem casou com essa mulher dando origem aos índios. E acrescentou José Nogueira que essa mulher concebia depressa porque era filha de ‘Deus’ (por certo aqui quer dizer Pudluré). E assim teve início a aldeia dos índios. Quando já havia quatro aldeias Put e Pudluré resolveram ir para o céu.

Se kupen foi antigamente índio, o mesmo não aconteceu com os vegetais, que Deus fez diretamente.”

D3, p. 59 (7-1-65):

“Piken {232} me contou que quando o Sol viu a Lua fazer coisa ruim, quis mostrar que também sabia fazê-las e fez a cascavel. Tudo o que o Sol fez é Wakmenyê e os [palavra ilegível] que o Lua fez são Katamyê, porque o Sol é Wakmenyê e o Lua é Katamyê.”

D3, p. 67 (9-1-1965)

“De manhã Davi {172} terminou o vocabulário padrão e ainda contou um mito na língua Krahó. Davi ainda contou trecho do mito do sol e da lua. O Sol não podia zangar com o Lua porque eles eram apenas duas pessoas. Quando o Lua foi escolher a cabaça

para ser sua mulher, o Sol lhe dizia que as cabaças mais bem feitas estavam verdes e lhe indicava como maduras as cabaças feias e cheias de furos. Depois de fazer as mulheres o Sol resolveu fazer seus filhos: colocou uma cabaça na água, que se transformou em mulher e um crouá, que se transformou em homem. Conta Davi que o Lua deflorou sua mulher no mesmo dia em que a recebeu, nem esperou. O Sol era irmão do Lua, mas se chamavam de Hopin. Um gostava muito do outro.”

D3, pp. 134-135 (23-1-1965):

“De noite Penon {158} contou-me episódios da história de Put e Pudlure. Também ele confunde Pudlure com Pedro Malasartes e contou o episódio da panela que cozinhava sem fogo e da raposa que caçava caititu. Contou ainda como Pudlure provocou o aparecimento do muruim (pram’rε), da cobra, da morte. O episódio do chapéu do pica-pau, do incêndio, das duas capivaras, da enchente, do buriti. Quando perguntei por que, sendo Pudlure ruim, Put não acabava com ele, Penon respondeu que ele não podia, pois era seu companheiro e andavam apenas os dois. Ao narrar o episódio do incêndio, depois que o incêndio passou e Put foi procurar Pudlure, Penon põe na boca de Put mais ou menos essas palavras: — Vou procurar meu companheiro, senão, se morrer, com quem vou conversar?

Dessas palavras de Penon, concluímos que, apesar de Pudlure ser ruim, Put tinha necessidade dele.”

D3, pp. 135-136 (24-1-1965):

“Hoje fui ao Posto almoçar com o Cândido [encarregado]. Basílio {121} acompanhou-me. Foi-me contando a história de Pít e Pudlure. Não vou transcrevê-la. Vou apenas chamar a atenção para certos pontos importantes. Comentou Basílio que, se ele fosse Pít, não atenderia Pudlure quando este pedisse a Pít para fazer algo ruim. Perguntei-lhe por que Pít não liquidava com Pudlure; ele a princípio não soube o que responder. Mais adiante disse que não o fazia porque eles andavam só de dois. Na volta ele continuou a contar a história. Soube então que Pít fez uma mulher (depois de ter feito a sua própria e a de Pudlure) com uma cabaça. E fez o primeiro homem com um fruto de croatá. O primeiro homem teve relações sexuais com a primeira mulher e nasciam filhos todos os dias. Um dia ela pare menino e no outro menina, alternadamente. Os filhos cresciam muito depressa e também tinham relações sexuais entre si e lhes iam nascendo crianças da mesma maneira. Assim a população aumentou depressa.

Basílio distingue a história da criação como a contam os Krahó da história contada pela Bíblia (ele mesmo falou em Bíblia).

Esqueci-me de registrar que quando eu perguntei por que Pít não liquidava com Pudlure, Basílio respondeu-me com uma outra pergunta, mais ou menos assim: — Você gostaria que a noite fosse completamente escura, sem nada para iluminar?

O Sol, portanto, sempre dá, quando o Lua pede, mas dá de má vontade. E quando forçado a dar, dá agredindo. Dá, mesmo o mal, se Lua lhe pedir. Diríamos que o Sol é o indivíduo, que não quer partilhar o que tem com os outros, mas é obrigado a fazê-lo.”

D6, pp. 85-86 (7-3-1971):

“Ao entardecer, na fonte, a mulher {122} de Basílio {121} me perguntou como se chamava o arco-íris, mostrando-o no céu. Disse-me que o chama de Pítókapro (sangue do Sol). Disse que tinha medo. Basílio confirmou e disse ser anúncio de gripe ou de morte de índio. Contou-me trechos do mito de Sol e Lua. Quando falava em Sol ou

Deus, apontava para o Sol. Na partilha das duas capivaras, o que o Sol pretendia era que cada capivara fosse dividida ao meio. O pé do céu fica a leste porque o vento vem de lá. Hartat viu o pé do céu. Talvez essa crença esteja ligada com o sepultamento a oeste da aldeia. Diz Basílio que a doença continua nos ossos do morto. Não se pode sepultar a leste. Agora pergunto eu; não será por causa do vento que, soprando de leste, levaria a doença para a aldeia? Na narrativa de Basílio fica claro que o Sol salvava Lua porque não queria andar sozinho, queria com quem conversar.”

D6, p. 190 (23-3-1971):

“Manoel Bertoldo {371} mandou-me chamar para contar mitos. Contou-me Sol e Lua, Aukhe, Adão e Eva. Neste último ocorre várias vezes a palavra krankó, que ele traduziu como ‘batizar’.”

D6, p. 248 (1-4-1971):

“Contou-me José Aurélio {138} que sua avó lhe mostrava um sinal bem no meio da Lua e dizia que tinha sido ali que o Sol queimara o outro herói. Assim, pois os Krahó confundem mesmo o herói mítico com o astro.”

<u>Página inicial</u>	SUMÁRIO dos mitos
------------------------------	------------------------------

ORIGEM DO FOGO

A versão abaixo foi transcrita com uma ou outra modificação do diário de campo, onde, por sua vez, foi anotada a partir da caderneta de campo, também tendo passado por modificações. Uma outra versão, que também colhi entre os craôs, foi publicada em *Ritos de uma Tribo Timbira* (Melatti, 1978, pp. 325-327). Harald Schultz (1950, pp. 72-75) anteriormente colheu um também com os craôs.

[Origem do fogo]

Narrado por José Pinto {150}
em 25-9-1963.

Transcrito do diário de campo D2, pp. 43-45.

Houve um tempo em que não havia fogo e os índios assavam os alimentos no sol. Um rapazinho do tamanho de Sorrão {155} [que tinha então uns 15 anos de idade] foi convidado pelo cunhado para tirar arara. Cortaram um pau para alcançar o buraco. A arara já estava empenada [emplumada] e queria morder, razão por que o rapazinho não a queria tirar do buraco. O cunhado insistiu para que ele a tirasse, mas, como ele não o fizesse, zangou-se e derrubou o pau.

O rapazinho ficou lá em cima. Ficou magrinho. A onça veio beirando o pé da serra e, vendo a sombra do rapaz no chão, quis pegá-la. O rapaz então cuspiu no chão. A onça deu então com a causa de seu engano e perguntou: “O’, por onde você subiu?” “Foi o cunhado que me pôs aqui em cima e eu estou para morrer de fome.” A onça pediu-lhe araras; o rapaz jogou duas e ela comeu. Em seguida ela mandou que se jogasse. O rapaz teve medo que ela o devorasse. Como ela insistisse e o acalmasse, dizendo que não ia comê-lo, pois já tinha devorado as araras, ele se jogou. A onça segurou-o e levou-o nas costas.

Estava magrinho, com sede, com fome. Passaram por uma fonte. A onça não o deixou beber, afirmando que aquela água fedia e era de urubu. Passaram por outra fonte. A onça novamente não o deixou beber, pois não era água de gente. Finalmente chegaram a um lugar onde havia água boa. Ela o aconselhou a beber pouco, pois senão morreria. O rapaz também se banhou, pois estava sujo de poeira.

A onça então levou-o para a mulher dela. Disse à onça fêmea que ficasse com o rapazinho para não ficar sozinha. Na casa da onça havia fogo. A onça macho recomendou-lhe que ficasse com o rapazinho, pois ia caçar. Assim que o marido saiu, a mulher virou-se para o sobrinho e disse: “Sobrinho, olhe-me, o que é isso?” — pondo as unhas para fora. O menino chorou e foi atrás da onça macho. “Eu já estou cansado de dizer para sua tia para ficar quieta!” Voltou, sentou um bocado e saiu de novo. A onça fêmea continuou a pôr as unhas de fora. O menino outra vez correu atrás do macho. No outro dia, a mesma coisa.

Aí a onça macho fez-lhe um arquinho, flechinhas e recomendou ao rapaz: “Quando ela lhe mostrar as unhas, flecha-a bem na mão e corre. A sua aldeia fica bem pertinho. Basta ultrapassar a serra e estará na aldeia.” Como a onça fêmea mostrasse novamente as unhas, o rapazinho flechou-lhe bem o centro da pata e correu. A onça estava grávida e não se esforçou em pegá-lo.

Ao chegar à aldeia, o rapaz avisou: “Olhem, acolá há fogo.” Aí os rapazes que corriam bem foram apanhar o fogo. Foram matando bichinhos de pena, ratinhos e levaram. Chegando à casa da onça, entregaram-lhe a caça: “Olha, minha tia, olha o teu comer!” A onça pedia: “O’ meu sobrinho, tire uma brasa para mim.” Aí foram correndo até chegar em casa. E o povo começou a tirar brasas para fazer fogo em casa e aí começaram a fazer coisa assada. Assim apareceu o fogo.

<u>Página inicial</u>	SUMÁRIO dos mitos
------------------------------	------------------------------

A MULHER-ESTRELA

Abaixo estão duas versões do mito da Mulher-Estrela (*Katxekhwoi*, *katxe* = estrela, *khwoi* = sufixo que indica feminino), referente à origem da agricultura. Uma mais longa, mais explicada, e outra, mais telegráfica. A primeira acentua a existência de uma como que árvore do milho perto da “fonte”, o lugar onde os habitantes da aldeia tomam banho e se abastecem de água. A segunda refere-se à uma ida da Mulher-Estrela ao céu, onde recebe as sementes e mudas de sua mãe. Harald Schultz (1950, pp. 75-86) publicou três versões do mito. Na primeira, a Mulher-Estrela mostra a comestibilidade do milho e da bacaba, que já existiam na terra e também ensina o uso da mandioca e do inhame, sem que fique claro se os trouxe do céu. Na segunda, ensina a coestibilidade do milho, que os índios já plantavam, mas só por “boniteza”; os outros vegetais traz do céu. O mesmo acontece na terceira, só que o milho dava espontaneamente à beira d’água. A versão canela (Nimuendaju, 1946, p. 245) faz referência apenas ao milho, que brotava junto da fonte. E na apinajé (Nimuendaju, 1956, mito 3), o milho dava junto à fonte e os demais vegetais foram trazidos do céu.

Katxekhwoi

Narrado por Pedro Penõ {158}

em 16-11-1963.

Transcrito do caderno “Mitos Ritos” (MR), pp. 80-86.

Havia um rapaz que não tinha casado nunca e os seus colegas já haviam casado todos. De vez em quando ele dormia no centro da aldeia, cantando toda a noite. *Katxeré* [*katxe* = estrela, *ré* = diminutivo] pensou lá em cima: “Ah, eu vou casar-me com esse rapaz, porque ele não arranjou mulher; vou descer.” Na outra noite ele estava deitado no pátio e *Katxeré* desceu. O rapaz já estava dormindo. Ela se transformou em sapinho e veio pulando. Sentou-se na goela dele. Ele pegou-a com a mão e atirou-a para longe de si. Ela tornou a vir sentar-se na goela dele. Ele a jogou outra vez. Ela veio de novo. Ele jogou. Então *Katxeré* lhe disse: “Sou eu quem estou vindo aqui e você me está jogando longe.” Ela já se tinha transformado numa mulher alva, na praça da aldeia. O rapaz lhe respondeu: “Ah, eu estava pensando que era um sapo!” “Agora nós vamos deitar.” *Katxeré* deitou e perguntou ao rapaz: “Você é rapaz solteiro?” “Sou solteiro.” “Você não tem noiva não?” “Está-me desgostando porque eu nunca achei noiva e estou solteiro todo o tempo.” *Katxeré* disse: “Você é solteiro, eu sou também, eu não arranjei marido por lá, e toda a noite vejo você sozinho, e então eu vim até você para conversar, saber se você me quer e então nós casaremos.” “É, dá certo para nós casarmos, porque, como você não arranjou, eu também não tenho, eu não faço questão, porque eu estou no tempo de casar, não acho mulher e agora estou achando.” “Bem, agora nós dormimos.” Dormiram.

Quando já estava amanhecendo, *Katxeré* falou: “Agora, você tem uma cumбуquinha?” “Tenho.” O rapaz escondeu *Katxeré* na cumбуquinha, tampou-a, pendurou-a e foi para o mato. Quando voltou, destampou a cumбуca e *Katxeré* estava rindo para ele. Passaram-se muitos dias, ele sempre destampando a cumбуquinha e ela sempre rindo para ele e, quando à noite, ele a tirava da cumбуca e ia dormir com ela lá fora. Quando o dia vinha clareando, ele a colocava na cumбуquinha e ia banhar-se.

A irmã do rapaz já estava cansada de ver ele tirar a tampa da cubuca e rir: “Mas para quem é que meu irmão ri aí na combuquinha; quando dá fé tem alguém. Quando ele for para o mato, eu vou destampar a cubuca. Sempre que volta para casa, destampa a cubuca e ri; quando dá fé tem alguma coisa para ele.” Quando ele saiu para o mato, a irmã foi falar com a mãe. “O’ mãe, eu quero subir e tirar a combuquinha para ver o que é que tem, porque todo dia, quando ele chega do mato, destampa a cubuca e ri.” A mãe respondeu: “Não, não mexa com os teréns de seu irmão; ele pode chegar e ver mal fechada a tampa e vai zangar-se.” A irmã do rapaz respondeu: “Não, não vou mexer em nada não, vou apenas ver.” Subiu, apanhou, destampou e *Katxeré* riu; era bonitinha mesmo!” Aí a irmã tampou novamente, porém mal; desceu e foi contar para a mãe: “Oh, mãe, há uma coisa bonitinha mesmo, alvinha mesmo, destampeei, ela riu para mim, conheceu, baixou o rosto; por isso é que seu filho destampa para rir para a cubuca.” Aí o irmão chegou, viu a tampa da cubuca e falou, zangado: “O’ mãe, quem mexeu na cubuca?” “Foi sua irmã. Ela mexeu, eu briguei e ela foi embora.” Quando já ia escurecendo, *Katxeré* falou ao rapaz: “Agora você manda fazer cama e eu vou sair, porque sua irmã já me viu.” E o homem falou (com a mãe?): “Agora você vai fazer cama aí mesmo para mim, porque eu não vou mais dormir no pátio.” Ela fez a cama. Ele tirou a cubuca, desceu, destampou-a, saiu a moça. Ela conversou com a velha, com a cunhada. Não ia mais esconder-se não. O povo de outra casa viu e comentou: “Eta! Aquele rapaz casou com moça bonita mesmo.”

Nesse tempo os índios comiam toda coisinha ruim do mato. Não havia mandioca, nem milho, nem arroz etc. Aí o rapaz já havia “mexido” [copulado] a moça [*Katxeré*], já a tinha emprenhado, e outro “ajudou” [a engravidá-la]. Então nasceu o menino. Havia pé de milho na fonte e os periquitos gritavam no pé de milho. *Katxeré* perguntou: “Onde é o banheiro aqui?” O rapaz levou-a para a fonte e ela viu o pé de milho, com os galhos cheios de espiga. Ela viu os caroços no chão, que periquito tirava. *Katxeré* falou: “Vá buscar fogo, porque eu quero fazer paparuto desse milho, porque é comida boa.” O marido foi até a casa e de lá trouxe o fogo. Ela acendeu, juntou milho, ralou no ralador de pedra, pisou, fez quatro paparutos grandes, moqueou e, quando estavam assados, tirou. Quebrou um pedaço e deu para o marido. Este não quis comer, com medo de morrer. Ela insistiu. O marido experimentou, comeu bem, bebeu. Levaram o paparuto para a casa. Mostraram-no aos outros e juntaram-se muitos para verem o paparuto. Comeram muito. A mulher falou: “Há muito (milho) aí, vão fazer paparuto, é comida boa, vocês estão comendo comida ruim, que não serve.” Ensinou aos outros a fazerem paparuto e todos acharam bom.

Havia uma aldeia longe como o Canto Grande [um dos nomes anteriores da aldeia de Cachoeira] e *Katxeré* mandou buscar lá um machado. Mandou dois rapazes, do tamanho de *Ponhutoro* {144} e *Pascoal* {38} [dois rapazes da aldeia do narrador, então com cerca de 21 e 19 anos respectivamente]. No meio do caminho eles encontraram um velhinho (ficara velho porque tinha comido uma certa caça), na beira da estrada. Os rapazes lhe disseram: “Como vai, *kedere*?” “Como vão?” “Que está assando?” “Eu estou assando uma caça.” “Nós queremos comer também!” “Não, sigam a viagem, se vocês comerem, ficarão velhos assim mesmo [como eu]!” “Não, nós vamos comer porque estamos com fome.” “Então tirem uns paus, para depois poderem caminhar.” “Vamos tirar, nós não vamos ficar velhos não, é mentira.” Tiraram os paus, trouxeram e deixaram. Quando a caça estava assada, o velho a tirou da cinza, esfriou e repartiu, dando uma banda para os rapazes. Eles comeram. Deitaram para descansar. Dormiram. Quando acordaram já eram velhinhos, caducos, do tamanho de *Pëtyaka* {112} [velho da aldeia do narrador então com cerca de 70 anos], não prestando mais para caminhar

ligeiro. O velho lhes disse: “O’, não estou dizendo? Vocês agora voltam para trás, vocês vão custar a chegar, não chegarão hoje, só daqui a três dias.” E eles voltaram. Passaram dois dias, veio outro [rapaz] e encontrou com eles, soube da história e foi buscar o ferro [machado]. No mesmo dia voltou, ainda passou de novo pelos dois velhos e chegou à aldeia antes deles. E lá disse: “Os dois velhos não chegam já não!” “Que velhos?” “Aqueles rapazes que foram, já estão velhinhos!” Mais tarde eles chegaram. Falaram-lhes: “O’, por que fizeram isso! Foram comer a caça do velho, poderiam ter passado por ele sem parar; vocês não vão mais andar como antes!”

De manhã o povo foi cortar pé de milho; quebraram muito milho. Fizeram paparuto, pão de milho. *Katxeré* falou ao marido: “Agora você fazer uma roça para você ver eu plantar.” Ele brocou, derrubou e, quando secou, queimou. *Katxeré* foi buscar semente lá em cima [no céu]. Subiu daqui mesmo. Trouxe amendoim, abóbora, melancia, batata [doce], inhame, mandioca, banana, fava, trouxe semente de tudo, arroz, olho de cana. Ela desceu e ensinou o marido a plantar tudo. A roça estava cheia de legumes.

O filho de *Katxeré* nasceu e aquele que “ajudou” o marido dela [a fazer a criança] estava comendo coisa ruim, o que fez mal à barriga do menino. *Katxeré* se zangou. Foi fazer “remédio” para os dois “ajudantes” do marido. Tirou timbó (que mata peixe), machucou no cuião, tirou a água (suco) do timbó, água escura, chamou-os e lhes deu para beber. Eles beberam e o timbó lhes fez mal à barriga, que inchou. Eles morreram. O filho de *Katxeré* morreu.

E ela voltou para o *koikwá* (céu). O marido ficou na terra solteiro. Ela ensinou o marido tudinho o que se fazia com a semente quando estivesse boa, e ele tomou conta da plantação até o tempo da colheita, e colheu os legumes todos. Colheu arroz, milho, amendoim, batata, inhame etc. Todos os anos, daí por diante, botava roça. Os outros começaram a fazer roça também, porque essa era comida boa. Agora os outros aprenderam, e já estão fazendo roça, e plantando aquelas coisas.

[*Katxekhwoi*]

Narrado por José Pinto {150} [D6, p. 297]
em abril de 1971.

Transcrito do caderno “Ritos e Mitos” (RM), pp. 114-116.

Katxekhwoi chegou com milho. O noivo dela já está gritando. Já estava tudo casado. A estrela já estava abusada. Chegou a estrela. Era bonita. Era moça ainda. Era bonita, alva de cabelo comprido. Sentou nas costas dele. “Quem está sentando aí?” E botou para fora. E tornou a sentar. “Vai deitar quem está me sentando aí?” E botou para fora. E tornou a sentar. “Vai deitar quem está sentado aí.” “Para que está arribando para mim?” Era bonita, peitinho durinho. “Porque está fazendo assim?” “Eu não sei. E vou deitar aqui. Você já está casado?” “Não, eu estou solteiro, estou sem mulher, deitando sozinho.” “Quer casar comigo?” “Eu quero, você não vai embora?” “Não, eu vim casar com você.” Aí casou. Aí fizeram *abaini* [relações sexuais] bom e encheu logo, apanhou menino na barriga.

Aí menino nasceu. Ficou já durinho. Aí mandou o marido. Estava comendo a puba do pau. Comendo terra. Mandou o marido: “Agora você vai brocar roça e derrubar.” Levou lá para o mato. “Você vai cortar bem aqui e bem aqui.” E ele fez. Brocou e derrubou. Quando já estava sequinho, botou fogo. Queimou. “Agora nós

vamos lá para a roça para você me esperar.” Ele foi para a roça, banhou menino. O menino dormiu, ela deu para o marido. “Olha, você segura bem, é meio longe.” Aí tinha o cipó comprido. *Katxekhwoi* mesmo fez a subida. “Olha, eu vou lá na minha mãe, quando eu já vier pertinho, o cipó já está balançando.” Aí subiu. Aí a mãe dela arrumou de comer: batata, arroz, inhame, mudubim, mandioca, abóbora, arrumou sementinha de melancia. O menino acordou, já estava chorando. O pai estava segurando. O cipó já estava mexando: “Não chora não, a sua mãe já vem vindo.” Quando chega mais perto o cipó balança mais forte. Chegou com o cofo, pegou menino e deu de mamar. “Agora você vai comer, tem abóbora, banana, arroz cozido, tem beiju.” “Não, senão eu morro.” “Não morre não, isso que você está comendo é terra, pau-puba, é cupim.” Só comeu um pouquinho, experimentando. Aí levaram para a aldeia, deu para o povo comer, plantando semente etc.

O menino já está caminhando de quatro pés. O menino adoeceu. Caganeira, vômito e morreu. A mãe pegou cipó, fez uma cuia para o marido beber. Aí bebeu e morreu. Aí subiu. Aí depois já teve milho. Aí fizeram a festa do milho.

<u>Página inicial</u>	SUMÁRIO dos mitos
------------------------------	------------------------------

ORIGEM DA ALDEIA CIRCULAR?

Das duas narrativas aqui apresentadas, a primeira tem duas outras versões publicadas: uma por Harald Schultz (1950, pp. 144-151) e outra por mim (Melatti, 1978, pp. 318-320). Uma versão dos canelas (ou talvez apaniecrás, o pesquisador não cuida de distingui-los), índios timbiras como os craôs, foi publicada por Pompeu Sobrinho (1935, pp. 200-203). As versões que tomei, a publicada e a que segue abaixo, partem de um incesto mãe-filho, mas na tomada por Schultz, a mulher, em vez de incestuosa, é apenas adúltera. Na versão divulgada por Pompeu Sobrinho, a relação sexual ilícita é da sogra com genro. *Pëdwö* (que significa “cabaça alongada”) que se retira de casa com as filhas, envergonhado pelo incesto ou adultério da esposa. Esse nome só aparece na versão craô que publiquei e na versão tomada por Pompeu Sobrinho. Somente nas craôs os pedacinhos da vulva da moça violentada colocados no alto de forquilhas se transformam em mulheres e casas. Na versão abaixo transcrita, que escrevi no diário de campo de memória — se bem me recordo, eu a ouvi numa caminhada com o narrador —, usei o termo clitóris, talvez de modo inadequado; não consegui entender exatamente que parte da vulva teria sido objeto de divisão e transformação. Na versão colhida por Schultz, as aves que violentam a moça, além das seriemas, são também gaviões, urubus e urubus-reis. Mas como os urubus e urubus-reis puseram partes não genitais do corpo da moça no alto das varas, não conseguiram a transformação. Varela, um craô achava que esse mito referia-se à origem homem, tal como o do Sol e de Lua ou o de Adão e Eva. É possível que seja o mito da origem das aldeias circulares, embora o narrador da versão abaixo diga que as relações das mulheres com as seriemas deram origem a seriemas.

A segunda narrativa que segue abaixo parece uma versão bastante atenuada do mesmo mito, tão atenuada que se torna quase irreconhecível. Não parte de um incesto ou adultério, mas apenas das reclamações de um velho, que se queixava do barulho que faziam rapazes de moças. Esses jovens de ambos os sexos é que se retiram. Não encontram o ser de longo pênis chamado *Autxetpüruré* (contração de *Autxetiapüruré*; *autxet* = tatupeba, *iapî* = cauda, *ru* = [desconheço], *ré* = diminutivo); o perseguidor é um jacaré (na versão de Schultz, além de *Autxetpüruré*, perseguem a moça dois jacarés). A mulher que se perde do grupo não é uma mocinha nova, mas uma cunhã madura, que acaba numa aldeia, não de aves, mas de quatis, que a “comem”, sem que minhas anotações deixem claro se em sentido real ou metafórico. E aí termina, sem que criem com a mulher, ou seus restos, qualquer coisa nova.

[Sem título]

Narrado por Basílio {121}

em 24-1-1965.

Transcrito do diário de campo D3, pp. 136-139.

Basílio também contou a história do homem que tinha um filho e três filhas. O filho teve relações sexuais com a própria mãe. O pai, com vergonha, resolveu sair da aldeia e convidou as filhas para acompanhá-lo, se quisessem. Uma das filhas respondeu: “Não, eu vou também, pois não quero morar com cachorros” (referindo-se ao irmão e à mãe). O pai transformou-se em cavalo e as duas filhas mais velhas também. A caçula

não conseguiu. Transformado em cavalo, o pai deflorou as duas filhas. Aí já se esqueceu do que lhe acontecera em casa.

Chegaram aonde *Autxetp̄iruré* estava tinguindo peixe. *Autxetp̄iruré* era um peba com um pênis compridíssimo, que enrolava em torno da cintura e do pescoço. O pai e as filhas, transformados, parece, em *tép'kriti* [martim-pescador], começaram a apanhar peixe. *Autxetp̄iruré* estava zangado porque aqueles passarinhos não o tinham ajudado a bater timbó e, no entanto, aproveitavam-se de seu trabalho. A filha caçula, que não se transformara, foi apanhar peixe assim mesmo. *Autxetp̄iruré* pensou então que era ela que estava apanhando peixe e gostou de sua pintura e perguntou como se fazia. Ela respondeu que moqueando-se. *Autxetp̄iruré* também quis moquear-se e ela lhe fez a vontade. Foram embora.

A caçula voltou para ver *Autxetp̄iruré*; este perguntou-lhe se já estava bom. Ela respondeu que tinha de ficar mais um pouco. Pouco depois ele pediu para sair e ela o tirou. A “água” de seus “grãos” e de seu pênis tinha apagado, esfriado as pedras. *Autxetp̄iruré* os perseguiu.

O pai fez um pé de buriti abaixar-se, subiu nele com as filhas e ele alteou. Quando *Autxetp̄iruré* chegou perto, a filha mais nova cuspiu lá de cima e ele os percebeu. Perguntou então como eles tinham subido. Respondeu o pai que através de uma corda. Pediu então *Autxetp̄iruré* que o içassem. Eles o içaram até o meio e depois o deixaram cair. *Autxetp̄iruré* transformou-se então em *paiti* (parece que se escreve assim mesmo; diz Basílio que *paiti* é o “companheiro” do caranguejo da água). O pai e as filhas desceram.

O pai e as filhas mais velhas se transformaram em *pó* [veado campeiro]. O pai continuava a ter relações sexuais com as filhas. Depois transformaram-se em emas. E o pai continuava a ter relações sexuais com as filhas.

A caçula não conseguia transformar-se. Achou o caminho das seriemas e seguiu. Ficou no alto de uma árvore. Um menino-seriema veio buscar água e ela, com cuspe (parece), partiu a cabaça. O menino voltou para a casa. Os seriemas machos não queriam dar-lhe comida (não me lembro que comida). O menino então lhes falou: “Se vocês não me derem comida, não lhes direi onde está uma moça bonita para vocês foderem.” Os machos logo lhe deram comida. Quando estava comendo, o menino disse: “Era mentira, não há moça nenhuma!” Então os machos lhe tiraram a comida. O menino tornou a dizer: “Se não me derem a comida, não lhes direi onde está uma moça bonita!” Deram-lhe a comida novamente. Ele comeu e logo depois foi mostrar.

Um macho logo ordenou que a moça descesse. Assim que ela desceu, ele derrubou-a e foi logo introduzindo o pênis. Os outros também foram introduzindo o pênis em toda a parte do corpo da moça: entre os dedos dos pés, no olho, atrás da orelha, no sôvaco. A moça morreu da catanga.

Eles então lhe tomaram o clitóris e dividiram em muitos pedacinhos. Cada macho colocou um pedacinho numa forquilha. As forquilhas estavam colocadas em círculo. Foram caçar, parece. Quando voltaram, os pedacinhos de clitóris se tinham transformado, cada um numa mulher, e cada mulher estava fazendo sua casa. O pedaço de clitóris daquele que tinha apertado mais a moça não se tinha transformado. Então ele molhou-o e foi embora. Quando voltou, ele já se tinha transformado em mulher. Os filhos desses seriemas machos com essas mulheres nasceram seriemas.

[Sem título]

Narrado por Messias {97}
em 29-10-1963.

Transcrito do caderno “Mitos Ritos” (MR), pp. 58-61.

A rapaziada andava vadiando [brincando, copulando] com as cunhãres novas [jovens] toda a noite. Um velhinho falava para o pessoal ficar quieto para ele dormir. E a rapaziada e as moças pararam e escutaram o velhinho, que andava xingando no pátio. O rapaz mais velho combinou com o pessoal para saírem para outro rumo. As cunhãs novas começaram a tirar massa [de mandioca] nas casas das mães, escondido. O pessoal todo saiu de noite, calado. Só rapazes e moças. Fizeram rancho no mato. Andavam caçando coisas para comer. Os pais (homens) da rapaziada foram atrás para falar para os filhos voltarem. Mas não voltou ninguém. Pois estavam zangados com o velho. Os rapazes e moças viajaram de novo. Pararam de novo e fizeram rancharia. Andavam caçando e tarde atravessaram um riacho.

Porém uma cunhã madura, que acompanhava os moços e moças, ficou apanhando coco piaçava. Chegou com os cocos, mas o pessoal já tinha saído. A cunhã procurou e foi atrás do pessoal. Parou à beira d’água. Depois gritou por quem a atravessasse. Aí um jacaré apareceu e falou: “Encosta cá, deixe eu atravessar com você”. Aí ela falou: “Não, eu estou com medo de você!” “Não, pode encostar, eu atravesso você!” Aí ela sentou-se em cima do jacaré e ele disse: “Você me xinga: *Mĩti, Mĩti, tokóhudi iapuhudi!*” “Não eu não xingo não, senão você me come!” Mas quando já estavam perto da beirada, ela o xingou, virou nambu e voou, pousando no seco. Aí o jacaré subiu no seco e correu atrás. Ele já vinha vindo perto e a cunhã subiu no pau [numa árvore]. Aí o jacaré veio procurando, mas ele não sabia subir e ficou embaixo.

Então *Mĩti* (jacaré) falou para *Peturé* (formiga, que anda em correção): “Sobe atrás, derruba esta cunhã, para mim comer.” A cunhã porém não deixou *Peturé* chegar perto, porque fez: “Pfu! Pfu! Pfu!” (cuspindo). Aí *Mĩti* imaginou: “Espere aí, deixe eu buscar não sei o que!” E foi para o riacho. Então a cunhã desceu e correu novamente.

Mĩti procurou de novo, pegou o rastro dela, até chegar na D. Ema, que estava fiando algodão. A cunhã chegou [tinha chegado antes] e falou para a Ema: “Olha, *tĩi*, quero que você me esconda!” Aí a cunhã virou morcego e ficou no sovaco da ema. Aí o jacaré apareceu, procurou rastro, não encontrou, e perguntou à ema: “Sá dona, quero que você me dê notícia de camarada que entrou no meio de você”. “Não sei, eu não vi, eu estou aí fiando algodão e eu não vi quem passou. Pode procurar no meu camarim”. “Às vezes você escondeu!” “Não, não escondi não!” O jacaré procurou no camarim da ema até cansar. E então foi embora. Aí a cunhã atrás dos outros, outra vez. O jacaré já deixou.

Ela chegou à aldeia dos quatis (*Kupēwakō*). Aí os *Kupēwakō* pegaram a cunhã. E comeram a cunhã. A rapaziada que deixou a cunhã caminhou e fez rancharia. Fizeram então aldeia (de rancharia).

<u>Página inicial</u>	SUMÁRIO dos mitos
-----------------------	----------------------

ORIGEM DOS CÂNTICOS

Seguem aqui alguns mitos dentre os narrados pelos craôs sobre a origem dos seus cânticos. Um deles, mais longo, inclusive devido ao estilo reiterativo do narrador, Abel, conta como um rapaz saiu da aldeia busca de quem pudesse curar sua enfermidade. Depois de cruzar uma lagoa e acampar, passou a noite ouvindo os cânticos entoados por diversas aves, que ele decorou. Então aproximou-se dele um gavião que, além de curá-lo, concedeu-lhe poderes xamânicos. Retornou então à aldeia, onde ensinou a seus moradores tudo o que ouviu. Seus aprendizes parecem cantar em horários diferentes, conforme sejam da metade *Wakmëye* ou *Katamye*, mas não está claro. Ao mesmo tempo defendia a adoção desses novos cânticos, que ele considerava mais belos que os antigos. Também ensinou-lhes o rito de *Pembkahëk*. Seus poderes mágicos permitiam-lhe ver onde estava a caça e enviar os caçadores na sua direção. A comunicar-lhes seu iminente ou recente casamento, parece recomendar-lhes o respeito à mulher alheia, como que a resguardar-se, mas o trecho é obscuro. Após ensinar-lhes o rito de *Pembkahëk*, comunica-lhes que está se mudando para outra aldeia, a de sua esposa.

Para as aves cujos cânticos o personagem mítico ouviu, e cujos nomes o narrador só deu na língua craô, usei as identificações que fez um outro índio, em outra ocasião, sobre as fotos do livro *Aves*, organizado por Flávia da Silveira Lobo (1963): *krotpó're* = colhereiro, p. 135; *kraukrauré* = socozinho, p. 112, ou pavãozinho-do-pará, p. 251; *kentóiré*, galinha d'água, não foi identificado no livro, mas sim *kentóiti* = saracura, p. 248; *kutxuiti* = pato do mato, p. 198 ou ananaí, p. 199; *tép'kriti* = martim-pescador, pp. 148-149; *protot* = guará, pp. 136-137.

Enfim, o personagem desse mito se parece com o herói *Tirkrë* (Melatti, 1963). Ele estava doente e é curado por uma ave, o gavião. Recebe poderes xamanísticos. Aprende o rito de *Pembkahëk*. Dele difere por ter chegado a uma lagoa, ao invés de ser levado aos céus, e porque traz cânticos da praça e da rua circular (“redor”, como diz o narrador), o que parece que *Tirkrë* não fez.

Os outros mitos são mais curtos. Acrescentei ainda algumas informações avulsas constantes de meu diário de campo. O irrequieto passarinho preto, *Kukrit iakhokhoi*, também entoador de cântico aprendido pelos índios, não sei como identificar. Juarez, que narrou sobre ele, era apinajé, mas morava desde pequeno com os craôs.

[Sem título]

Narrado por Abel {395}

em 21-1-1965.

Transcrito do caderno K4, pp. 76-90.

Um rapaz estava doente. Saiu falando para mãe: “Mamãe, eu estou doente toda a vida, como é que eu melhora nesta aldeia. Não estou aguentando não! E assim eu peço a você para me deixar fazer uma viagem para o rumo da serra.” A mãe disse: “Você pode ir, mas eu estou pensando que você não volta mais. Eu tenho medo.” A mãe disse: “Deixa eu matar galinha.” “Eu vou esperar, mas faça depressa que o sol já está esquentando e eu não posso andar com o sol quente.” “Você é sozinho e eu não quero que você viaje, mas como você está doente e como eu não tenho como te curar, eu deixo, mas você volta.” Aí ele viajou, depois de pronta a galinha, que ele botou num

saco. Caminhou um pedaço e já ia chorando com pena da aldeia, que a mãe falou que ele era só mas que era homem... Aí foi, foi e meio-dia descansou. As mutucas o mordiam, mas ele não matava, só pegava e punha na cumбуquinha. “Esse bicho está me mordendo, mas eu não vou matar não, eu pego, para levar; talvez ele faça um jeito para eu viver.” Aí ele viajou outra vez. Já estava meio-dia. Caminhou, caminhou. Já era de tarde.

Estava perto da lagoa grande para atravessar. Ele ficou na beira da lagoa. Bicho estava cantando, cantando e ele assuntando. Assuntou um bocado desse lado onde estava. Aí ele pensou: “Não, eu vou atravessar hoje, talvez seja fundo, mas eu não tenho medo, vou atravessar!” Foi indo, indo e a água já estava bem na cintura. Atravessou, subiu e os bichos não mexeram com ele, nem peixe, nem nada. Subiu e anoiteceu logo. Ele quebrou folhas, forrou o chão para deitar. Depois que deitou, um pedacinho, lá vem peixão mesmo da lagoa. Estava cantando dentro da lagoa. Cantou três partes da cantiga, que o peixe cantou uma [a] uma. O homem pegou todas. O peixe calou. Aí todos os pássaros (*krotpó're* [colhereiro]) estavam cantando na beira da lagoa. *Kraukrauré* [socozinho ou pavãozinho-do-pará] estava também cantando. O *kentóiré* [galinha d'água; *kentóiti*: saracura] estava também cantando. O *kutxuiti* [pato do mato, ananã] estava também cantando. Cada pássaro cantava sua cantiga, acabava e o outro começava a cantar. O *tép'kriti* [martim-pescador] também cantava. O *protot* [guará] também cantava. O rapaz pegou todas as cantigas.

Quando amanheceu, o homem já estava com sono e imaginou: “Será que eu vou dormir de dia? Não, eu quero pedir a um que sabe curar gente que está doente assim. Eu não sei, mas vou falar.” Aí já vinha gavião (*hëgré*) e perguntou ao homem: “Que é que você está sofrendo?” “Não sei não, eu estou assim, faz dias que eu estou. E eu deixei minha mãe, que está lá chorando e eu também vim chorando. Será que você dá um jeito de eu melhorar aqui, para voltar?” Aí *hëgré* falou: “Não, eu vi sua mãe chorando todo tempo. Mas como você veio pedir saúde, eu cheguei e posso dar um jeito. Você está doente, mas está acordado toda vida e escutou todos que cantaram, não é? Se você me disser que sabe todas as cantigas que você já escutou, você vai dizendo para mim.” O rapaz cantou as cantigas que tinha ouvido dos pássaros, do mesmo jeito que eles tinham feito. Aí *hëgré* disse: “É, é bom você voltar mesmo; mas eu dou sua saúde e você melhora depressa, para você voltar, ver sua mãe, que talvez esteja morrendo com pena de você.” Aí *hëgré* deu o jeito dele, da sabedoria dele, para curar, para melhorar com a gente. Depois esse rapaz pegou todas essas cantigas na cabeça. “Pois é, quando eu ficar bom, e chegar lá, eu canto logo essas cantigas pro modo de a gente saber.” Aí *hëgré* disse: “Eu vou dar um jeito bom para você ficar com saúde, bem rosado. Você vai ficar assim como eu (curador), mas você vai ser cantador. Eu sei o que você estava sofrendo, porque você comeu carne de bandeira e ela fez mal a você.” “É, pois eu vou ser cantador mesmo, se você me fizer melhorar e ficar bom, porque eu já escutei todas as cantigas. Aí *hëgré* passou a mão nele e na mesma hora ficou bom. A cabeça não doia mais de forma nenhuma. *Hëgré* disse: “Eu vou dar minha cantiga também. Minha cantiga é essa.” O *hëgré* cantou a cantiga dele mesmo. “Você assuntou?” O rapaz respondeu: “Assuntei, escutei bem. Pois minha mãe está chorando mesmo (o rapaz já enxergava longe, pois *hëgré* tinha-lhe dado o jeito). É, vou ser cantador e vou ser curador também; já estou vendo; minha mãe está bem lá chorando.” Aí ele falou para a lagoa: “Lagoa, se você puder afundar, você afunda mais, porque eu não passo dentro de você com as pernas não.” Ele falou assim, acho que afundou ou estava do mesmo jeito, mas o rapaz já tinha asa e foi por cima da lagoa.

Foi descer perto da aldeia. E foi caminhando com as pernas. Chegou lá quase de noite. Aí a mãe pegou no braço e chorou, porque a gente chora e vai dizendo muita coisa. Aí falou para a mãe: “Cala minha mãe, já chega, eu já cheguei, não morri não! Você faz de comer, mas eu só quero milho, você torra milho para mim, milho seco.” “Milho não presta não, é bom é batata!” “Não, mas seria bom milho mesmo para mim! Pisa e faz pipoca, que eu como. E você, quando fizer, eu vou dizer a forma que eu vou escutando e dizendo para você, para você não ficar toda a vida parada na casa não, porque agora eu sou outra forma. Porque eu fui doente e, quando cheguei, não estou mais doente, não estou sofrendo mais. Agora de tarde você avisa ao povo todo, de modo a ajuntar no pátio.”

Aí ela foi logo ajuntar o povo. O povo chegou no pátio e ele saiu, mas já ia cantando com a cantiga mesmo. “Essa cantiga é para vocês prestarem atenção, sigam bem essa cantiga, porque nós não sabíamos essa cantiga, mas depois que eu ouvi, estou lembrando, e todos a assumem como eu assumi.” Aí ele contou a história: “É assim, para cantar é essa cantiga.” E foi dizendo a cantiga. E disse a outra. O primeiro pé é um só, mas é cada qual a cantiga. É do pátio e tem do redor. Aí ele cantou as cantigas do pátio e cantou também as cantigas da rua. Até que ele contou também que *hègré* cantou para ele e deu essa sabedoria para ele também. “Para nenhum não esquecer, eu não vou esquecer, só se eu morrer. É para todos saberem essa cantiga. Quando eu vier cantando para o pátio, todo o mundo venha logo e escuta, e nem deixar de noite a cantiga; é para cantar até de manhã. E tem um rapaz que às vezes já me escutou e que está bem atendido. E nós vamos cantar, todo o mundo, só de madrugada. Tem outra de madrugada, e de manhã bem cedo eu vou cantar outra cantiga. E mais essa cantiga, isso tudo eu vou dando para vocês todos saberem. Nem que vocês não saibam, mas eu já estou dizendo para vocês a forma, para nós todos cantarmos. E se tem dele que tem memória melhor do que a minha, pode ficar como cantor. Para ser cantador no pátio e na rua também. E essa cantiga que eu escutei toda, já estou mostrando para vocês. Aquele que é mais atendido, é para eu como eu, como eu sou.”

Outra coisa eu vou contar para vocês. Porque se você mexer mulher alheia, eu estou vendo, faz vergonha. Mas se qualquer um de vocês adoecer sem mexer com mulher alheia, eu vou tratar dele. Porque eu já sou assim; eu sou dependente; mas a cantiga eu já dei para vocês todos. Que foi assim que eu escutei, que eu estou desse jeito, para me respeitar e respeitar os outros também. Porque eu já vou casar com mulher nova, que está me querendo e eu já estou garantindo. Mas eu estou dizendo antes para ter juízo; sempre atentem para o que eu já disse para vocês. Sempre vadiar não é mau não, de noite com o maracá.”

Aí um rapaz falou: “Eu assumi tudo e vou ser cantador.” “Pois é isso que eu estou ensinando a vocês, e tem deles que querem ser cantador. Como eu sei de outra parte, eu sou como curador, eu trato de vocês quando sofrerem. Tudo fica alegre, tudo fica bom, as cunharés também, como nós agradamos dessa cantiga, está bom para nós. Porque das primeiras cantigas que nós estávamos vendo, eu já estou abusado, por isso eu fui, que Deus me fez saber essa cantiga.” “E será que eu canto, que eu já disse que eu sou do pátio, será que eu sofro, adoço?” perguntou o rapaz. “Não, você não está escutando. Aí foi sabedoria que eu tenho, eu vou cantar para vocês todos, mas eu sou velho, sou homem, mas vou casar e meu casamento é esse dia. Agora de noite, vocês podem ajuntar, podem cantar, eu vou entrar onde estão meu sogro e minha sogra, e assim vamos todos animar a festa, a alegria. Porque é para isso mesmo que eu fui saber essa cantiga, é para nós sermos assim. Depois as antigas cantigas não eram tão boas para nós, mas essas eu acho boas, a gente fica alegre.”

Aí um meio velho perguntou: “Que bicho você escutou, que pasto [pássaro] é? É verdade mesmo que você escutou? Aonde foi?” “Na beira da lagoa.” “É para o lado de cá?” “Não, é para o lado de lá, eu atravessei.” “E será que os mais velhos como eu, será que aprendem a cantiga?” “Não, é para os novos, mas tem deles que aprendem, são mais velhos, estão sabendo toda coisa.” “E é todo pássaro que canta para você? Você escutou tudo?” “Foi, foi todo o pasto [pássaros] que cantou para mim e eu escutei até o dia amanhecer. E como você é mais velho que eu e mais velho que outro, mas eu nunca vi cantiga dessa. Mas você nunca cantou com essa cantiga, ainda não vi. Eu acho que essa cantiga é melhor que essa que você cantava primeiramente. Estou achando. E agora é de noite no pátio. Vamos cantando maracá. Quando foi a tarde, um rapaz vem cantando para buscar o cantador de maracá, porque eu estou muito mais alegre que aquela cantiga de primeiro. Eu vou logo mostrar para a gente saber essa cantiga todinha. Esse rapaz disse que vai saber a cantiga para cantar de noite com o maracá. Primeiro os bichos eram cantadores, mas nenhum dos mais velhos guardaram essa cantiga. Nenhum não estava cantando, mas agora vamos cantar, para poder tudo saber, se tem deles que pegam essa cantiga como eu peguei.”

Era um dos *Katamye* [nome de uma das metades sazonais] que garantiu cantar no pátio. Ficou alegre, animado, era muito bom de cantar, pegar logo essa cantiga. Aí, quando ele saiu para o pátio, veio avisar da cantiga mesmo e botaram no pátio. Aí ele cantou primeiro a cantiga do *kraukrauré* (embora a do *krutpoire* [colhereiro, com grafia diferente da menção anterior] devesse ser primeiro). Foi sacudindo o maracá e foi tirando essa cantiga. Errou a cantiga e o outro dizia para ele: “Não é assim não, é assim, assim. Porque você já disse que pegava de maracá, eu vou ensinar a você enquanto eu estou aqui. Você que vai ser o dono do maracá.” Aí outro perguntou. Ele disse: “Espere aí, deixe ele acabar de cantar isso.” Aí ele foi cantando, cantando, até já mais de meia-noite. Parou.

Outro perguntou: “Quando o dia amanhecer, amanhã bem cedo você vem cantar essa cantiga para mim, porque eu sou do redor, da rua.” Quando já vinha clareando, ele chegou no pátio. O rapaz aprendiz já estava lá. Pegou no braço e veio com ele até na porta do *wití* [menina ou menino agraciado com título altamente honroso]. Aí ele ensinou a cantiga. Aí ele ensinou a cantar até pelo meio-dia. Aí começou a cantiga mais ligeira. Mostrou todas essas cantigas. Era um dos *Wakmêye* [nome da outra metade sazonal]. Quando foi meio-dia, parou. E disse: “Bom, você já cantou esse e eu já escutei você. Você é muito bom para entender. O que eu escutei eu vou dizer tudinho, para amostrar para você ver. Para você cantar essa cantiga, para não esquecer nenhuma, porque das cantigas dos mais velhos eu não estou gostando, por isso eu vou ceder para vocês.” E assim, cada um que possa cantar venha me pedir que eu mostro.” Até que acabou. Aí disse: “Pois é, eu estou lembrando de tudo que eu ouvi dos pássaros, para nós cantarmos com essa cantiga. Aquele que tem boa memória, vai assuntando bem. Vou dando essa cantiga para cada um. Tem deles que gostam de cantar. Porque tem cantiga de *yunré* e cantiga de outro pássaro. De cada pássaro tem cantiga da pessoa deles mesmo.

Aí um rapazinho novinho: “Eu quero também outra cantiga, se você me desse, eu quero receber ao menos uma cantiga, porque, se eu sou mais do que os outros, eu posso cantar todas as cantigas, mas eu vou fazendo de uma a uma, porque eu estou achando muito boa essa cantiga e porque, se um de vocês morrer antes de mim, eu vou cantando até quando ficar doente, porque nós somos novinhos, mas nós queremos escutar, para cantar. Eu quero ser como esse cantador que deu essa cantiga para você.” Era *Katamye* novinho que pedia essa cantiga. “E qual é que você quer?” Ele queria a cantiga da rua. E

pediu também do pátio, do maracá. “Não, você canta só uma, canta outra se não esquecer.” “Eu não esqueço não, eu estou achando muito boa essa cantiga.” Aí ele começou a cantar. “Eu vou cantar até que eu ficar velhinho, assim como você está cantando eu estou dizendo. Eu não quero ser como bicho, eu não quero ser como velho, eu não quero deitar na cama.” E perguntou: “É cada pássaro que cantou para você?” “Foi, mas é a mesma cantiga, o pé é o primeiro, um *kraukrauré*. Assim como o bicho canta que nós estamos cantando. De tarde o papagaio gosta de cantar não é? Então foi assim.” “Pois eu quero todas essas cantigas que você cantou e quero todinhas para mim.” Diz-se que esse rapaz aprendeu a cantar todas essas cantigas. Esse menino era alegre e perguntou todas as cantigas.

Um já velho disse: “Oh, mas você mesmo por seu juízo, mesmo por seu gosto está arranjando essa cantiga; nós não estamos sabendo dessa cantiga.” “Como é que a gente não vê nada e vai contar história sem ver? Não sabe dizer. Eu vou saber essa cantiga porque essa cantiga mais velha eu não estou achando boa, mas essa outra é boa, anima todos os novos.” “É, você pode cantar sua cantiga, que você foi saber, que eu não estou empatando não.”

E o chamador foi perguntar para saber se chamava os outros no pátio. “Nós vamos chamar no pátio para o povo todo ficar animado.” Foi por isso que nós temos chamador, como eu (Abel) estou chamando o povo. Porque esse pássaro cantou, nenhum fica fraco, nenhum fica esmorecido. Se falta de comer a carne, mas eu quero que todos fiquem animados, todos de um jeito só.

E ele disse para o encarregado do pátio: “E agora você diz para (o caçador de veado) aquele rapaz caçar dois veados.” Ele chamou: “Vem cá, é você que vai caçar. Vê se você mata ao menos uma cutia e vem logo.” Aí o outro respondeu malmente: “Não, eu vou e não mato nadinha.” Ele animou: “Você não está com fluência de matar veado não, que eu que mando você? É por ordem minha que você vai matar veado.” Aí o rapaz apanhou o arco — de primeiro era só arco — e saiu. O homem sabia que o veado estava perto, porque sabia ver longe e mandou o caçador mesmo no rumo do veado. Assim que o caçador saiu na chapada limpa, estavam três veados na frente dele. Ia jogar flecha e não perdia nenhuma jogada. Matou todos os três veados. O homem disse que, daí por diante, [se] jogasse os ossos ou a carne para trás, por cima dos ombros, não seria mais bom caçador de veados. Quando o rapaz chegou com o veado, foi sapecar veado (só agora é que estão tirando o couro). “Cuidado com a carne, no repartir, no dividir, nenhum jogue os ossos para trás.” Aí acabou de ensinar a ele. “Eu já ensinei ao matador de veado, ao cantador. Vamos deixar de cantar, porque aquele que é bom de cantar não esquece.” Aí o rapaz disse: “Não, como você já contou tudo, eu não quero deixar de cantar, eu quero cantar toda noite, porque não é para parar, não é para pôr as cantigas para trás não, senão eu esqueço. É para cantar até quando eu ficar velho, porque a cantiga antiga eu não achava boa como essa que você me está ensinando. Os cantadores é que podiam animar o povo.” “Agora de manhã eu vou botar dois matadores de veado outra vez. Porque no momento que você me disser que nós vamos aparar, nós aparamos, porque você está com preguiça de cantar, parece; pois, não vou deixar não. Agora quando dia amanhecer vou chamar dois matadores de veado.” Quando ele cantou até amanhecer, assim mesmo com preguiça, ele chamou o rapaz, que não sabia matar veado não, mas era ele quem mandava: “É você vai caçar mais esse rapaz!” O rapaz ficou calado. “Oh, que eu vou fazer, eu não sei matar nada, eu não sei caçar.” “Você vai andar, experimente se você arranja aí uma coisinha. Faça uma experiência.” Aí foi mais ele. O povo estava todo junto, escutando. Quando ele saiu no limpo, lá estavam cinco veados. E todos foram na ponta da flecha. Caíram todos. O rapaz que não queria caçar:

“Oh, eu não estava nem sabendo, mas sempre nós temos fartura. Agora eu vou saber matar veado também, porque não vou duvidar de matar veado não. Mas será que manda só nós dois matar veado?” Aí chegou com veado, botou atrás da casa. Disse que mandasse um veado inteiro para aquele que tinha mandado matar veado. Aí sapecou, ficou com quatro e deu um. Matou veado campeiro. O governador do pátio estava dizendo: “Não, não manda campeiro não, manda outro maior, porque não é só nós que estamos ... [palavra ilegível] veado não, não é por nossa sabedoria que nós estamos matando veado.” Aí mandou.

O curador já tinha mulher. A mulher fez paparuto e ofereceu. Mas ele não aceitou. Mandava matar veado só para os outros comer. Ele não queria. “Porque pro modo de eu morrer depressa, eu não quero morrer. Nós estamos casados de novinho e eu não quero comer veado agora. Só mais para adiante.” O outros repartiram o dele e dividiram para todas as casas. O curador falou: “Agora vamos cantar de novo. Agora é para cantar, depois que eu disse, vocês já estão sabendo e então larga de mão porque eu já cantei. Agora vamos cantar até o dia amanhecer, até de tarde, agora vocês já estão sabendo tudo, vamos ser assim. Agora o governador é que pode determinar.” Aí ele disse: “Agora eu já contei para vocês tudo, minha mãe não quer morar mais aqui e eu vou para outra aldeia. Não é porque eu não quero mais vocês não. Todos já estão sabendo o que eu ensinei. O cantor é esse, vocês já estão sabendo. Já contei tudo para vocês, o que eu escutei, quando estava doente. Agora já vou-me embora para outra aldeia. Se a minha mulher fosse daqui eu não ia, mas é de outra aldeia. Agora, enquanto eu estou aqui, vocês cantam para eu ver as cantigas que ensinei para vocês. O rapaz que garantiu cantar pegou no maracá. Cantou até meia-noite. O *Wakmëye* pegou também. Cantou até seis horas da manhã. Aí parou. “Agora vocês me conhecem minha cantiga, você já sabe o que eu disse. E você é bom mesmo para compreender a cantiga. Você é muito bom de cantar e muito atencioso. Porque você nunca errou. E você, é toda a vida para você ficar cantando, para todos saberem essa cantiga. Por isso é que eu quero ensinar a você, como já ensinei. Primeiro os guerreiros cantavam com aquela cantiga, você diz que abusou, mas você já está com esta, para não parar e não esquecer. Pois o fim era esse, eu posso deixar para vocês essa cantiga. Quando amanhã, faz farinha para mim e nós vamos fazer um brinquedinho de minha pessoa, porque eu quero fazer uma alegria de festa.”

Botou a mandioca de molho. Quando tirou puba, botou puba no sol, fez bolo e foi na caçada o povo todo. *Krókrók* mais *Hëk* vai ser nessa festa. Aí *Hëk* saiu, *Krókrók* saiu. Passaram três dias, *Hëk* matou anta, porco queixada, *Hëk* também já arrumou veado e uma anta. Mas *Krókrók* matou duas antas. Manda fazer paparuto em cada casa para *ikritxua* [amigos formais]. Quando amanheceu outro dia, tocaram moquém. No outro dia já estava fazendo paparuto. Os *Krókrók* foram primeiro até meia-noite e os *Pembkahëk* já estavam cantando. Quando o dia amanheceu, só *Krókrók* na rua. Aí ajuntaram com *Hëk*, foram para o pátio e acabou. E aí foram apanhar as toras. Aí foram, quando correram, chegaram. Tornaram a cantar. Cantaram até o dia amanhecer. Aí os *Krókrók* ajuntaram e foram cantar até... [pouco legível: “ajuntou foi antes até...”] Depois foram juntar com os *Hëk*. Aí foram no redor, saíram no pátio. *Pembkahëk* espalhou. Aí *Hëk* terminou. *Krókrók* terminou. E quando foi para chamar *ikritxua* para o paparuto, arroz cozido. Os *ikritxua* foram apanhando paparuto e acabaram de apanhar e os *Hëk* também na mesma hora. Aí terminou.

“É isso que era que eu estava querendo ensinar a vocês, essas cantigas e essa festa. O fim que eu estava dizendo era esse, para a gente acabar. Como viram, já estão sabendo. Essa festa e essa cantiga já ensinei para vocês. E assim, amanhã é preciso nós irmos todos juntos me deixar lá na minha casa. Todos pensaram: “Será que nós todos

vamos deixá-lo na casa dele?” “Se um dia vocês errarem, podem ir me buscar novamente. Eu espero atenção sua e vocês esperam minha atenção também.” Aí ele deixou. O povo ajuntou, arrumou e levaram o cofo dele até na casa dele.

Kupēkrāya'krore

Versão de Penõ {158}

Narrado por Pedro Penõ
em 18-11-1963.

Transcrito do caderno “Mitos Ritos” (MR), pp. 97-99.

Um índio saiu para caçada, foi abeirndo o mato. Escutou o rabo de couro (*krere*, uma espécie de tatu) cantando. Chegou de longe e ficou escutando a cantiga. Chegou mais perto e estalou um galho de pau. O rabo de couro falou: “Eh, já enxerguei você, você não está escondido não, não tem por onde você esconder!” “Eh, já me enxergou, vou embora.” E foi embora. Quando chegou, contou para os outros: “Oh, mas acolá, fui chegando na beirada do mato e fui escutando a cantiga de um bicho; eta cantiga bonita!” E cantou-a para os outros e eles ficaram gostando da cantiga. Um outro falou: “Agora vamos nós dois, para nós ouvirmos de perto, porque, dá fé, você está mentindo.” E foram. Já iam chegando e escutaram a cantiga. Foram indo devagar e ficaram de longe. Escutaram um bocado de cantiga, mas um pau estalou e o rabo de couro parou de cantar: “Eh, já enxerguei; vocês não escondem não!” “Eh, já nos enxergou; nós não nos escondemos não!” Voltaram. Chegaram e contaram. Agora foram três índios. Chegaram perto e aí diz-se que deitaram e ouviram até meio-dia e voltaram. Disseram para os outros: “Agora nós vamos todo o mundo para ouvir.” Foram um bocado deles de madrugada e se esconderam. O rabo de couro cantou até perto de quatro horas da tarde. O rabo de couro parou a cantiga e eles voltaram.

Aí combinaram na aldeia para matar o bicho. Foram, mas sem cavador, cavador de pau, não de ferro. Foram para flechar o bicho, mas não flecharam porque ele morava dentro de um buraco. Voltaram sem matá-lo. Retornaram então para matá-lo e levaram o cavador de pau. Chegaram lá, quebraram a parede num ponto; quebraram em outro ponto; e não o acharam. Em outro ponto furaram e não o encontraram. Furaram outra vez e não acharam. O rabo de couro se mexeu no meio. Eles furaram e o encontraram. Espetaram-no com a ponta do arco e o mataram.

Antes de aprenderem com o rabo de couro, os índios tinham outra cantiga: era feia mesmo. As cantigas do rabo de couro são as que se cantam na praça com o maracá, as que se cantam andando ou correndo pelo caminho da aldeia.

Versão de Juarez {163}

Narrado por Juarez
em 4-8-1967.

Transcrito do Diário D5, pp. 102g-102h.

Era um índio mesmo. Mas ele encantou e foi morar lá longe e não comia nada, só deitado, cantando, mas embaixo [dentro] do cupim [cupinzeiro]. O cupim não tinha buraco. Ele não saía, não mijava, não cagava. Esse kup~ekrãiakro adivinhava. Outro índio vinha escutar a cantiga, ele via e parava e não cantava mais. Só no dia seguinte de manhã cantava outra vez. Era assim toda vida.

Aí combinaram: “Nós vamos escondidos agora, porque, se você vai em pé, ele vê e pára.” Aí combinaram. Eram dois rapazes. Foram escondidos mesmo. Foram de noite. Sentaram lá. De manhã ele começou a cantar até de tarde. Escutaram tudinho e foram embora. No outro dia um outro rapaz veio escutar. *Kupēkrāyakro* falou: “Você vem escondendo, mas eu não vou cantar mais não.” Aí parou a cantiga. Não tinha buraco no cumpim, mas *Kupēkrāyakro* adivinhava. Aí aprenderam a cantiga do *Kupēkrāyakro* todinha.

Aí mandaram matar *Kupēkrāyakro*. E o mataram. Foram lá, quebraram o cupim todo, arrancaram o *Kupēkrāyakro* e o mataram.

A cantiga de *Kupēkrāyakro* é na rua circular.

Kupēti

Narrado por Juarez {163}
em 4-8-1967.
Transcrito do Diário D5, pp. 102h.

Kupēti cantava na casa. Era um índio. Ele mesmo se botou o nome. Aí diz-se que cantava o dia todinho na casa., na aldeia. Os outros aprenderam a cantiga todinha. Era cantando o dia todinho. Aí os outros abusaram e aí mandaram matar. E mataram *Kupēti*.

A cantiga de *Kupēti* é da rua circular.

Kukhrüt iakhökhöi

Narrado por Juarez {163}
em 4-8-1967.
Transcrito do Diário D5, pp. 102i.

Kukhrüt iakhokhoi é um pássaro. É pequeno, pretinho. A cantiga dele é *ikrére pahamnõre*. *Pahamnõre* é aquela pessoa que não respeita ninguém. Canta-se na rua circular, correndo, pegando-se em toda pessoa, mesmo em *hōpin* [amigo formal] e *pintxoi* [amiga formal]. Este pássaro não aquieta. Quando canta, ele voa e torna a pousar, voa e torna a pousar.

Outras anotações de campo

Diário D6, p. 83 — dia 7-3-1971:

“Juarez me contou que um conjunto de cânticos de se cantar na rua foram aprendidos de um ser chamado *Kukhrüt iakhökhöi*.”

Diário D5, p. 20 — Na aldeia do Posto, dia 20-7-1967:

“Segundo Ituöp {80} as cantigas de cantar na rua são as de *Kupenti*, *Kupēkhraya'krore* e *Īkréparhónõré*. *Kupenti* eram muitos. Um índio viu, ouviu-lhe as cantigas. Contou na aldeia; o pessoal da aldeia veio e matou todos os *Kupenti*.”

Perguntei-he a origem das cantigas do pátio. Referiu-se então a uma festa de bichos de que participaram o gavião, o gogo, o nhambuzinho. Todos cantaram. Por isso ficaram as suas cantigas.”

Diário D5, pp.58-59 — Na aldeia do Posto, dia 29-7-1967:

“Ambrosinho {221} ouviu a gravação de *Kram'péye*, a cantar cantigas de caçadas. Chamou a atenção para o fato de *Raika'toro* não ser cantiga de caçada e sim cantiga do pátio, do *Katamti*, dos *Katamye*.

Ambrosinho cantou, para eu gravar, *Kukoi yarkwa*, cantigas cantadas na rua circular de dia. Foi aprendida do macaco. O macaco, quando percebia que era ouvido, parava. Era preciso ouvi-lo sem que ele o percebesse. Enquanto isso Pedro Noleto cantava a cantiga de *Khoiré* em torno da aldeia. Disse-me Ambrosinho que há outras cantiga de *Khoiré* para serem cantadas correndo de casa em casa, passando pelo pátio.”

Diário D6, p. 36 — Na aldeia de Cachoeira, dia 17-2-1971:

“Soube hoje de *Tunko* {300} que os cânticos de *Kupêkrãya'krore*, *Kupenti e Kukoi* estão todos divididos em cânticos entoados pelos *Wakmêye* e cânticos dos *Katamye*. Quanto aos cânticos de *Kupêkrãya'krore*, os de *Katamye* são cantados andando-se devagar; os de *Wakmêye* se canta andando ligeiro.”

Caderno Cânticos Krahó nº 1, pp. 14-15 — Zacarias {51}, dia 29-1-1965:

“O mito de kupêkrãia'kror – Era um homem com uma flor na cabeça (era cabelo mesmo) que cantava dentro de um cupim [cupinzeiro] mole. Não se sabe como entrou. Os índios ajuntaram em volta e ouviram. Depois o mataram. Porque índio antigo era besta. O cupim estava na chapada. Era um.

O kupêti – Um casal, a leste, no pé do céu que canta um em cada lado da fogueira. Cantigas do pátio e da rua. O casal não foi morto. Eram uns [?].

O *kupêkrãia'kror* começa a cantar de manhã até de tarde, até sol entrar.

Kupêti canta na boca da noite até meia noite.”

<u>Página inicial</u>	SUMÁRIO dos mitos
------------------------------	------------------------------

AS AMAZONAS E OS MACHADOS SEMILUNARES

O machado de pedra semilunar, que os craôs chamam de *Khöiré*, está presente em várias narrativas. Duas contam sua origem. Uma delas é o mito da expedição ao pé do céu, perto do qual os viajantes recebem o machado de um personagem também chamado *Khöiré*, bem como aprendem os cânticos que ele entoava. A outra é o mito de uma aldeia habitada só por mulheres que faziam machados de pedra semilunares, do qual segue abaixo uma versão. A versão apinajé é mais longa (Nimuendaju, 1956, Apêndice I, mito 9), e a que me foi contada corresponde a sua parte final.

Os canelas também contam o mito de uma mulher cujo nome Nimuendaju (1946: 248-249) escreve como *Kupētíayapré*, dando-lhe o significado: *kupē* = tribo estranha, *tía* = mulher, *yapré* = brava. O nome lembra o das mulheres do mito apinajé: *Kupen-ndíya*. E, como se verá, o das mulheres do mito craô: *ĩtiayobre*. O mito craô ainda se refere à aldeia delas como *ĩtiakahãikrĩ*, em que *kahã* é um sufixo que indica o feminino, redundantemente aplicado a *ĩtia*, e *krĩ* quer dizer aldeia. Mas o mito canela se refere a apenas uma mulher e não a uma coletividade, e não faz qualquer referência a machado semilunar. Nimuendaju apresenta duas versões, uma das quais é um dos mitos de origem do rito de *Khetwaye* (: 172), e na outra há uma corrida da mulher com dois rapazes cujo prêmio é a virgindade dela, mas que eles perdem.

Outras duas narrativas tratam de disputas entre aldeias ou povos pelo machado semilunar. Uma delas foi contada por Yavu Boaventura a Harald Schultz (1950: 114-119) e da qual eu também anotei uma versão contada por Diniz (Melatti, 1974, 2ª narrativa). A versão colhida por Schultz contém um trecho que não está presente na que ouvi: aquele em que o machado, esquecido pelo homem que o havia tomado de um membro de outra aldeia, matando-o, ensina sua esposa a cantar, que aliás ele havia deixado por outra. A outra narrativa conta do homem que foi aprisionado e tesse seu machado tomado por um povo chamado *Kokham'kiere* (Melatti, 1974, 3ª narrativa).

Os apinajés também contam um outro mito que envolve os machados semilunares, que eram as armas do povo-morcego, *Kupen-Dyêb* (Nimuendaju, 1956, Apêndice I, mito 10). Nimuendaju dedica alguns parágrafos ao machado semilunar no final do capítulo X, distinguindo maiores, de guerra, e menores, distribuídos aos reclusos no final do rito de *Pemb-kumrédy* (capítulo IX, final). Segundo versão apresentada por Odair Giraldin (2000: 122-123), os apinajés aprenderam do povo morcego a sua língua, seus cantos, seu choro ritual, seus nomes pessoais e os enfeites e ritos a estes ligados.

Khöiré

Narrado por Esteves {53}
em 15-11-1963.
Transcrito com alguns retoques
do caderno “Viagens”, pp. 33-35.

Havia uma aldeia só de mulher (*ĩtiayobre*, *ĩtiakahãikrĩ*). Só havia dois homens para reproduzir. Aqueles que não eram bons para fazer *abaini* [copular] eram mortos. Aqueles que procuravam pouco as mulheres eram mortos.

Aí dois rapazes craôs foram visitar a aldeia. Os rapazes chegaram quando as mulheres vinham correndo com tora. Tinham matado muita carne [caça]. Deram muito de comer para eles. Elas tinham muito legume. De manhã as mulheres estavam fazendo machado. Os rapazes chegaram em casa: “Como vai! Como vai! Senta aqui no tora! Estou chamando, nós queremos que vocês contem história para nós escutar!” “Eu não sei história, nem contar.” “Está certo. Você não precisa outra coisa não?” “Que é?” “Quem sabe é você.” “Eu quero.” “Péra aí, deixe estar. Mas ainda não tem estrada, estrada está fechada [sou virgem]. Você querendo roçar [copular], você pode fazer estrada [me desvirginar]. Você é bom de correr?” “Não, sou não, mas corro um pouco.” “Deixa que nós vamos para a fonte [local de banho].” Falou com a companheira: “Eu quero esse.” “Eu quero esse.” Foram as duas mulheres e os dois rapazes para a fonte. Pegaram os braços dos rapazes e disseram: “Vamos embora. Vamos correr! Se você me passar, você tem, se não passar, você não ganha [sexo].” O peitinho está durinho e primeiramente não tem pano. Chegaram no meio da aldeia e foram correndo para a fonte. O homem passou a frente. “Bem, agora já estou entregue. Não tem questão, não tem dono.” “Espera eu vou descansar que eu estou fraco.” Depois apanhou nos braços e foram para o mato. Os outros dois [rapaz e mulher] vieram e [ele] passou a mulher. O primeiro já entrou [penetrou], [a mulher] já está gritando. “Cala a boca, não grita não, aguenta.” Quebrou prato [desvirginou]. A outra já está gritando; acabou, fez estrago [desvirginou]. Foram embora. No outro dia correram de novo bem cedo. [Um deles] Mexeu [copulou] duas vezes e outro rapaz também duas.

Os rapazes passaram uns três dias e resolveram ir embora, antes que uma mulher os passasse e os matasse. As mulheres deram muitas coisas para eles comerem na estrada. E um machado de pedra para cada um. E eles foram embora. E contaram na aldeia. Os outros não vieram, eram ruins de correr e tiveram medo. Mas uma nação brava demais veio e matou todas as mulheres, ficando só mesmo a tapera. Foram outros dois rapazes dos craôs e só viram os ossos. Voltaram e contaram.

<u>Página inicial</u>	SUMÁRIO dos mitos
------------------------------	------------------------------

METADE DIA E METADE NOITE

Este mito conta como os craôs começaram a se dividir nas metades *Wakmëye* e *Katamye*, que eu costumo chamar, à guisa de simplificação, de metades sazonais, uma vez que uma delas corresponde à estação seca e a outra à chuvosa. Entretanto essa não é a única oposição a que elas correspondem. O mito, por exemplo, acentua a oposição dia e noite e também faz referência às cores vermelha e preta, à diferença no formato das toras de corrida, de madurez das palhas dos diademas e dos colares, à oposição entre pátio central e periferia da aldeia, às precedências de acordo com a estação. A velha ainda aprende com os dois povos, e passa aos moradores de sua aldeia, um dos ritos do ciclo de crescimento do milho, o *Põhipré*.

Esta versão que colhi, passei-a a Julio César Borges (2004), que a usou como peça central de sua dissertação de mestrado.

[Origem das metades *Wakmëye* e *Katamye*]

Narrado por José Aurélio {138}
em 2-1-1965.

Transcrito do caderno K3, pp. 39-47.

Disse que foi povo antigo dessa aldeia. O povo saiu para o mato para caçar. E foi passando os dias e as noites no mato. E foram arrancar num outro lugar. Uma velha saiu para o mato. E andava tirando fita de tucum. E por lá mesmo se perdeu. Não sabia mais de onde tinha vindo, aonde estava o rancho; não podia mais voltar. Lá mesmo andou, andou, procurando de onde tinha vindo e não achou. Lá mesmo passou o dia. No mato. E a noite desceu e ela caminhou e parou lá num lugar. Não dormiu à noite, passou a noite acordada, tentando escutar algum grito de seu povo.

Até que chegou meia-noite. E lá vinha zoada, vem conversando, gritando como nós quando corremos com tora. Aí ela ficou quieta, escutando. Quando vem chegando perto, ela ficou pensando que era o povo dela, mas não era; era a Noite. Eram muitos: eram homens, mulheres, moças. Chegaram e falaram para ela: "Como vai vovó? Como vai vovó?" O chefe deles falou para ela: "Que você teve, que está ficando aí sozinha, longe dos outros?" Ela respondeu: "Ora, eu fiquei assim porque eu saí do rancho e fui para o mato, tirar fita de tucum para fazer cordinha, fazer enfeite para mocinha. Aí fui tirando, fui tirando, e meu juízo não deu mais para voltar. Aí eu dei volta, dei volta e não sabia onde está o rancho e me perdi e assim a noite desceu aqui mesmo, sem saber aonde é que eu vou". A Noite falou: "E foi assim que você ficou?" "Foi". "Você está perdida mas não vai acontecer nada. Quando nós formos embora ainda vem outro grupo empurrando nós. Eu falei para você porque nós queremos mesmo falar para você, você está aqui sozinha e como eu já falei, já sei como você ficou. Não vai acontecer nada, nós já passamos quase todos, ainda falta um restinho. Quando nós acabarmos de passar, aí quando aclarar o dia, ainda vem outra turma, que é o Dia. O Dia vem chegar aqui, o Dia também vai explicar para você e eu não vou contar história muita porque nós já vamos avexadinho e eu falei para você. Você está vendo nós; nós somos a Noite e nós somos *Katamye*, que é a Noite. E vem ainda outro partido, outro grupo, que é o Dia e chama *Wakmëye*. Quando você chegar lá na aldeia de novo, você vai explicar para o povo para fazer desse jeito. Pode contar a história que nós estamos passando, que nós

somos *Katamyé*. Todos nós conhecidos pela folha verde (folha de buriti mesmo). O nosso toro de chama *Katamti* e nós fazemos chapéu e pomos palha no pescoço, mas é só com palha madura, que é nosso enfeite. *Wakmêye*, vem atrás, é só com olho (olho de buriti, olho verde, novo) e você amanhã ainda vem *Wakmêye* atrás e vai botar você lá no povo seu". E a Noite ia passando, passando e já se vem o dia amanhecendo.

Quando aclarou o dia, lá se vem *Wakmêye*. Chefe de *Wakmêye*. (A noite tinha vindo gritando). Aí falou com a velha: "Como vai minha avó?" Todos falavam: "Como vai minha avó?" Aí o chefe parou (os outros iam passando) (só falavam com ela e passavam). O chefe quis saber dela e perguntou a ela como ficou assim e ela respondeu do mesmo jeito que respondeu para a Noite. E o Dia falou com ela: "Também, você ficou assim não é?" "É, fiquei assim, passei a noite aqui, agora o dia amanheceu e eu não sei como vou chegar a meu povo". "Pois você não está muito perdida não. Você viu o povo que passou na frente?" "Eu vi". "Eles conversaram com você?" "Conversaram. Eu vi eles passando. Conversaram. Aí me disseram que vinha mais um povo atrás deles". "Pois é; é nós, você está vendo que nós já chegamos e já estamos passando. E eu fiquei para conversar, para saber como você ficou. Pois você vai aí direitinho nesse rumo, que seu povo está perto. Você pode ir que você vai chegar lá. Tá bom. Eu já sei. Eu já contei. Você pode contar na sua aldeia que nós passamos e que nós somos assim desse jeito. E nós somos assim. Agora *Katamyé* já passou. E nós somos *Wakmêye* que vamos passando. Nós somos *Wakmêye*. Quando você chegar no seu povo, você pode explicar que nós somos assim, você viu. O toro que nós vamos levando chama *Katamti*. Agora, no verão, tem outro tora que chama *Wakmeti*, esse é do nosso partido. Ele é assim: meio curto e é pintado de urucu. E do *Katamyé*, que se chama *Katamti*, é tintado de carvão. E assim você pode ir. Se quiser passar mais uma hora aqui, você pode ir, que não se perde. Esse que vai aboiando pro *Katamyé* é um *Wakmêye* e esse que vem gritando, é um dos *Katamyé*. Está [ilegível] devagar. Mas nós não, nós vamos avexando a Noite, para poder passar logo, para você ir embora logo".

Aí já passou tudo. Aí a velha levantou. "Agora eu vou direitinho". Mas o Dia mesmo é que vai governando o juízo dela, para ela chegar. Aí a velha foi embora. Foi caminhando, caminhando, assuntando, foi mesmo no rumo direito que lhe ensinaram. Até que chegou no rancho.

Aí chegou. O povo ajuntou. Perguntou para ela. Aí ela contou o caso como foi, falou para o povo que se perdeu, que dormiu no mato sozinha. Aí falou com o povo: "Eu encontrei com outro povo, por isso eu cheguei sempre. Se não tivesse encontrado, eu talvez não tivesse chegado porque vocês não estavam mais se importando comigo, vocês não me iriam procurar, vocês não estavam mais se importando de mim. Pois foi assim que fiquei. Eu cheguei porque eu encontrei sempre. Vocês podem ir embora. Amanhã eu vou contar a vocês o que foi que eu aprendi e vocês vão ficar assim de agora em diante desse jeito. Amanhã eu vou contar o caso. Eu já cheguei, sempre andava com Deus. Sempre nosso *Papam*. Eu fui perdida mas já estou aqui. Vocês estão me vendo no mesmo corpo, do mesmo jeito que vocês estão vendo. E hoje eu não posso contar. Eu vou comer e dormir". Aí a velha comeu bastante, encheu barriga e pegou no sono. Dormiu, dormiu, dormiu. E a velha dormiu muito porque passou a noite todinha acordada, com medo, assuntando. Quando dá fé a velha não era velha demais era velha assim como a mulher de Gabriel. Quando foi outro dia ela chamou o povo para contar o caso para eles.

Aí o povo ajuntou, muito povo. Aí a velha contou: "Olhe eu vou contar o caso que eu vi. Eu fui no mato, aí lá mesmo eu me perdi. Aí fiquei, fiquei, não podia chegar mais aqui, estava sem saber. Aí a noite desceu. Aí eu fiquei lá, passando a noite, sem dormir,

acordada toda a vida. Aí lá se vem o barulho, a zoadada e aí eu fiquei assim me admirei, fiquei assanhada de medo, mas eu agüentei, não tinha para onde correr, o jeito era ficar. Aí fiquei, fiquei, até que chegou esse "povão". Aí falou comigo, aí eu respondi, me perguntou, aí eu contei o caso como é que foi e aí eles me ensinaram onde é que vocês estão. Cortou a tora para mim. Aí eu fiquei. Lá se vem outra turma, outro partido. Aí disse que era *Katamye* que passou na frente e *Wakmêye* ainda vem chegando, chegando, chegando, até que chegou eles também. Aí falou comigo, agora esse contou o caso para mim. Aí contaram o caso para mim como é que estavam arrumando os dois partidos deles e eu agora eu vou fazer do jeito que eu vi. Vou fazer partido *Katamye* e de *Wakmêye*. Agora vocês vão fazer assim: disse que nós vamos ser assim de dois partidos. O *Katamye* é na frente, que é o primeiro, e *Wakmêye* é depois. E *Katamye* vai cortar o tora primeiro do tanto que for, mas é partido no meio. *Katamye* fica desse lado e *Wakmêye* fica desse lado. Nós vamos pegar essa opinião. *Katamye* fica por detrás da casa e *Wakmêye* fica no pátio. Quando amanhã vai correr com milho, *Katamye* correndo atrás da casa e *Wakmêye* correndo no pátio". Aí velha mandou cortar tora. *Katamti*. Aí as mulheres, os meninos, todas as crianças que ficam no partido do *Katamye* é para sair tudo, tudo, só ficam os velhos que não podem correr, na aldeia. Aí disse que o povo ajuntavam muito e aí repartia. Os homens repartiram. Foram ficar no partido do *Katamye* e aqueles que queria ser *Wakmêye* já ficou tudinho separado. Aí foram embora cortar tora no mato. Cortaram tora, passaram carvão. Os *Katamye* deveriam riscar com carvão e pau de leite em volta do olho (agora não tem mais isso). Só ficaram *Wakmêye* na aldeia. Pelas uma hora da tarde, *Wakmêye* foi atrás. Aí levaram duas pessoas, uma do *Wakmêye* e um do *Katamye*. Um dos *Katamye* acompanhando os *Wakmêye* e um dos *Wakmêye* acompanhando os *Katamye*, para aboiar, mandando. Os *Katamye* ficaram de joelho e com a cabeça baixa sem reparar *Wakmêye* que vem chegando. Aí foi chegando *Wakmêye*, foi chegando. Aí o gritador gritou, gritou outra vez e aí apanharam tora e correram, correram para a aldeia, levando tora, um dos *Katamye* acompanhou os *Wakmêye* e um dos *Wakmêye* acompanhou os *Katamye* e foi gritando e foi mandando. Até que chegaram na aldeia. E correram na aldeia, correram na aldeia, correram na aldeia. Aí largaram de correr, jogaram o tora. E aí acabou.

A velha falou: "Pois é assim que vocês vão fazer. Agora vocês do *Katamye*, botando o nome nos meninos, este já ficou no partido dos *Katamye*. E *Wakmêye* vai botando nome nas crianças que nascem e elas vão ficar *Wakmêye*. E esse nome não pode sair do partido, é toda vida no lugar do partido. Quando se bota nome na criança, ela fica toda a vida no partido.

A velha também ensinou outra arrumação: *Pôhipre*. Quando foi mesmo no dia de apanhar o milho na roça era só o partido dos *Txon* que ia apanhar milho para fazer o feixe. Aí deixavam uma casa da aldeia e os *Katamye* iam fazer feixe. Aí os *Katamye* espalharam. Na roça dos *Wakmêye* para roubar. Apanharam todos os legumes: batata, milho, banana. Estragaram. Quando *Katamye* chegou com as coisas, à noite, lá no mato, atrás das casas. Aí fazem o feixe de milho. Tiram palha de bacaba, trançam, enchem de milho e de legumes: batata, abóbora, cana, milho. Os *Urubus* só apanham da roça o milho, mas não apanham legumes. Aí vão moquear batata, abóbora etc. *Wakmêye* vai ficar a noite toda no pátio sem dormir. De manhã correm com os dois feixes de milho para o pátio (*Wakmêye* mais *Katamye*). Quando *Wakmêye* vem chegando, o feixe dos *Wakmêye* está amarrado. Aí correm com feixe de milho e põe no pátio. Nunca o *Wakmêye* põe o feixe de milho primeiro porque o feixe é mais pesado e está amarrado. Aí abrem e aí vão repartir com representante de outras aldeias que estão aqui: os *Krahó*

e não Krahó (mesmo os que moram permanentemente aqui). O povo da aldeia não ganha.

No outro dia *Wakmêye* vai roubar na roça de *Katamye*. Os *Wakmêye* fazem dois feixinhos de milho escondido. *Katamye* não dá fé. O povo não vai dormir. Os *Katamye* vão reparar os *Wakmêye*, senão não acham. Nessa festa os *Wakmêye* só comem o milho miúdo, a batata mirrada, enquanto o milho graúdo, a batata graúda fica para os *Wakmêye* [um dos nomes de metade está trocado]. De madrugada *Katamye* está procurando os feixinhos. Os feixinhos estão com um *Wakmêye* escondido. Aonde os *Katamye* encontrar, correm. Só dois corredores, ou mais, quantos encontrarem. Aí corre e aí acaba.

Anotações complementares (K3, pp. 47-48):

No inverno, quando o povo vai caçar no mato, quando matar um bicho, *Wakmêye* que parte. Não vai partir bem no meio. E *Katamye* carrega a parte pequena. Quando é veado, caititu e bicho pequeno, *Katamye* não carrega, só *Wakmêye* carrega. Só recebem junto às toras.

No verão o toro do *Wakmêye* é *Wakmeti*. Se o povo matar algum bicho, os *Wakmêye* não carrega, só recebe no toro. A anta, o *Wakmêye* carrega a parte maior, porque esta é grande.

No verão quando tira mel, *Katamye* come o mel no mato, *Wakmêye* não come. No inverno quem come *Wakmêye*, *Katamye* não. (Ainda fazem assim).

No inverno *Katamye* joga a caça no *Wakmêye* e este come no mato. No verão *Wakmêye* joga no *Katamye* e este come no mato.

<u>Página inicial</u>	SUMÁRIO dos mitos
------------------------------	------------------------------------

ABELHAS E PAPA-MÉIS

Trata-se de um mito referente a um dos ritos de iniciação dos craôs, no qual os reclusos são chamados de *Pembkahëk* (Melatti, 1978, pp. 210-246). Como há distintas modalidades de realizar o rito, o mito supostamente descreve uma delas. E explica como abelhas e papa-méis, que dão nomes ao par de metades que nela atua, realizam o rito. Também oferece uma classificação dos animais segundo essas metades.

Festa das abelhas

Narrado por Valério [Varela {232}]

em 21-1-1965.

Transcrito do caderno K4, pp. 71-72.

As abelhas fizeram festa. Avisaram ao papa-mel. O papa-mel queria festa e partiram. Todos os bichos de quatro pés ficaram no lado do *Krókrók* [papa-mel]. A abelha chamou o arapuá para ficar no meio da praça. Os *Pentxu* chamaram os *Pembkahëk*. *Pentxu* ficou a leste, *Krókrók* a oeste. Quando acabou a festa, tataíra foi na frente. Estragou muito os papa-méis. Aí que o couro de papa-mel ficou de “segunda” [na avaliação dos comerciantes compradores], ficou ruim. Papa-mel chegou por baixo do arapuá e um papa-mel sozinho mexeu com arapuá. As arapuás saíram todas e cortaram os cabelos de papa-mel. Quando acabou a festa, apartaram e foram correr com o toro de *Pembkahëk*. Separaram-se em *Txonti*, *Txoré* [Urubus, Raposas, dois dos oito “grupos da praça”, na expressão consensual dos etnólogos que estudam os timbiras] etc. Todos os bichos foram correr com toro. Os bichos de quatro pés passaram as abelhas, porque as abelhas são fininhas, não podem pegar peso. Marimbondo, muruim, muriçoca estavam do lado das abelhas.

A história começa com: as abelhas tinham muito mel e fizeram festa para papa-mel comer. Mas papa-mel não deu conta, porque só papa-mel come mel, os outros bichos de quatro pés não comem mel. Papa-mel come mel de todas as abelhas e até de marimbondo. As abelhas só lhe cortam o cabelo, não lhe fazem mal. Tataíra queima com fogo o couro do papa-mel. Os peixes são de parte da abelha, mas Valério não ouviu quem estava na festa. A lontra é do *Krókrók*. Os bichos de pena estavam na festa da abelha, mas só atrás.

<u>Página inicial</u>	SUMÁRIO dos mitos
------------------------------	------------------------------

ORIGEM DAS MÁSCARAS

O mito dos *Ko?krit*, abaixo apresentado, tem duas versões publicadas por Harald Schultz (1950, pp. 151-152). Eu fiz uma análise do rito que os craôs dizem ter aprendido com eles (Melatti, 1978, pp. 266-271). Curt Nimuendaju (1946, pp. 201-212) também descreve com detalhes o rito tal como realizado pelos canelas e oferece duas de suas versões do mito de *Ko?krit*, e ainda mais uma pucobiê. William Crocker faz uma cativante e bem informada descrição da realização desse rito pelos canelas (Crocker & Crocker, 2009, pp. 116-121).

Ko?krit

Narrado por Osório {224}
em 13-10-1963.
Transcrito da caderneta de campo.

Primeiramente tem um homem pescando no rio. Um *Ko?krit* pôs o filho à beira d'água. Os *Ko?krit* estavam fazendo festa dentro d'água e roncando. Um índio está pescando. O índio ficou escutando a cantiga dos *Ko?krit*. Então foi avisar aos outros índios, para que fossem buscar o filho (um só) do *Ko?krit*. Vieram muitos índios. Apanharam o filho do *Ko?krit* e o levaram para a aldeia. Então *Poipó* (*Ko?krit*) veio procurar o filho. Não o encontrou. Tornou a cair dentro d'água e avisou aos outros *Ko?krit*. Os *Ko?krit* foram todinhos atrás do filho.

Os índios já estavam na aldeia. Aí os *Ko?krit* sentiram o índio mesmo, porque *Ko?krit* é danado para sentir (os *Ko?krit* sentiram a catanga do índio). Então os *Ko?krit* foram para a aldeia. Aí já tem catanga de *Ko?krit* e já está matando índio (os *Ko?krit* foram mesmo dentro da aldeia). Um índio velho disse: “Por que trouxeram o filho do *Ko?krit*? Deixem-no, senão morreremos todinhos!” Aí deixaram o filho do *Ko?krit* no meio do pátio. *Poipó* vinha na frente, pois o filho era dele. Procurou seu filho em volta da aldeia, mas só o achou no meio do pátio. Os índios estavam todos fora da aldeia com medo dos *Ko?krit*. Então *Poipó* levou seu filho de volta.

Aquele índio que viu primeiro sabia a cantiga de *Ko?krit*. Aí o povo ajuntou e já tinha morrido um bocado na aldeia. Aquele que vira os *Ko?krit* primeiro sabia todas as cantigas e então o índio mesmo fez a festa dos *Ko?krit*. Agora os índios já sabem fazer a festa dos *Ko?krit*.

<u>Página inicial</u>	SUMÁRIO dos mitos
-----------------------	----------------------

CORRIDA DOS ANIMAIS

Como os craôs praticam a corrida com assiduidade, carregando todas ou sem elas, não é de admirar que observem atentamente a maneira de os animais correrem. E há no mito a seguir também uma tese ecológica: a de que a corrida é uma adaptação ao ambiente. Os animais bons corredores, podem viver no cerrado, porque, quando vistos, podem escapar dopredador correndo. Os maus corredores, devem se esconder na mata.

Uma outra versão deste mito, contada três dias depois, possivelmente por um outro narrador, mais detalhada, eu a publiquei em *Ritos de uma Tribo Timbira* (Melatti, 1978, pp. 313-317). Harald Schultz (1950, pp. 138-143), anteriormente, havia publicado uma versão deste mito.

O termo “pensão”, na versão a seguir, se refere à casa materna da menina ou menino *witi*, que os craôs comparam às casas de pensão das pequenas cidades, porque nelas todo o mundo (os hóspedes) pode entrar. No mito a criança *witi* é um caititu, que abandona essa honraria, protesto contra a desavença que se arma entre os animais, ao ter seu corpo esfregado com cinza.

[Corrida dos animais]

Narrado por José Pinto {150}
em 2-1-65.

Transcrito do caderno K3, pp. 48-50.

Foi assim. A ema tomando conta de lugar limpinho. Diz que não pode entrar no limpo. Os bichos, veado do campo, mateiro, catingueiro está tudo no mato. Ema não quer deixar. Ela deixa atrás qualquer um bicho, veado, anta. Se deixá-la para trás fica fora, se não deixar fica no mato. Diz que fizeram pensão. Então o caititu fica na casa. Aí os bichos ajuntaram todinhos, veado, ema, sariema, todos esses bichos. Pegaram de correr. Começaram a correr anta com ema. A anta ficou para trás e aí ficou no mato. A ema mandou que ela ficasse no mato. Suçuapara correu com ema. Correu e ema passou. A ema mandou suçuapara ficar no mato. Catingueiro correu com ema. Mateiro correu com ema. Se passar fica fora, se não passar fica no mato. A ema passou e mandou-os ficar no mato. Queixada também. Não passou. A ema mandou que ele morasse no mato. Sariema. Ela não passou. Ela ficou no cantinho. Aí chegou o veado campeiro. Era um rapaz novo, bom. Ela disse: "Se você passar, você fica no meu lugar, se não passar, você fica no mato". Pegaram a correr até chegarem juntos. O veado campeiro então ficou no limpo.

Os bichinhos de pena fizeram pensão e ajuntaram e fizeram festa. Tinham aldeia grande mesmo. O governadorzinho é periquitinho (*khedré*) e o outro governador é *yô'krãiré*. Estão mandando fazer festa boa mesmo. E chega qualquer de pena, papagaio ou outro mais, e pega de comer. A pomba pegou a frente da ema e não quer deixar ficar fora. Chegou um papagaio e a pomba. O papagaio disse que a perna estava doente e não podia correr muito, que tinha furado o pé. Ele tinha embrulhado a perna com embira, estava cachingingando, mas estava enganando a pomba. Vamos ver agora. Pegaram a correr e a pomba deixou o papagaio atrás. Mas não deixou não. Daí a pedaço alcançou e deixou pomba atrás. Chegou mesmo cansadinho. A pomba, com vergonha, foi para o mato.

O beija-flor (*yunti*) e *kuventi*. Yunti disse assim: “Papai que é aquilo, de cabelo comprido, papudo, é feio. Aí *yunti* ficou com vergonha, correu ruim, perdeu. Foi embora para a casa. Aí chegou o caititu, saiu fora para o pátio. Apanhou cinza e passou no corpo do caititu, e não fizeram mais pensão. Acabou tudo. Os bichos foram embora para casa. Todos os bichos.

Só dois ficaram na chapada: o veado e a ema. O papagaio também. Eram todos índios e homens.

<u>Página inicial</u>	SUMÁRIO dos mitos
-----------------------	-----------------------------

A GRANDE ESCURIDÃO

Há disponíveis pelo menos duas versões do mito da grande escuridão. Uma foi contada por Mundico a Harald Schultz (1950: 159). A outra foi narrada por Esteves para mim em 1963. Ambas são curtas.

Diz o mito que os índios ficaram imersos na escuridão. Conforme Mundico, isso aconteceu há uns cinco mil anos atrás, no estado da Bahia, ou seja, para os lados do oriente. Esteves não conta onde foi.

Esteves aponta a causa da escuridão: *Put* (Sol) e *Pudluré* (Lua) morreram. E além disso o sapo apagou os fogos de todas casas, neles cuspiendo. Mundico inicialmente não diz nada sobre o motivo. Mas no fim da narrativa diz: “É por isso que os índio[s] têm medo quando o sol escurece com a lua. Fazem fogo, atiram, jogam flechas, toca[m] maracá e caco velho para ver se melhora o dia.” Por conseguinte, ambos parecem se referir a um eclipse, mas de caráter duradouro.

Na mais completa escuridão, os índios ficaram à mercê de animais perigosos, que Mundico chama de “bichos ferozes”, que os aniquilavam e, quando os especifica só diz de mosquitos que mordiam e gafanhotos que lambiam de modo fatal. Esteves fala de cobras e formigas que também matavam.

Um homem, segundo Mundico, transformou-se em morcego para salvar seus companheiros. Voando, indo e voltando, procurou até achar a claridade do dia, guiando na sua direção dos demais. Aqueles que ficaram para trás, como os velhinhos, continuavam a serem mortos pelos bichos ferozes, e alguns chegavam a se enforcar, para não serem apanhados por eles. Conforme Esteves, o homem que virou morcego era um curador (xamã). Procurou a claridade seguido por uma parte dos companheiros; quando a encontrou, voltou para trás, para buscar os restantes.

Esteves fala na fome que passavam, por não poderem comer no escuro. Os primeiros a saírem na claridade levaram batatas doces, por certo assadas antes de terem perdido o fogo. Tanto eles como os que chegaram depois à claridade comeram pati, bacaba, jatobá e carne. Para tanto o curador mandou que pusessem fogo no capim, o que lhes deve ter permitido comer os animais alcançados pelo incêndio. Mas não comeram abelha, isto é, mel, pois antigamente não o consumiam. Mundico diz que, enquanto estavam no escuro, comiam casca de pau e folhas de árvore.

Esteves ainda conta que, depois de caminharem bastante para ficarem bem longe da escuridão, chegaram a um ribeirão grande e aí construíram suas barraquinhas e fizeram suas roças.

A versão de Esteves faz uma correspondência, ausente na versão de Mundico, entre a luz de origem celeste (solar e lunar) e a de origem terrestre (fogo). Quando lhes falta a luz celeste, falta-lhes também a terrestre, pois o sapo cospe em todas as fogueiras domésticas. E somente ao sair à luz do dia é que providenciam fazer fogo com pau, isto é, por fricção, e incendeiam o capim.

Vale pensar no detalhe de não terem comido mel, ao saírem na claridade. Teria sido em obediência a um costume antigo, como alega Esteves? Note-se que num outro mito, o da expedição ao pé do céu, os participantes fazem uma abundante coleta de mel. Ou haveria uma razão de caráter simbólico? Se no escuro também não tinham o fogo e

por isso comiam alimentos crus ou improvisados; se ao saírem no claro logo fizeram fogo; por que consumir no claro um alimento que não se come cozido?

A grande escuridão sem dúvida se inspira numa situação de eclipse, em que, seja ele lunar ou solar, os dois astros desaparecem da vista, mesmo que parcialmente. Eles “morrem” ou estão moribundos. No caso do mito, os homens não tentam ou não conseguem reanimá-los e têm de fugir da escuridão. Mas há uma outra explicação indígena para a grande escuridão. Ela me foi apresentada por Varela, que era um jovem muito alegre e falador, que entretanto não tinha um dos pés. Sua canela se afinava em ponta, um defeito certamente de nascença. Por isso andava com um bordão. De um de seus olhos brotava constantemente uma secreção. Comparando-o talvez a uma folha, disse-me ele que o céu tem seu pé a leste, a ponta a oeste, e as bordas ao norte e ao sul. O pé do céu toca a ponta e as bordas também se tocam, o que talvez signifique que ele admitia que se fecha como uma esfera. Contou também que há dois caminhos paralelos; quando a Lua toma um, o Sol passa para o outro. Com isso parece querer dizer que o trajeto desse astros varia. Disse que *Hartât* esteve no pé do céu, mas na ponta do céu não esteve ninguém, obviamente uma afirmação que conflita com sua admissão de que se tocam. Nas bordas do céu já estiveram aqueles que fugiram do escuro. Lá é escuro, porque o Sol não passa por lá. O mito do homem que se transformou em morcego para procurar caminho para os companheiros se refere a esta região. Eles caminharam na direção do pé do céu, onde há luz e depois para o lugar onde hoje vivem os craôs. Desse modo, Varela (*Piken*) dissociou a grande escuridão da idéia de eclipse, mas não do percurso dos astros Sol e Lua.

Aukapótko

Narrado por Esteves {53}

em 21-11-1963.

Transcrito do caderno “Mitos Ritos” (MR), pp. 109-110.

Put e *Pudluré* morreram. E ninguém enxergava nada. Estava tudo escuro. Um curador virou morcego. O sapo apagou todos os fogos, cuspindo; em todas as casas. O curador que virou morcego chamou o povo e falou: “Agora nós não vamos ficar aqui, porque o fogo já apagou. Os bichos, cobras, formigas estão pegando índio, matando.” Os índios arrumaram cofo de batata, comida. Não podiam correr no escuro. “Venham atrás de mim, vou procurar o Sol.” Gastaram oito dias de viagem. Os bichos estavam pegando na estrada. E saíram no sol.

O curador voltou para trás e foi para o escuro. Os índios tinham morrido um bocado na estrada. O curador voltou e encontrou o resto dos índios e disse: “Vocês podem ‘puxar’ que o sol está bem aí.” Aí o resto dos índios avançou e saiu. Saíram no claro. Outro *Put* (parece que é este mesmo).

Caminharam um pedaço e estavam com muita fome. Porque não comiam nada, só coisinha. Chegaram a um ribeirãozinho. Resolveram colher pati, bacaba. Abelha não. Primeiramente não come abelha. O curador-morcego mandou botar fogo no capim. Já tinham feito fogo com pau. Aí botaram. Estavam comendo bacaba, jatobá, carne. Botaram fogo, limpando a chapada. Caminharam de tarde caçando lugar para levantar a aldeia. Eram poucos porque tinham morrido muito. Chegaram numa cabeceira e o morcego disse: “Agora vamos passar a noite aqui.” De manhã viajaram de novo até chegar num ribeirão grande. Viajaram dez dias para ficar longe logo, chegando no

ribeirão grande. O curador falou: “Aqui é mais melhor, vamos fazer aqui a aldeia e cuidar logo de roça.” Fizeram barraquinhas e cuidaram das roças.

Adendo

O Diário de campo, no dia 9-3-1971 há umas informações dadas por Piken {232} que têm alguma relação com esse mito. Assim está no Diário (D6, pp. 98-99):

«Piken meu deu boas informações sobre a forma do mundo. A leste fica o pé do céu (Koikwakhrat); a oeste fica a ponta do céu (Koikwaihot); ao norte e ao sul ficam as bordas (koikwahipe). A largura do céu na direção norte-sul é chamada ikapa. O pé do céu toca a ponta e as bordas também se tocam. Há dois caminhos paralelos. Quando Lua toma um, o Sol passa para o outro. O vento vem mesmo do leste. Chama-se khok. Hartat esteve no pé do céu. Mas na ponta do céu não esteve ninguém. Nas bordas do céu já estiveram aqueles que fugiram do escuro. Lá é que é escuro, porque não tem Sol (o Sol não passa por lá). O mito do homem que se transformou em morcego para procurar caminho para os outros se refere a esta região. Caminharam na direção do pé do céu, onde havia luz e depois caminharam para cá.»

<u>Página inicial</u>	SUMÁRIO dos mitos
------------------------------	------------------------------

A EXPEDIÇÃO AO PÉ-DO-CÉU

Aqui comparo cinco versões do mito craô da expedição ao Pé-do-Céu. Uma foi publicada por Harald Schultz (1950: 123-128), narrada por Boaventura (*Yavu*). Outra está no apêndice da tese de doutorado de Vilma Chiara (1981: 214-218). As outras três, até aqui não divulgadas, eu colhi. Não sei que craô narrou a versão apresentada por Vilma Chiara. A pesquisadora sem dúvida a editou, suprimindo ou resumindo trechos repetitivos ou sem interesse imediato para seu trabalho. Das que eu colhi, a mais antiga, narrada por Pedro *Penõ* (17-11-1963), e a mais recente, contada por Diniz (18-3-1971), se assemelham bastante entre si e com a colhida por Vilma Chiara. A contada por Ambrosinho (8-2-1967) difere delas em dois pontos: ela troca o nome do velho guia da expedição, que as demais são unânimes em chamar de *Hartât*, pelo de seu genro *Khwök*; e nela está ausente o encontro do machado semilunar. Porém a mais divergente é a contada por Boaventura a Harald Schultz (1950: 123-128). Nela a expedição é feita apenas por duas pessoas, dois cunhados, cujos nomes não são apresentados. Além disso, a ordem dos animais e seres fabulosos encontrados, e o comportamento diante de alguns deles se afasta dos apresentados nas demais versões.

As versões colhidas por mim, o foram em português, sendo a de Ambrosinho anotada mais apressadamente. A grafia dos nomes de personagens, animais, perigos, nem sempre é a mesma nas diferentes versões. Mas optei por grafá-los aqui, mesmo os tomados dos textos de Harald Schultz e de Vilma Chiara, sempre da mesma maneira, conforme os critérios que usei em *Ritos de uma Tribo Timbira* (Melatti, 1978: 17-18). Não quero dizer com isso que soube ouvir e grafar com mais precisão as palavras indígenas; apenas lhes dei um tratamento uniforme.

Motivo, preparo e partida da expedição

Hartât costumava contar da fartura do lugar onde tinha nascido, pois a aldeia anteriormente tinha estado mais a leste. Solicitado pelos mais jovens e, numa versão, pelo seu genro *Khwök*, aceitou guiá-los até lá. Mandou as mulheres prepararem puba de mandioca para terem alimento durante o percurso. Elas prepararam a mandioca por três vezes, durante três dias. Cerca de três viagens foram necessárias para deixarem os cofos (cestos) de alimento mais adiante (quicá em pontos diferentes). Não se diz se esse carregamento foi feito pelas mulheres ou pelos homens. Em seguida, os expedicionários, apenas do sexo masculino, partem.

Na versão de Ambrosinho há um preâmbulo em que ele faz algumas referências aos seres do Pé-do-Céu, no extremo leste, alguns focalizados não neste, mas em outros mitos. Diz da faculdade de falar dos animais da região; e da prática da sodomia pelos humanos. Também faz uma referência aos supostos limites da área indígena traçados pelo missionário capuchinho Frei Rafael, da segunda metade do século XIX. Mas nada disso parece pertencer ao corpo do mito propriamente dito. Além disso, Ambrosinho atribui a direção da expedição a *Khwök* e o desafio dos perigos por meios mágicos a *Hartât*, invertendo a relação presente nas outras versões.

Boaventura inicia sua versão dizendo que os índios começaram a se deslocar quando Aukhê os deixou. E naquela época havia um bocado de índios sabidos, que se transformavam em outras coisas. Na sua versão partem em excursão apenas dois cunhados.

Fartura de caça

À medida que avançavam, os expedicionários iam encontrando caça abundante. A versão apresentada por Vilma Chiara não enumera e descreve os animais encontrados. Apenas diz de sua abundância. A que apresenta mais espécies é a de Pedro *Penō*, e as outras não lhe acrescentam nenhuma outra a que ela não se refira. A ordem dos animais também não é a mesma em todas elas.

Na versão de *Penō*, os primeiros são os ratos, encontrados nos buracos das árvores em imensa quantidade, que foram assados num grande borralho. Após comerem, os expedicionários secaram no fogo o restante e guardaram em cofos pendurados numa árvore. Deixaram lá, conta Diniz, em cuja versão os ratos têm chifres e são chamados *amtxohĩ'përe* (*amtxo* = rato, *hi* = osso, *'përe* = pau, madeira). Ambrosinho, que não conta o episódio da caçadas dos ratos, confirma, entretanto, na suas informações finais, que os ratos de lá têm chifres e lhes aplica o mesmo nome. Na versão de Boaventura não há caçadas. E de animais passíveis de serem consumidos há, não ratos, mas outros roedores, preás, de rabo curto, que correm em grande número por uma ravina. Os dois cunhados não esboçam qualquer gesto na intenção de capturá-los. Limitam-se a observá-los.

Mais adiante, segundo *Penō*, encontraram abelhas, de diferentes espécies, das quais colheram o mel depositado nos cupinzeiros. Só evitaram o da abelha tataíra, mais agressiva. Tomaram muito mel e não puderam guardar o restante, derramando-o. Na versão de Diniz, *Hartāt* recomenda que não tirem mel da abelha vermelha, que é agressiva, mas da preta, que é mansa. E ainda pede que tirem para ele o mel de uma abelha que anda devagarzinho. A versão de Ambrosinho também faz a distinção entre as abelhas vermelhas e pretas e também afirma que o mel não se encontra nos paus, mas nos cupinzeiros.

Em seguida, segundo *Penō*, encontraram pacas, muitas, que foram assadas no moquém. Depois de comerem, secaram as restantes em jiraus e as guardaram (deixaram lá mesmo, conforme Diniz). *Hartāt* só quis comer umas três novinhas. Diniz e Ambrosinho dão o nome dessas pacas: *kra'péiré* (*kra* = paca, *péi* = bom, bonito, *ré* = diminutivo).

Depois, conta *Penō*, os expedicionários encontraram uma loca de pedra cheia de morcegos. Fizeram-nos cair pondo fogo em palha dentro da caverna. Assaram-nos na cinza. Depois de comer, guardaram os restantes. Segundo Diniz, os morcegos, *txepti* (*txep* = morcego, *ti* = aumentativo), eram grandes como araras pretas, por isso não podiam ser derrubados com fogo de palha e sim com coivara de paus grandes e não podiam ser abatidos com cipó e sim com varas. *Hartāt* quis comer morcegos novos, porque eram moles. Após comerem, os morcegos restantes, assados em jirau, foram guardados, pendurados em uns dez cofos. Ambrosinho também acentua o tamanho dos morcegos e aponta que deveriam ser derrubados, mortos e assados com material mais resistente.

Na versão de Pedro *Penō*, os expedicionários chegam então ao lugar onde havia porcos. *Hartāt* recomenda que não matem em demasia, para não desperdiçar, pois um dia poderão voltar a esse lugar. Ele mesmo só comia o fígado dos porcos. Depois de todos se fartarem, os porcos restantes são guardados no lugar. Deixaram lá, conforme Diniz. Este conta que *Hartāt* recomendou aos caçadores que evitassem os porcos *krire*, muito agressivos, e os *hutré*, muito velozes, e que matassem os *prareré*, tão gordos que não podiam correr, seriam como os porcos domésticos. Para ele, pediu que trouxessem porcos novinhos, por serem moles, porque ele já era velho. A versão de Ambrosinho

também distingue os porcos *kriri*, agressivos, e os *puuré*, fedorentos, que deveriam ser evitados, recomendando os *prareré*. Também acentua a preferência do guia por animais novos, por ser velho e não ter dentes.

Os animais até aqui referidos estão presentes nas versões de *Penõ*, Diniz e Ambrosinho. Esta última não alude aos ratos. A versão de Pedro *Penõ* continua, narrando o encontro de outras caças. Assim, chegaram a um lugar onde havia antas, tamanduás bandeiras e caititus. Foram atrás das antas e mataram umas cinco. Moqueram, comeram, depois secaram o restante. Após dois dias prosseguiram a caminhada.

Chegam a um lugar onde apanham tatus (espécie não indicada), tatus canastras e tatus pebas e ainda matam quatis.

Em outro lugar mais adiante matam onças, capivaras, suçuaparas e veados campeiros. Fizeram moquéim e comeram. *Hartāt* arranhou os braços dos rapazes com a unha da onça para dar-lhes coragem nas lutas com o inimigo.

Seres cantores

Após passarem pela região rica de caça, a expedição entra na dos seres perigosos. Mas a versão de Diniz a faz passar por dois seres que cantam. Durante toda uma noite, quando estão acampados, os expedicionários escutam *Tonkré'rite* (traduzido por “tesoura”) cantar. De manhã viram-lhe o rastro. Esse ser era grande, de uns três metros. Ambrosinho, em seu preâmbulo, faz referência a esse ser, mas não o põe como centro de nenhum episódio, limitando-se a dizer que ataca esporando nas costas.

Em outro acampamento mais adiante, à noite, escutam o tamanduá bandeira cantar. De manhã acompanham-lhe o rastro e verificam que é o bandeira. Diniz oferece a letra dos cânticos.

Os grandes perigos

Quanto aos grandes perigos, sigo a ordem da versão colhida por Vilma Chiara, que é a que apresenta o maior número deles. Em favor da simplicidade e clareza, nos subtítulos seguintes e no quadro comparativo chamo a cada um desses perigos por um nome em português, arbitrariamente escolhido. Pedi a José Aurélio (11-3-1971) que me dissesse o nome que se dá a qualquer um destes perigos e ele me ofereceu dois: *ampókhen* e *ampóyobre* (*ampó* = o que é?; *khen* = ruim; *yobre* = valente, zangado).

Jacaré. Começa por um grande jacaré (*Míti*) que abria e fechava sua boca com seus dentes afiados. *Hartāt* desafia seu genro *Khwök* a passar através da boca. O genro transforma-se em pássaro e passa pela boca do monstro quando ela se abre, sem que este consiga fechá-la a tempo. *Khwök* repete a façanha ao voar de volta até o ponto de partida. As três versões que colhi indicam o pássaro em que o genro se transformou: um beija-flor (*yunré*).

Para os demais perigos, com exceção do último, a versão tomada por Vilma Chiara, ou a edição feita por ela, limita-se a descrevê-los e dizer que *Khwök* por eles passava, sem se deixar apanhar, transformado em pássaro muito ligeiro.

Corda de arco. Após o grande jacaré, sua lista indica o *Kuhetxe* (*kuhe* = arco, *txe* = tecido, corda), que era um arco fixado na terra cuja corda se agitava, chicoteando o ar com um movimento de pêndulo. A versão de *Penõ* o omite. As de Diniz e Ambrosinho, que traduzem *kuhetxe* como “linha de tucum”, dizem que *Khwök* se transformou em beija-flor (*yunré*) e passou por ele ser atingido.

Monjolo. O perigo seguinte é *Kakót*, dois pilões que batiam num movimento alternado, segundo a versão colhida por Vilma Chiara. A versão de *Penõ* também omite esse perigo. Segundo Diniz, era um broto que mergulhava e saía da água feito monjolo. Uma informação de José Aurélio (11-3-1971) também o compara a um monjolo. Ambrosinho, que não lhe indica o nome indígena, descreve-o como uma flecha de ponta grossa que batia no rio. Ambos dizem que foi transformado em martim-pescador (*tépkrit*) que *Khwök* (*Hartāt* segundo Ambrosinho) passou por debaixo dele sem ser atingido. Na versão de Boaventura, o cunhado do guia se transforma em beija-flor.

Pau linheiro. Outro perigo era *Kukhë*, uma árvore num lago cujos galhos sem folhas vergastavam quem por ali passasse. Diniz diz que ele tinha coque e faixas de urucu e pau-de-leite como pintura da metade *Katamye*. Projetava na água os pássaros que passassem por ele, matando-os. *Khwök* transformou-se no pássaro *txere'reré*, pousou num galho de *Kukhë*, que não fez nada. Ambrosinho, que indica a transformação no mesmo pássaro, diz que o pau bateu na água mas não o matou e que o pássaro voltou e pousou no cabelo dele sem ser molestado. José Aurélio (11-3-1971) descreve esse perigo como um pau linheiro (retilíneo) sobre a água.

Teia de aranha. A seguir a versão tomada por Vilma Chiara indica a *Heiabróro*, uma teia de aranha que se agitava. Ela está presente também na versão de *Penõ*, que diz de uma aranha de boca aberta, sem se referir à teia. *Khwök* transformou-se em beija-flor, passou por ela de raspão, tanto no ir quanto no vir, sem ser lesado. Na versão de Boaventura, é o primeiro perigo que os dois cunhados encontram, depois de terem observado os preás. Ela era do tamanho de uma casa; grandes aranhas estavam nas pontas dos fios; e havia uma porção de animais mortos, como araras, perdizes, apanhados pela teia. O cunhado do guia passou entre os fios da teia transformado num animal bem pequeno, um mosquito. Diniz e Ambrosinho não falam da teia de aranha.

Lança-chamas. Depois vem o *Króuapok*, dois troncos de buriti de cujo cimo se projetavam chamas. Segundo Diniz, *Khwök* virou arara canindé (*pānārārê*), pousou na madeira do buriti e logo voou. Saiu muito fogo. *Penõ* diz que virou arara verde, e Ambrosinho diz simplesmente passarinho. Ambos dizem que foram dois pousos e em ambos a ave não foi alcançada. Na versão de Boaventura, o cunhado do guia passa por esse perigo transformado em beija-flor.

Lama. Na versão tomada por Chiara o perigo seguinte é *Karëkto* (*karë* = lama), um pântano onde os animais atolavam. Diniz dá-lhe um outro nome, *Pie?to* (*pie* = chão). Ali os animais, quando iam beber água, atolavam e não mais saíam. *Khwök* virou o pássaro *wirwitré* (não sei identificar) e passeou entre os animais mortos, sem se grudar. Para Ambrosinho o pássaro era o *wudwudré* (provavelmente o mesmo *wirwitré* ouvido por mim de outra maneira). *Penõ* não ajuda a identificá-lo, pois diz que ele virou passarinhozinho, voou, foi com aquelas cantiguinhas, pousou com cuidado, andou devagarzinho, deu a volta em torno da lagoa e voou. Boaventura também chama esse perigo de *Pie?to*. O cunhado do guia virou um passarinhozinho que canta “gágágágágá”, que quando canta move o rabinho de um certo modo característico. Schultz supõe ser uma espécie de franguinho d’água. E foi indo devagarzinho. Há algo de comum entre a descrição da ave por *Penõ* e por Boaventura. José Aurélio (11-3-1971) dá o nome a esse perigo de *Kuato*, barro mole.

Areia ardente. Diz então a versão tomada por Chiara que a expedição se deparou com uma quantidade de brasas que deveria atravessar. *Khwök* se transformou em anta, chafurdou numa poça de lama e passou sobre as brasas cobrindo-as com lama. Ele ia e voltava, cada vez alongando mais o caminho de brasas extintas pelo qual seus

companheiros deveriam passar. Diniz dá a esse lugar o nome de *Amkrokro*, coberto de areia que queima como fogo. Entrando e saindo de um brejo *Khwök* foi molhando a areia ardente e atravessando-a para o outro lado. José Aurélio (11-3-71) chamou-o de *Amkrokroti* (acrescentou *ti* do aumentativo) e descreveu-o como um areião fofo e quente.

O Vento

O episódio do Vento traz algumas diferenças se comparado aos dos outros perigos. O Vento (*Khok*) morava numa caverna no flanco de uma colina. Quando saía, era de modo tão violento que o terreno diante da caverna estava completamente limpo, absolutamente sem vegetação. Diferentemente dos outros casos, *Khwök* não se transforma em nenhum outro animal para desafiar o Vento. Mantém sua forma humana. Pôs-se diante da caverna e gritou. O Vento saiu com todo o furor, mas *Khwök* pulou para o lado e escapou. Fez assim três vezes e em todas escapou. Mas o filho de *Hartāt* quis imitar o cunhado. Sendo menos ágil, foi projetado para longe e morreu. Seus companheiros subiram a colina do Vento para observar a alma do filho de *Hartāt* junto à entrada da caverna. Chamaram-na, mas ela nem se mexeu. A versão de Diniz acrescenta que o cunhado de *Khwök* queria enfrentar o Vento para ter alguma coisa para contar na aldeia; e assim fez, desastrosamente, apesar dos conselhos de *Khwök* para que desistisse. *Penõ* também conta da teimosia do cunhado de *Khwök* e da visão de sua alma na porta do Vento. A versão de Ambrosinho é mais obscura, inclusive porque troca os papéis de *Hartāt* e *Khwök*; mas ela dá o nome do malgrado desafiador do Vento: *Kapré*. A versão de Boaventura esvazia tudo o que tem de especial o episódio do Vento. Os dois cunhados simplesmente atravessam o caminho do Vento correndo desabaladamente, e ambos escapam. Se há algo de comum com as outras versões, está na manutenção da forma humana para enfrentar o perigo. Nenhum dos dois se transforma em ave ou outro animal. José Aurélio, nas suas informações (11-3-1971), diz que o buraco de onde sai o Vento se chama *ikhré* (*khré* = casa, buraco) e dele também sai a Noite.

Ao longo do encontro com os diferentes tipos de perigo, *Hartāt* sempre parecia desafiar seu genro a enfrentá-los, dizendo-lhe que, se sucumbisse, a expedição retornaria dali. Ironicamente, é seu filho que sucumbe a um dos perigos, o Vento. E as diferentes versões indicam que a volta da expedição começa a partir daí. Somente a versão tomada por Vilma Chiara põe o início do retorno mais adiante, após obterem o machado semilunar. E na versão de Boaventura os dois cunhados retornam depois de passarem pelo Monjolo.

A Cobra

Somente a versão de Pedro *Penõ* inclui o episódio da Cobra, que era muito grande, da grossura de uma casa e de 100 metros de comprimento. Quem a pulava pela cabeça era abocanhado por ela. Era preciso atravessar por onde ela batia no chão com o rabo. E *Hartāt* os guiou por aí para escaparem. Dos demais narradores, apenas Ambrosinho faz referência a uma cobra grande, chamada *Rónku'tóti*. Mas o faz no seu preâmbulo, sem relatar nenhum episódio que a focalize.

O machado semilunar

Segundo a versão tomada por Vilma Chiara, uma tarde, quando acampados, os expedicionários ouviram um canto. Era *Khöiré* que cantava. Aproximaram-se então da encosta no alto da qual, na borda de uma caverna, ele cantava, andando vagarosamente. E eles o ouviram toda a noite. Voltando ao acampamento, os expedicionários pediram a

Hartât que fosse solicitar a *Khöiré* que lhes desse seu filho (o machado semilunar), para cantarem com ele na aldeia. *Hartât* foi sozinho ao pé da encosta e fez o pedido, com o qual *Khöiré* concordou. Mas fez-lhe uma série de recomendações: aquele que o portasse deveria respeitá-lo; cantaria sempre de pé, para que sua longa franja não tocasse o chão; dormiria pouco e com sono leve; nas refeições seria o último a servir-se; evitaria pôr suas mãos no sangue e comer alimentos com ele manchados; não tocaria alimentos quentes; manteria comportamento digno e correto. Tendo aceito as condições, *Hartât* recebeu de *Khöiré* o machado semilunar. Chiara traduz o nome desse personagem como Pequeno Leste (*khöi* = leste, *ré* = diminutivo).

A partir daqui os expedicionários começam o retorno para a aldeia. Mas evitaram tomar a direção direta para oeste, para não fazer como os mortos. Deram uma volta.

Desafiando a recomendação de *Hartât*, o portador do machado semilunar começou a cantar ali mesmo. Mas logo um macaco o imitou, zombando dele, o que o fez se calar. *Hartât* lhe disse que bem que o avisara, pois os animais ali falavam e cantavam melhor que os humanos.

A versão de Diniz oferece a letra do canto do *Khöiré*. Diz que ele a cantava com um machado em cada ombro. Solicitado, concordou em ceder um, mas antes deveriam ouvi-lo cantar a noite inteira. As condições que impôs a quem ficasse com o machado semilunar foram não ralar mandioca, nem fazer beiju, nem assar no borralho, nem levar cofo na cabeça, e lavar as mãos depois de comer. Os rapazes disputaram sem violência a posse do machado, até que um mais decidido se apoderou dele. À noite escutaram o Jatobá (*Té?ti*) cantar o cântico do *Khöiré* e também ouviram uma outra árvore (*Ipërekaxë*) cantar. No dia seguinte aquele que se apossara do machado semilunar quis cantar o seu cântico, enquanto ainda se lembrava dele, mas foi repreendido pelo macaco guariba.

Na versão de Pedro *Penõ* a concessão do machado semilunar é semelhante às outras duas, mas *Khöiré* recomenda que o portador do machado semilunar não devia dormir calado, não devia se aquietar, deveria cantar dia e noite, pois tal objeto não era para guardar quieto. Também nessa versão ocorre a repreensão do guariba ao rapaz que começou a cantar antes de chegar à aldeia.

Ambrosinho e Boaventura nada dizem sobre o *Khöiré*.

Inhames

Segundo a versão tomada por Vilma Chiara, no retorno para a aldeia houve menos sucesso na caça. Famintos os expedicionários encontraram um campo de inhames. *Hartât* os preveniu de que não eram bons, que ele iria procurar outros pelos arredores. Alguns homens não o esperaram e apanharam dos inhames, assaram e comeram. No dia seguinte estavam transformados em mulheres. E nesse estado é que entraram na aldeia.

A versão de Diniz acrescenta que à meia-noite o dono dos inhames veio reclamar com *Hartât* de que tinham mexido na sua roça (supostamente a dos inhames maus). Soprou sobre a boca dos que estavam dormindo (supostamente dos que tinham comido os inhames maus), e despediu-se de *Hartât*. Aqueles que tinham comido os inhames não recomendados acordaram transformados em mulheres. Ao chegarem à aldeia, as esposas dos transformados não os quiseram ter por companheiros.

A versão de *Penõ* também diz da fome e do encontro de inhames do mato, bons e maus. Também narra que dois dos homens que não esperaram pela identificação dos

bons inhames por *Hartât* e consumiram os maus viraram mulheres e perderam suas esposas ao chegarem envergonhados à aldeia.

A versão de Ambrosinho explica que os inhames maus eram *mekarõ* (espíritos). O dono deles que compareceu à noite ao acampamento para perguntar sobre quem tinha comido seus inhames era também um espírito.

A versão de Boaventura não põe os inhames como o último dos encontros extraordinários antes de reentrarem na aldeia. Dos oito desses encontros apresentados na sua versão, o dos inhames é o quarto. O guia limita-se a mostrar os inhames ao cunhado, dizendo-lhe que o homem que os come vira mulher. Não distingue os bons dos maus; todos são perigosos. O cunhado, advertido, não tenta comê-los.

Ordem dos seres encontrados nas cinco as versões				
Vilma Chiara	Diniz	Penõ	Ambrosinho	Boaventura
		Ratos		
		Mel		
		Pacas		
	Mel	Morcegos	Porcos	
Abundância de caça	Morcegos	Porcos	Pacas	
	Pacas	Antas, bandeira	Mel	
	Ratos	Tatus, canastras, quatis, pebas	Morcegos	
	Porcos	Onças, capivaras, suçuaparas, veados campeiros		Preás
	Tesoura canta			Teia de Aranha
	Bandeira canta			Mucuras
Jacaré	Jacaré			Inhames
Corda de arco	Monjolo		Lança-chamas	Lama
Monjolo	Corda de arco	Lama	Corda de arco	Lança-chamas
Pau linheiro	Lama	Lança-chamas	Lama	Vento
Teia de aranha	Areia ardente	Jacaré	Jacaré	Monjolo
Lança-chamas	Pau linheiro	Teia de aranha	Monjolo	Pau linheiro
Lama	Lança-chamas		Pau linheiro	
Areia ardente				
Vento	Vento	Vento	Vento	
		Cobra		
Machado	Machado			
Guariba canta	Jatobá canta	Machado		
	Guariba canta			
Inhames	Inhames	Inhames	Inhames	

Talvez seja o efeito da mudança de sexo sobre quem come dos inhames que leva Boaventura preceder seu encontro com o de seres cujo consumo muda a idade. Sua versão é a única em que consta o encontro com as mucuras (gambás, sariguéias), ou, como ele diz, outros preás que são mucuras. Os viajantes já tinham passado pelos preás. As mucuras eram muitas e o guia advertiu o cunhado de que quem delas comesse ficaria velho imediatamente. O cunhado apenas as observou. É num outro mito, o da Mulher Estrela, que ocorre o episódio em que dois jovens comem mucura e se transformam em velhos.

Três seções do mito

Excluídos o preparo e a saída da expedição e a chegada de volta, eu diria que o mito se divide em três partes.

A primeira seria constituída pelas caçadas aos animais de tamanho fora do comum ou em enorme quantidade. Nessa parte do trajeto, em que os expedicionários estão se afastando da aldeia, *Hartāt* apenas os guia, ensina-lhes o que devem fazer e ninguém ignora suas instruções. Como é velho e sem dentes, pede sempre que lhe separem os animais novinhos ou as partes mais tenras. A carne que sobra é secada e estocada no lugar, num galho, no rancho, ou seja, ela não é carregada com eles. Fica ali no acampamento como que a esperar o retorno dos expedicionários pelo mesmo caminho. Os animais caçados são aqueles que vivem em bandos, como os porcos (se os do mito tomam como modelo os queixadas), dormem juntos como os morcegos, infestam uma área como os ratos, concentram-se em brejos como as pacas. E o mel é produzido por abelhas, que vivem em colmeias. Só uma versão, a de *Penō*, acrescenta animais que costumam apresentar-se sozinhos ou com poucos indivíduos: antas, tamanduás-bandeira, diferentes espécies de tatus, quatis, felinos, veados.

A seção seguinte é a dos seres perigosos. *Hartāt* como que desafia seu genro *Khwök* a enfrentar cada perigo, dizendo-lhe que, se sucumbir, a expedição retorna dali mesmo. E o genro supera a todos. É difícil interpretar essa disputa. Estaria relacionada à sua relação de afinidade? Seria uma disputa entre xamãs? Ou os poderes de *Khwök* estariam disponíveis a qualquer pessoa, dependendo apenas de maior ou menor habilidade, uma vez que a ação se desenvolve no período mítico primordial, tempo em que até os animais falavam?

A terceira seção se inicia com o episódio do Vento. É uma seção pedagógica. Nela se propõem alguns princípios. O filho de *Hartāt* morre por enfrentar um problema sem a necessária habilidade. O *Khöiré* ensina seu cântico e o modo do dono do machado se comportar. O macaco guariba repreende aquele que entoia o cântico no lugar inadequado. E os expedicionários aprendem a aguardar com paciência as instruções no episódio dos inhames.

Espaço e tempo

Não é apenas o mito da expedição de *Hartāt* que envolve a região do Pé-do-céu. Outros mitos fazem alguma referência ou têm algum episódio que nela se passa. No mito de Sol e Lua, por exemplo, os dois heróis vão buscar o enfeite de cabeça com o pica-pau que escava o Pé-do-céu. No mito de *Aukhe*, diz-se que após se afastarem desse herói, que estava a leste, os índios se deslocam para oeste, afastando-se do Pé-do-céu. Mas, se todos eles se relacionam de algum modo com o Pé-do-céu, os personagens presentes em cada um não aparecem nos outros. É como se a ação de cada um se passasse em setores diferentes dessa região. Mas a versão Ambrosinho se inicia com a afirmação de que *Khwök* era bom curador (xamã) e virava morcego. Isso parece identificá-lo com o homem que se transformou em morcego para guiar seus companheiros de modo a sair para a claridade no mito da Grande Escuridão.

Note-se que o caminho do retorno não é o mesmo da ida. Conforme uma informação dada a Vilma Chiara, os expedicionários evitaram fazer um trajeto de volta à aldeia caminhando diretamente para oeste, para não fazer como os mortos. Seria esse caminho o mesmo pelo qual vieram? Teriam por isso abandonado as carnes que secaram e estocaram ao longo desse caminho, retornando por uma via sem recursos, passando fome? Por que evitar a via direta dos mortos? Seria porque um deles morreria na viagem, aquele projetado pelo Vento?

Mas a ida e a volta também podem ser interpretadas conforme o tempo. Com base em dados cedidos por Vilma Chiara, Manuela Carneiro da Cunha (1986: 39) entende a

ida para leste como tendo ocorrido durante a estação da abundância, a seca, enquanto a volta teria sido na da penúria, a chuvosa, embora a própria narrativa não faça referência a chuvas ou à falta das mesmas. Com base na mesma fonte, afirma que o modo de contar o mito varia conforme a metade sazonal a que pertence o narrador. Se ele é da metade *Wakmēye*, a da estação seca, narra primeiro a ida e depois o retorno; mas se é da *Katamyē*, faz o inverso. Entretanto, entre os narradores das versões aqui examinadas, dois, Pedro *Penō* e Ambrosinho, têm o mesmo nome indígena (*Kro'kroko Haragai'kēre Penō*), que é da metade *Katamyē*; e dois são da metade oposta, Diniz (*Tébyet Atorkrã Hōkrów*) e Boaventura (*Yawi Yako*); suponho a metade deste último a partir de um craô mais recente que tem seu mesmo nome pessoal. E apesar das diferenças de metade não se nota diferenças na sequência das diferentes versões. Ressalve-se que não sei quem foi o narrador da versão apresentada por Vilma Chiara, e que a versão de Boaventura dá mais a impressão de desordem do que de inversão da ordem.

Fecho de algumas versões

Na versão de Boaventura, após retornar com seu cunhado à aldeia, o guia volta a fazer nova viagem com outro cunhado e um sobrinho, só para novamente mostrar-lhes essas coisas fabulosas. A narração parece indicar que o guia foi-lhes apenas mostrando o que apresentara na viagem anterior. Talvez o novo cunhado e o sobrinho (ou neto, pois chama o guia de vovô) não tenham tentado desafiar nenhum perigo, pois foi assim que fizeram com a Lama.

Relações entre os personagens

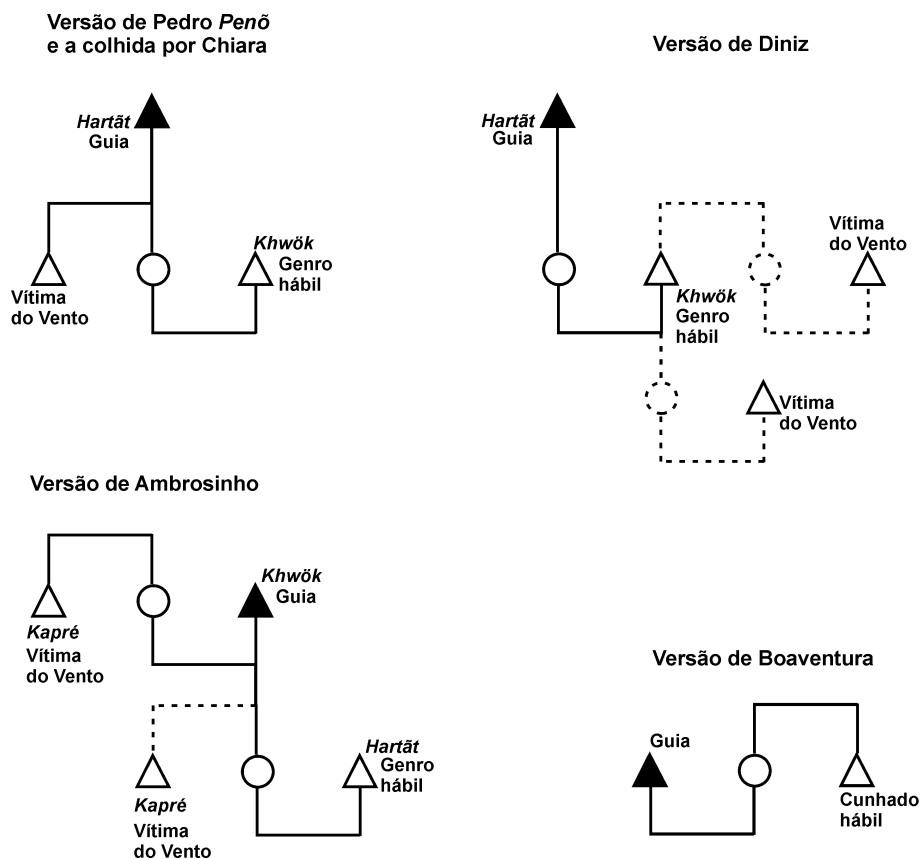
A versão de Pedro *Penō* e a colhida por Vilma Chiara asseguram que *Khwök* é genro de *Hartāt*, casado com a filha deste. Em versões tomadas em português, palavras como “genro”, “cunhado”, podem ser tomadas umas pelas outras e não traduzirem exatamente as relações entre os personagens. Mas na versão tomada por Vilma Chiara, *Khwök* se dirige a *Hartāt*, dizendo: “eu não tenho medo. Eu retornarei à aldeia e me deitarei ainda com sua filha.” Essa frase equivale à que diz *Khwök* na versão de *Penō*, repetida como um refrão, com pouca variação, depois de escapar de cada perigo que afronta: “Eh meu sogro, acho que não me vou acabar aqui não; ainda vou aparecer para ver sua filha com esta cara.” Por conseguinte, nessas duas versões *Khwök* é mesmo genro de *Hartāt*. As duas versões também concordam que o homem que morreu ao afrontar o vento era filho de *Hartāt*.

A versão de Diniz também assegura que *Khwök* era genro de *Hartāt*, e nela o primeiro se dirige ao segundo chamando-o de *ikrātumye*, o qual lhe responde chamando-o de *ipéyōye*, o que confirma essa relação de afinidade. Mas a relação desses personagens com o homem que sucumbiu ao afrontar o Vento não é a mesma. O malogrado não é filho de *Hartāt*, mas referido como cunhado de *Khwök*, que o chama de *ipéyōye*. Esse termo é aplicado ao marido da irmã ou ao marido da filha (além de outros afins mais afastados). Se ele fosse filho de *Hartāt*, e portanto irmão da esposa de *Khwök*, este o chamaria de *impōye*.

A leitura da versão de Ambrosinho pede um cuidado a mais porque o narrador troca o nome pessoal do guia da expedição com o daquele que enfrenta os perigos. *Khwök* dirige a expedição e *Hartāt* é quem desafia os perigos. *Hartāt* é dito cunhado de *Khwök*, mas no pequeno esquema genealógico que tracei logo após anotar a narrativa, ele figura como genro. A confiar nesse esquema pode-se dizer que a relação de afinidade é a mesma apontada nas outras versões (menos a de Boaventura), apenas com a troca dos nomes pessoais. O episódio do desafio ao vento traz uma dificuldade a mais,

porque aí, num relance passageiro, Ambrosinho parece desfazer a troca dos nomes pessoais, tornando a narração um tanto confusa. Assim, não é *Hartât* que enfrenta o Vento, mas sim *Khwök*. E quem insiste com *Khwök* para também enfrentar o Vento sem ter aptidão para fazê-lo é o cunhado deste, chamado *Kapré*. No já referido esquema, *Kapré* figura como irmão da esposa de *Khwök*. Mas no texto *Khwök* diz “Seu cunhado morreu”... dirigindo-se provavelmente a *Hartât*. Em suma: *Kapré* era cunhado de *Khwök*, aqui guia, ou de *Hartât*, que, por ter desafiado os outros perigos, devia de ser também aquele que desafiaria o Vento? Nos esquemas que acompanham estes comentários, considereirei tanto a possibilidade de *Kapré* ser irmão da esposa de *Khwök* (conforme o esquema tomado no campo) como de ser irmão da esposa de *Hartât*, e neste caso um possível filho de *Khwök*.

E, na versão de Boaventura, apenas duas pessoas, que se dizem cunhados, fazem a excursão. Um receio expressado pelo guia dá a entender que ele é marido ou parceiro sexual da irmã daquele que enfrentava os perigos: “É, eu estou dizendo assim, cunhado, porque eu mesmo não pode deixar mais o cunhado pra passar estas cousas. Às vezes o cunhado vai perder aqui, ou qualquer um destas cousas que nós estamos vendo. Quando eu chegar lá sozinho e tua irmã ralha muito eu. O que que vou dizer? Por isso eu não pode mais deixar ir você” (Schultz, 1950: 126).



Personagens com nomes pessoais e relações de parentesco entre si só aparecem nos episódios da seção dos seres perigosos. Nos demais, nomes e relações individualizadas não são expressos. Nada se diz do rapaz que ficou com o machado semi-lunar, nem daqueles que viraram mulheres.

Versões colhidas por Melatti

Versão de Pedro Penõ {158}

Narrada em 17-11-63.

Transcrita com alguns retoques

do caderno “Mitos Ritos” (MR), pp. 86-97.

Hartãt convidou os rapazes para caçar lá no lugar em que ele nasceu. Mandou as mulheres fazerem a comida. Passaram três dias trabalhando na comida. Fizeram puba seca, enxugando a massa. Mandou a rapaziada pôr a comida bem adiante, cerca de três léguas. Fizeram três caminhadas com a comida. Então saíram todos, só os homens, ficando as mulheres. Arrancharam lá onde tinham posto a comida e dormiram lá. De manhã foram pôr a comida mais adiante: três viagens novamente. Foram outra vez e arrancharam.

Era o lugar onde iam matar muito rato, naqueles locos (buracos) de pau (árvore): pequizeiro, puçá etc. *Hartãt* mandou-os dar uma caçada. Saíram todos para a caçada e voltaram com os cofos cheios de ratos, porque era muito povo e só num loco de pau se tirava duzentos ratos. Fizeram um monte de ratos. Chegaram todos. *Hartãt* falou aos rapazes: "Agora, não presta assar no moquéim; vocês vão fazer um grande borralho para assar." Cada um fez a sua fogueira, a sua cinza. Tiraram os ratos do borralho. Todos estavam comendo rato. E um dizia para o outro: "É, é verdade, seu sogro diz a verdade, só num dia caçamos muito rato." Secaram os ratos no fogo, puseram em cofos e colocaram numa árvore.

Caminharam de novo. A uma légua arrancharam. *Hartãt* falou à rapaziada: "Agora vocês vão tirar abelha; aqui é lugar de abelha, não sei se já foram embora, mas aqui o lugar é de abelha." Eles foram. Só tiraram abelhas nos cupins (*rorhahakti*). Tiraram mel de toda abelha: tiúba, tubi manso, tubi brabo, mandaçaia (tataíra não, porque é fogo). Chegaram com muito mel. Comeram. Esse não deu jeito para guardar. Quando saíram, derramaram tudo.

De manhã, saíram de novo. Caminharam cerca de uma légua e arrancharam. *Hartãt* falou: "Agora, aqui é que eu estava contando; aí vocês vão matar paca, este é que é o ribeirão, lugar de paca, podem caçar, não sei se ainda estão aí, não sei se foram embora." Quando foi de tarde, cada um chegou com um feixe de pacas: cinco pacas, dez pacas. Cada um fez moquéim. Assaram as pacas. Quando estavam assadas, tiraram as pacas do moquéim. *Hartãt* não queria pacas velhas, só queria comer novinhas. Arranjou umas três pacas novinhas, molinhas e comeu. De manhã secaram as pacas como tinham secado os ratos: em jirau. Passaram um dia nesse lugar. Quando acabaram de secar, arrumaram e guardaram as pacas.

Saíram. Caminharam uma légua. Aí estavam duas serras (dois morros). *Hartãt* falou: "Agora vocês vão lá naquele loco de pedra; aí é lugar de morcego, não sei se ainda estão lá. Quebraram palha. Encheram o loco de pedra e puseram fogo. Os morcegos, muitos, cairam. Era um monte de morcegos. Todos encheram os cofos e voltaram para o rancho. Fizeram outra vez cinza. Assaram os morcegos. Tiraram e comeram. De manhã arrumaram e guardaram.

Caminharam uma légua e arrancharam outra vez. Estava lá uma carreira de porco. Um dos rapazes falou: "Oh meu tio, vamos matar estes mesmo!" "Não, vocês não conhecem; se vocês acharem um que corta mesmo, vocês morrem, porco é valente!"

Hartât foi reparar: "Não, não é este não." Depois reparou outro e disse: "É este mesmo." E avisou: "Aqueles acolá são mesmo porcos." E a rapaziada foi no rumo dos porcos. Mataram um bocado. Chegaram com os porcos. *Hartât* disse: "É desses que estou falando, desses que estou contando; vocês não vão matar muitos para destruir não, porque um dia viremos outra vez aqui." Então fizeram moquém outra vez. Assaram. Quando deu hora, tiraram do moquém e todos comeram. *Hartât* só comia fígado de porco. Passaram um dia lá naquele lugar, secando porcos. Arrumaram outra vez, guardaram no lugar. Saíram.

Caminharam uma légua e encontraram uma mata. Arrancharam. *Hartât* disse: "Agora, aqui é lugar de anta, bandeira, caititu. Podem ir caçar por aí. Não sei se ainda acham. Quando dá fé, já foram embora." Deram nas antas e mataram umas cinco antas naquele mato mesmo. Levaram para o rancho e fizeram moquém. Moquearam. Quando estavam assadas, tiraram do moquém. Comeram. Depois secaram. Passaram uns dois dias lá e aí saíram.

Cerca de uma légua arrancharam outra vez. *Hartât* disse: "Aqui é lugar de canastra, lugar de tatu, de peba; não sei se saíram; quando dá fé, foram embora." Acharam tatu, canastra, quati, peba. Caçaram dois dias naquele lugar e saíram outra vez.

Arrancharam outra vez, distante uma légua. *Hartât* disse: "Agora aqui é outro lugar. É lugar de onça, capivara, suçuapara, veado. Podem caçar por aqui. Não sei se esses bichos já foram embora." Foram caçar. Mataram duas onças, dez capivaras — em uma lagoa —, três suçuaparas e quatro veados do campo. Chegaram ao rancho. Fizeram moquém e moquearam. Assaram veado, suçuapara, onça — diz-se que comiam onça —, capivara... Tiraram do moquém e comeram. *Hartât* pegou uma "mão" de onça e com a unha triscava (tocava, arranhava) nos braços da rapaziada, rasgando só um pouquinho, passando a cinza, não sei de que, porque os antigos, quando matavam onça, faziam assim pr'o mó de criar coragem ao lutar com o inimigo.

Saíram de novo. Caminharam uma légua e já chegaram a um barro que grudava os bichos. *Hartât* mostrou ao genro dele: "Oh, está aqui. Isso é que eu estou contando. Se este barro pegar você, se você não escapar, eu volto daqui mesmo, porque eu estou na lembrança da velha (esposa), não vou demorar mais." *Khwök*, genro de *Hartât*, virou passarinhozinho, voou, foi com aquelas cantiguinhas e devagarzinho pousou, andou devagarzinho, deu a volta em torno da lagoa e voou. E foi ficar no seco e virou gente de novo e falou ao sogro: "Eh, meu sogro, é só os bichos que esta coisa pega; eu acho que vou voltar e ainda ver sua filha com esta cara!" O sogro só escutou, sem responder.

Saíram e foram ao *Krouapok* (pé de buriti seco, furado por dentro). O pé de buriti estava com fogo dentro, do qual só aparecia uma pontinha. Quando algum bicho de asa ia pousar nele, o fogo sapecava a asa. Já havia muito bicho de asa debaixo desse pé de buriti. *Hartât* falou: "Agora isso acaba com você, eu quero voltar daqui mesmo, que eu já estou na lembrança da minha velha." O genro não disse nada. Virou arara verde. Ficou no olho de uma árvore. Depois foi gritando com grito de arara e pousou no pé de buriti, mas só fez bater nele e voltar. O fogo saiu danado, mas tornou a ir abaixando, até afundar, só ficando mesmo a pontinha de fora. E ele, de volta outra vez, e só fez bater na beirada e virou para acolá, indo assentar no chão. E disse: "Oh meu sogro, acho que eu não vou me acabar por aqui não, acho que ainda vou aparecer com esta cara para ver sua filha." *Hartât* só fez escutar.

Viajaram de novo. Chegaram à beira de um rio. Lá estava um jacaré com a boca aberta na praia. *Hartât* falou ao genro: "Este vai engolir você, eu quero voltar daqui mesmo, sobre este é que eu estava contando." O genro não falou nada. Foi não [a

negação parece um lapso] ficar longe e virou *Iunré* (beija-flor). O jacaré pegava todos os bichos de asa, fechando apenas a boca. Foi no rumo do jacaré. Chegou perto da boca do jacaré, e passou de raspão, e o jacaré bateu o queixo. Mas *Khwök* ficou lá no galho da árvore. Voltou outra vez, ficou perto dele e saiu e pousou no seco. E disse: "Eh meu sogro, acho que não me vou acabar aqui não; ainda vou aparecer para ver sua filha com esta cara."

Viajaram outra vez. Chegaram a uma aranha. A aranha estava de boca aberta. *Hartât* disse: "Está aqui, esta é que eu estou contando, se esta pegar você, eu volto daqui mesmo; eu já estou com saudade." *Khwök* virou *Iunré*, foi chegando devagarzinho e passou de raspão. Voltou e passou outra vez.

Caminharam outra vez. Chegaram à porta do vento. A casa do vento é uma casa boa, bem tapada e a boca é a porta. E o vento vai devagarzinho e o lugar por onde sai o vento forte já é um caminho liso. O filho de *Hartât*, cunhado de *Khwök*, pediu a este para espantar o vento também. *Khwök* respondeu: "Não, cunhado, você não vai não; vou apenas eu mesmo." "Eu vou." "Não cunhado, você não vai não; porque este vento arriba você e atira longe." O cunhado teimou. *Khwök* respondeu: "Está bem, se você vai morrer com seu gosto, não tem nada, eu não estou mandando; é você mesmo que quer." O cunhado dele ficou no limpo do vento e gritou para o vento. O vento zuiu mesmo e quase o derrubava, mas sempre ele saiu. "Eh, você vai morrer mesmo", disse *Khiök* e acrescentou: "Cunhado, espere aí, você vai fazer assim: eu vou para você ver, para pegar meu jeito, senão você morre!" *Khwök* gritou uma vez e saiu. O vento forte saiu, mas só mexeu com os cabelos dele. *Khwök* disse: "Olhe, é assim; não fique no meio do limpo não; fique na beirada." Mas o cunhado não se importou e gritou para o vento lá no meio do limpo. E o vento veio e arribou. O cunhado de *Khwök* sumiu e não apareceu mais. *Khwök* ficou pensando, com saudade do cunhado dele. *Hartât* falou: "Meu filho morreu por gosto dele mesmo; não é nada, pois não fui eu quem mandou, nem o cunhado dele mandou. Agora nós vamos chegar lá perto da porta do vento para vocês verem." Subiram ao alto e viram o *karō* [alma] daquele que o vento tinha levado, lá na porta do vento. Chamaram-no, sacudiam a mão, mas ele não se importava, pois *karō* não se importa mais. Disse *Hartât* àqueles que queriam chamar seu filho: "Não, aquele não vem mais não; é *Karō*, não está mais se importando não. Vamos embora."

Já iam de volta. Mas não retornaram pelo caminho por onde vieram. Tomaram outro rumo. Chegaram primeiro ao lugar de uma cobra muito grande, da grossura de uma casa, com cem metros de comprimento. O pessoal rodou em torno da cobra, quando ela estava dormindo. A cobra acordou e batia com o rabo. Era noite. Aqueles que não sabem e passam pela cabeça da cobra, ela engole todos de uma vez. *Hartât* [acordou, ilegível] e disse: "Olhe, pessoal, acendam fogo; por onde ela está batendo nós vamos sair." Vieram todos acompanhando *Hartât*, que escutava o rumo onde estava batendo. E saíram todos. Nenhum morreu.

Caminharam um pedaço, três léguas mais ou menos, de noite e dormiram lá. Caminharam de novo. Chegaram a uma casa de *Khëiré* (machado de pedra). Um rapaz que sabia cantar disse que queria ganhar um. Ficaram aí até o anoitecer. *Hartât* disse: "Bem, agora eu vou falar com *Khëiré*; talvez ele dê um! Ele pediu e o *Khëiré* disse que dava, mas só de madrugada. *Hartât* voltou para a rapaziada e contou. Deitaram. *Khëiré* cantou muito, até de madrugada. Quando o dia já vinha clareando, *Hartât* caminhou para lá. Chegou lá; ele lhe entregou o *Khëiré* e pediu a *Hartât*: "Oh, vou recomendar a você: este não é para dormir calado, não é para aquietar, é para cantar dia e noite, porque esse não é para guardar quieto não; ele quer refrescar o couro." *Hartât* voltou

com o *Khëiré*. Chegou e o deu para o rapaz. O rapaz disse: "Sou eu quem vai ficar com ele." Ele deu.

Quando o sol saiu, caminharam o dia inteiro e arrancharam para dormir. Na boca da noite o rapaz queria cantar logo com o *Khëiré*. Começou a cantar e o guariba gritou alto: "Você não sabe cantar, você não escuta a cantiga!" *Hartât* falou: "Está escutando? Eu estava bem dizendo que você não cantasse logo com esse *Khëiré*; só quando chegar lá na aldeia. O lugar aqui é outro. Todos os bichos respondem como gente mesmo." O rapaz aquietou e não cantou mais.

Quando amanheceu, caminharam outra vez. Passaram o dia todinho caminhando e dormiram. Com três dias a fome já estava apertando o pessoal. Chegaram a um mato onde havia muito inhame do mato. Inhame bom e inhame ruim misturados. Dois não esperaram por *Hartât*. *Hartât* falou: "Vocês esperem, porque está misturado; há um inhame que, se vocês comerem, virarão mulher." Mas dois não se importaram: acenderam fogo, arrancaram inhame, assaram e comeram. E os que esperaram *Hartât* foram arrancar inhame bom, assaram e comeram. Escureceu. Fizeram cama. Todos deitaram, dormiram. Os dois que não esperaram por *Hartât* estavam dormindo. À meia-noite, quiseram urinar, levantaram-se. E já tinham peito; e tudo o que mulher tem eles já tinham. Viraram mulher. Quando amanheceu, todos os viram, olhando mesmo: "Vocês não tiveram paciência; e agora, quando chegarem, como vão fazer com as mulheres? Vão morar duas mulheres numa casa?"

De manhã saíram todos, inclusive as duas mulheres. Depois de três dias chegaram perto da aldeia. Mandaram portador para avisar as mulheres para fazer comida. A mulher que soube que o marido tinha voltado fêmea não achou bom. Fizeram tora, correram, chegaram à aldeia. Os dois que viraram mulher vieram devagar, com vergonha. As mulheres despacharam os dois.

[No final o narrador assegura que *Hartât* era de outra aldeia, mas era Krahô, e a aldeia em que estava também era Krahô].

Versão de Ambrosinho {221}

Narrada em 8-2-1967.

Transcrita com alguns retoques da caderneta de campo.

Curador bom *Kwëk*. Virava morcego. O cunhado dele era *Hartât*. Os morcegos lá são grandes como patos. Tem muitos porcos. Quando *Kwëk* era rapaz, o povo matava porco, ele roía cabeça, comia carne, banhava. *Kwëk* contava que onde ele nasceu tem muita carne. O povo escutava. O cunhado, *Hartât*, ...dor [ininteligível; talvez "curador"] bom, falou com *Kwëk* para levar seu povo para lá. O povo ajuntou, correram com tora, banharam. *Hartât* ia falar com o velho. *Hartât* encontrou-o deitado, pegou-lhe na cabeça, ele levantou e pediu-lhe que levasse o povo. Ele concordou. Mandou cada mulher fazer puba, para eles comerem. Mandaram.

Chegou o dia de sair. Os cofos foram levados mais adiante, onde deviam arrancar. *Hartât* levou o pessoal dele com puba no lugar do rancho. No outro dia levou o resto. No outro dia foi dia de saída. Arrancharam lá. De manhã puseram a comida adiante. Passaram quatro dias e entraram no lugar velho em que índio morou.

Deram no rastro do porco. O velho disse: "Nós estamos chegando no lugar nosso, mas esperem, tem porco valente (*kriri*), de cabeça vermelha, se povo espantar, ele come tudo. Eu vou reparar, se for porco manso, eu aviso." Aí estava porco queixada. "Não,

este aí o porco valente." "Como é, é porco manso?" "Não, é porco brabo, é *kriri*, é danado para comer a gente." Passou um pouco e havia outro rastro. *Kwëk* foi reparar. "Não, este tem muita catanga, é *pu dré*, é também valente. Passaram por outro rastro. Foi olhar. "É este mesmo, é mansinho, é porco gordo, ruim para correr, é *pra' reré*. Agora vamos guardar os cofos aqui, vocês podem espantar, é ruim para correr, podem matar à vontade." (Ambrosinho pensa que é porco doméstico). O povo arranchou. Mataram um bocado. Encomendou para matar filhote, porque ele era velho e não tinha dente. Fizeram moquéim, paparuto. Assaram, tiraram moquéim, comeram, fizeram jirau para secar a carne. De manhã comeram um bocado, puseram carne de porco e guardaram no rancho.

Chegaram onde tinha muita paca pequena (*kra' péiré*), ela entra debaixo de montes de folhas. Arrancharam. O *Kwëk* falou: "Aqui, rapaziada, podem reparar as pacas aqui. Podem espantar, elas ajuntam na beira do ribeirão em montes de folhas; espantem, elas pulam n'água e vocês furam." Eles espantaram, quando mergulharam, furaram. Quando matam trinta, quarenta, cinquenta. Aí perguntaram: "É este que você está contando?" "É este, chama *kra' péiré*." Puseram no moquéim, assaram, comeram; puseram no jirau para secar carne, guardaram no rancho e foram.

Chegaram no lugar que tem muito mel. O mel morava no cupim: tubi manso, tubi brabo, tataíra, txizim, todo o mel. *Kwëk* falou: "Podem espalhar, quebrando cupim (*kamogré*). Mel aqui não mora no pau, mora no cupim. Mas reparem no mel, cada abelha tem qualidade. Se tem abelha vermelha, é fogo, abre ferida no corpo. Se for abelha preta, pode comer." O povo tirou muito mel até meio-dia. "É este que você está contando?" "É este mesmo. Agora vamos matar morcego." Viajaram.

Chegaram. Tinha buraco no morro. "Eu vou ver se já mudaram." *Kwëk* reparou a bosta do morcego, a zoada de morcego e viu que tinha ainda. "Não ponham fumaça de palha, senão não mata, tirem vara, vara meio grande, porque com vara pequena não o derruba, juntem lenha, metam por baixo, lenha de candeia, da que pega fogo, fumaça embebeda, cai e vocês matam com a vara. Os rapazes assim fizeram. Cada um tirou vara como arco. Acenderam o fogo. A fumaça entrou no buraco. Mataram um bocado. Os outros foram embora. "Agora tirem cupim, quando quente façam borralho e assem logo." Assaram. Comeram. Guardaram no cofó no rancho.

"Agora vocês vão ver coisa feia." Havia o *króupok*, buriti seco com fogo em cima, que alteava quando passava o passarinho. "Agora, cunhado, se você quiser experimentar, experimente; aí eu voltarei daí." *Hartât* virou passarinho e foi. *Kwëk* queria matá-lo e voltar com seu povo. Mas *Hartât* sabia como *Kwëk*. Virou passarinho, sentou na beirada do buriti e avoou de novo, o fogo abriu e o pássaro foi sentar lá no pau, olhando. Aí o fogo foi abaixando. O pássaro veio pousar de novo no buriti. Aí virou índio de novo: "Este negócio não faz nada comigo, agora eu volto mesmo assim." "Tá bom, mas tem outro ainda."

Aí havia *kuhetxe*. Era linha de tucum. Matava pássaro quando passava por baixo dele. "Agora experimente ele." Ele virou beija-flor, ...tou [ininteligível] a passar por baixo, mas *kuhetxe* não derrubou. O beija-flor voltou outra vez por baixo dele. Virou gente outra vez. Falou com o sogro: "Ah, as coisas não me matam não, eu volto mesmo aqui." "Tá bom, mas tem outra."

Tinha barro em torno da lagoa, que atolava os bichos que iam beber. Havia lá muito bicho morto. "Este aqui pega você agora." O povo olhou. *Hartât* virou *wudwudré* (pássaro que vive na beira da lagoa): "Olhem todos, reparem-me, se eu morro com sede no pé da lagoa." Aí voou, foi ao redor da lagoa, sentou lá na beirada, andando, andando,

e saiu pelo meio dos bichos mortos. E voou e andou outra vez. E voltou. "Pois vamos embora, as coisas não fazem nada comigo, eu volto assim mesmo." "Mas tem outra coisa."

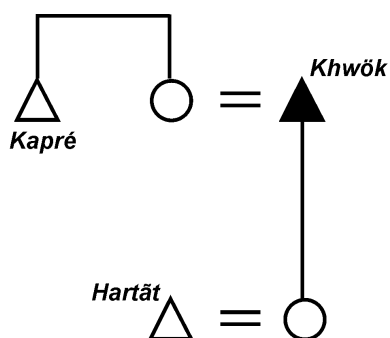
Foram seguindo, seguindo. Tinha jacaré muito grande. Abria a boca. Qualquer passarinho que passava, ele pegava e comia. "Olhe outro, aqui outro. Este pega todo passarinho. Você vai experimentar." Aí virou beija-flor pequenino. Ele passou mesmo pela boca do jacaré. Aí passou outra vez de volta. Virou gente outra vez. "Não fez nada comigo não, eu volto assim mesmo." "Mas tem outra coisa ainda."

Havia flecha de ponta grossa que batia no rio. Matava toda caça. *Hartāt* virou passarinho que gosta de comer peixe (*tépkritré*). Aí passou por baixo. Passou outra vez. "Quá, não fez nada comigo não." "Mas tem outro."

Na lagoa tinha *kukë* (pau de folhas finas). Está no meio da lagoa. Tinha cabelo amarrado em coque, pintado com urucu e pau-de-leite. "Qualquer bicho que bater nele ele bate contra a lagoa." E ele caminha até o meio da lagoa. Aí virou o passarinho *txere'reré*. Aí cantou foi lá, sentou no cabelo, e voou. O pau bateu na lagoa, mas não o matou. E voltou e sentou no cabelo e o pau não matou. "Quá, estes bichos só mata bicho do mato, mas conosco não pode." "Mas tem outro."

Havia a boca do vento, que fica num morro. Na porta tudo é limpo. Na hora que bicho passa, mata. "Agora este mata você." Aí cunhado do *Kwëk* pediu para *Kwëk* ir mais ele. *Kwëk* queria ...tar [ininteligível: contar? voltar?] para sua mulher. *Kapré* não virou bicho, chegou no meio da boca e gritou para o vento. Aí fez zoada, ventou muita poeira e *Kwëk* saiu. *Kapré* morreu. De lá voltou. O velho *Kwëk* falou: "Seu cunhado morreu, vamos voltar, porque não tem mais comida. Vamos por outra estrada, na capoeira tem muito inhame."

Mas os inhames eram misturados com *mekarõ*. Chegam com fome. Era muito inhame. "Agora, aonde eu achar nosso inhame, vocês assam, porque aqui nosso inhame é mistura com *mekarõ*. Uns atendiam e reparavam inhame. Outros três, que vinham atrás: "Por que o velho vai passando pelos inhames, deixa ele ir para lá, vamos ficar aqui arrancando." Mas arrancavam *mekarõ*. O velho achou o inhame bom. Procurou pelos três que ficaram. Aí mandou arrancar inhame. Assaram e não se importaram com os três. A meia língua dormiram. Fizeram cama. Dormiam em fila. O curador ficou na ponta. *Kwëk* não dormiu. Daí há pouco o dono do inhame (*mekarõ*) já vem. Aí falaram: "*Hapa, keti.*" "*Huhum.*" "Você está por aqui?" "Estou." "Eu venho perguntar você, quem arrancou meu inhame; foi você que mandou três rapazes?" "Não, eles é que ficaram por conta própria." "Tá bom, eu venho saber se você mesmo mandou." E o *mekarõ* voltou. Quando um que [palavra a mais: que] dos três queria mijar, tirou palha de pati, mijou como cunhã, limpou com palha. O outro fez a mesma coisa, o terceiro também. De manhã já tinha *he* (boceta). As mulheres já os esperavam na aldeia. Em três dias chegam na aldeia. As mulheres viram a boceta dele e não quiseram mais e eles foram embora. A sogra os despachou.



Na caderneta, após a narração, rabisquei o esquema acima. Antes e após a narração do mito Ambrosinho deu algumas explicações sobre a região percorrida pela expedição, que anotei muito sumariamente na caderneta e depois expandi com base memória no diário de campo. Reproduzo aqui o que escrevi no diário (D4, pp. 87-89) no mesmo dia (8-2-1967):

«Tomei ainda anotações sobre a geografia Krahó. O pica-pau que quer derrubar o pé do céu é um só e fica a leste. O pé do céu é como pé de milho, duro por fora e macio por dentro. Ao meio-dia dá sede no pica-pau e ele sai para beber, pois não leva cabaça; aí então o pé do céu se recupera. A leste fica a barra do céu; a oeste a cabeceira; mas o céu não é de água. Lá perto do pé do céu há cobra grande, chamada rónku'tóti; esta serpente cerca a aldeia de modo que a boca toca o rabo. Seu corpo se encosta nas paredes das casas. Sua altura é superior a de um homem; aqueles que tentam escapar pela cabeça da cobra, que é mais baixa, ela come. Só aqueles que com o auxílio de varas pulam o corpo da serpente escapam. Há também cobras tesouras grandes (tonkréuti) que esporam os homens nas costas. Há lacraias (peg'ré). Há o gavião Hókti, que pegava os índios quando iam cagar. O rato de lá tem chifres (amtxohĩpëre); lá há kukëi, que corta o pescoço dos índios. Por causa de Hókti é que um bocado de índios subiu para o céu. Os índios moravam primeiro no pé do céu. Pensa Ambrosinho que foi com medo dessas coisas que vieram para cá. Rumando sempre para oeste, mudando sempre as aldeias, chegaram ao Farinha. Aí houve dificuldades com os cristãos e o Padre Rafael os apanhou, trazendo-os para cá. Só trouxe os Krĩkatire, pois os Mãkrare já estavam aqui. O Padre Rafael deu um terreno aos índios cujos limites eram: o Tocantins, o Manoel Alves Pequeno, o Saco da Serra, o Perdida. Os cristãos mais velhos sabem desta antiga demarcação e deixam os índios caçarem no atual “circo”. Mas os moradores mais novos não fazem assim.

No pé do céu havia sodomia. Quando, no mato, um índio via o outro, um deles já se agachava para praticá-la.

Se no pé do céu havia muito bicho feio, havia também fartura de carne, boas caças como podemos ver no mito de Kuëk e Hartat, que vou deixar na caderneta. Mesmo estes animais comestíveis eram diferentes dos daqui.

Para oeste Ambrosinho não sabe o que existe. Ele também não sabe onde ficam os mekarõ.»

Versão de Diniz {303}

Narrada em 18-3-71.

Transcrita com alguns retoques do caderno "Ritos e Mitos" (RM), p. 28-38.

Primeiramente havia aldeia no rumo aonde o sol nasce. Depois veio mudando até ficar perto daqui. *Hartât* contava para o povo: "Mas oh, aqui vocês passam mal. Se fosse aonde eu nasci, lá há muita coisa, porque lá há toda caça." O genro de *Hartât*: "Como é *ikrâtumye*, você conta tanta coisa sobre lá onde você nasceu; eu quero ir lá, para ver enquanto sou novo." "Está bom, vamos fazer assim. Fale com sua mulher e com todas as mulheres de quem vai conosco para preparar de comer. Ponham mandioca na água três vezes." E assim fizeram três vezes consecutivas. "Vamos levar este na frente." Cada qual foi então colocar cofo de puba na frente.

Saíram viajando, viajando. Chegaram no mato. "Aqui vocês podem espalhar e vão reparando cupim. Se virem abelha vermelha (*Ka'këre*), esta é fogo, vocês não mexem. Se encontrarem abelha preta, ela não faz nada, pode morder, mas não faz nada. Se virem no pé de pau abelha que anda devagarzinho, tirem separado para mim." O povo espalhou e cada um trouxe mel, muito mel. Lá dormiram e saíram.

Seguiram mais para frente. Foram indo, indo e chegaram. "Rapaziada, agora vocês esperem aqui que eu vou procurar *txepti*. Não sei se já acabou, às vezes saiu para outro lugar." Aí a rapaziada ficou esperando. Ele foi na serra, na toca. Viu bosta de morcego muita, e estava mexendo na toca. Voltou. "Rapaziada, está tudo ainda. Não é com palha e folha seca; é preciso pegar pau grande para fazer coivara. Para matar, não é com cipó, mas sim com vara." Aí a rapaziada fez coivara e tocou fogo. Fogão. Os morcegos caíram. Eram morcegos grandes como arara preta. Aí falou para o povo: "Agora vocês tragam os filhos de morcego para eu comer, porque morcego novo é mole." Então fizeram moquém, tiraram do moquém, assaram no jirau. Fizeram uns dez cofos de morcego e penduraram.

Aí viajaram outra vez. Quando chegaram no mato: "Aqui que eu estou contando; se vocês acharem *Krapéire*, aí vocês matam e trazem as pacas novas para mim." Mataram muita paca. Moquearam. Tiraram. Assaram e deixaram lá mesmo.

Chegaram noutro lugar. "Aqui vocês podem ir caçando oco de pau. Se virem rato (*amtsohîpëre*), peguem os ratinhos novos para mim." Espalharam. Quando viam sair cabeça com chifre no oco do pau, punham fogo e ele caía. Moquearam, assaram e deixaram lá.

Sairam. Quando lá na frente, viram rastro de porco queixada. *Hartât* reparou. Os porcos andavam na chapada, no carrasco. "Não, esse é valentão, quando você dá nele, ele te come. Chama *Krîre* (porco bravo)." Saíram e viram rastro de porco. *Hartât* foi ver. Chegou lá no carrasco. "Não, quando rapaziada dá nele, é corredor. Chama-se *Hutré*." Voltaram e levou rapaziada. Foram andando, andando, e deram noutro rastro. *Hartât* foi rastejando e chegou lá no carrasco. "Agora esse aqui vamos matar, esse é que estou contando. É *prareré*. Quando matarem, tragam novinho para mim." *Hartât* só gostava de caça nova porque era mole e ele já era velho. Deram no porco. E mataram muito. Não corre muito, é gordo (Diniz pensa que é porco de cria mesmo). Fizeram moquém, assaram. Secaram. Deixaram lá.

Chegou na frente, o pessoal estava deitado. Fizeram cama. Aí tesoura (*tomkré'rîti*) cantava.

"*Hoto hoyá he*
Kute amunĩtó tomkré'rĩte he yahe"
(*Tonkré'rĩte* corre atrás de outrem)

Então cantou até de manhã. De manhã perguntaram: "Quem está cantando acolá."
"Não é gente não, é *Tonkré'rĩte* que está cantando." De manhã passaram por lá e viram o rastro. *Tonkré'rĩte* grande (com três metros).

Chegaram mais na frente e fizeram cama e estavam deitado. O bandeira começou a cantar.

"*Ité ipéyōye meimōrō né*
Ipeyoyoye [Ipéyōye] ampó yóupomã
Kuté amunĩ tó wirĩré yóupōmã
Ité ipéyōye mō hatxë"

wirĩré = bandeira

yu?yuré = bandeira

(O *wirti* é um besouro que tem bico como o bandeira; gosta de ficar no buriti e bacaba que está pubando; gosta mais de buriti).

Eu fui andar com meu cunhado e eu perguntei:

"*Ipéyōye*, de quem é esta chapada?"

"Esta chapada é do bandeira."

Aí eu disse: "Está bom" (*hatxë*).

O bandeira cantou até amanhecer. Aí a rapaziada deu no rastro do bandeira. "É este que está cantando de noite."

De noite. Chegaram no jacaré (*mĩti*). Estava com a boca aberta, esperando bicho passar. *Hartāt* falou para o genro (*Khiok*): "Olhe aqui, *ipeyōye*. Se este pegar você, eu quero voltar com rapaziada daqui mesmo." "Está bom." O *Khiok* virou beija-flor (*yunrê*). Passou na boca do jacaré. O jacaré começou a mastigar. Foi diminuindo até parar de mastigar. *Khiok* tornou a passar. Aí *Khiok* virou gente outra vez. "Agora, meu sogro, estas coisas não vão me matar não, eu volto." "Está bom, não é só esse não, tem outro." "Quá, não me acabam não."

Foram indo e encontraram riacho (ou lagoa). *Kakót* (broto) mergulhava e saía da água, feito monjolo. Devagar. "Agora *ipeyōye*, agora que este mata você, eu quero voltar daqui mesmo. Você passa debaixo desse *Kakót*, que eu quero voltar com o povo daqui." "Quá, às vezes não mata não." *Khiok* virou *Tépkriti* (martim-pescador) e passou debaixo do *Kakót*. E *Kakót* começou a se movimentar rapidamente para cima e para baixo. Até que foi devagar. Tornou a passar. *Kakót* se movimentou ligeiro outra vez. Virou gente outra vez. "*Ikrātumye*, eu volto, essas coisas não me matam não." "Vamos ver, há outras ainda."

Aí andaram, andaram. Chegaram no *Kuhetxe*. É linha de tucum. *Khiok* virou *yunrê*. Passou e *Kuhetxe* começou a andar ligeiro. *Khiok* falou: "Não *Hartāt*, não me matam não, eu volto." "Vamos ver outro."

Chegaram na lama. Todas as coisas, seriema, veado, anta, mateiro, quando vão lá beber e se atolam, não saem não. "É aqui." Se chama *Pie?to*. "Este aqui vai grudar você, eu quero voltar com rapaziada daqui." "Vamos ver." *Khiok* virou *wirwitré*. Voou e chegou lá no *Pie?to*. Andou no meio dos bichos mortos. Urubu não come porque estão

no *Pie?to* e urubu se for lá se gruda também. Tornou a sair e falou: "Não, essas coisas não me matam não" "É, vamos ver. Ainda tem."

Chegaram no *amkrokro*. O chão é areia como fogo. Os bichos andam lá e queimam. "Agora sim, isso vai queimar você aqui mesmo." Aí virou em anta. Mergulhou no brejo. Entrando e saindo. Levando água no corpo (não em vasilha). Apagou metade e passou do outro lado do *amkrokro*. "Não, eu volto." "Mas tem mais."

Chegaram no *Kukhë*. Tinha coque e enfeitado com faixas de urucu e pau-de-leite como *Katamyë*. Qualquer passarinho que pousasse nesse pau ele projetava na água e matava. *Khiok* virou *Txerereré*. Sentou no galho de *Kukhë*, que não fez nadinha. "Não, nenhum não mata não." "Não, tem outra coisa ainda."

Aí *Hartât* levou-o para o *Króupok*. "Agora sim, este queima você." Virou arara canindé (*pãnãrãré*). O fogo saía devagar e desaparecia. Aí sentou na madeira do buriti; bateu e saiu. O fogo saiu muito. "Não, essas coisas não me matam não."

Aí chegaram em *Khok* (vento). Na porta do *Khok* tudo era limpo, como capinado, sem pau nem nada. Então o cunhado de *Khiok* (*ipéyōye* do *Khiok*) falou: "Quero experimentar também, porque também quero também contar alguma coisa na aldeia." "Não, eu é que fiz trato com *Hartât*, se acontecer alguma coisa com você, o povo fala de mim." "Não, não tem nada não, eu quero experimentar por conta própria mesmo." Insistiu tanto que *Khiok* deixou. Chegou na porta de *Khok* e gritou. *Khok* saiu com força. *Khiok* saiu, mas o cunhado não, e foi levado, desapareceu.

Agora a volta.

Da serra avistaram o cunhado de *Khiok* sentado com o vento em volta. Disseram: "Chama ele." Mas *Hartât* falou: "Já é defunto, não volta mais não."

Voltaram e chegaram no *Khëire*. *Hartât* disse: "Aqui nós vamos escutar." E arrancharam perto do *Khëiré*. De tarde, o dono do *Khëiré* [machado semilunar] vem cantando.

Khëire yo
Khëire yakrati yakhare yo

yakrat = bico de baixo
"O *Khëiré* tem bico branco"

Tinha um *Khëiré* em cada ombro. Cantou até de manhã. De manhãzinha *Hartât* foi lá e pediu o *Khëiré* Ele cedeu um. "Não vou dar agora não. Na outra noite eu vou cantar muito e então eu vou dar." *Hartât* falou com a rapaziada que o dono do *Khëiré* ia ceder um no dia seguinte. De noite o dono do *Khëiré* começou a cantar até o amanhecer. A mesma cantiga. *Hartât* foi lá e o dono falou: "Quem ficar com o *Khëiré* não pode ralar mandioca, fazer beiju, botar coisas de borralho, levar cofo na cabeça, tem de lavar as mãos depois de comer." *Hartât* explicou tudo para a rapaziada. Um rapaz pediu para ver e disse que ia ficar com ele. O dono do *Khëiré* estava calado. Outro rapaz tomou e disse que ia ficar com *Khëiré* Cada um dizia que o queria ver e o tomava. O derradeiro pegou outra vez e disse: "Todos já viram? Mas ninguém vai ficar com o *Khëiré*, sou eu quem vai ficar com o *Khëiré*."

[O trecho seguinte foi narrado antes: RM, p. 28. Foi aqui incluído conforme instrução do narrador em RM, p. 38]

De noite *Té?ti* (jatobá) começou a cantar. Cantava a cantiga de *Khëiré*. No outro mato se escutava o *Ipërekaxë* cantar. A rapaziada perguntou a *Hartât*. "Tio, quem está cantando acolá?" "Não é gente não, é pau, eu não estou dizendo?" De manhã viram pau bonito. Era este que estava cantando. Mas só cantava de noite.

O dono do *Khëiré* queria experimentá-lo. Falou com *Hartât*: "Tio, quero cantar um pouquinho." "Calma." "Mas eu quero cantar enquanto eu lembro a cantiga." "Tá." Aí começou. O guariba falou do mato: "Por que você tomou minha frente, você não canta não." O rapaz calou. *Hartât* falou: "Não estou dizendo, as coisas aqui todas sabem, caça, pau, espera para cantar na aldeia."

O mambira, toda caça fala. Antigamente, quando índio rastejava, o bicho falava: "O que anda caçando?" "Nós estamos rastejando o tatu." "Ah, eu estou aqui." Aí o matava.

[Aqui termina o trecho contado com antecedência]

Foram andando. Chegaram no inhame (*kréro*). A comida tinha acabado. Tinha mata de rama de inhame. *Hartât* disse: "Vocês não mexem no *kréro*, porque aqui é diferente. Eu vou caçar um." O *Hartât* entrou no meio. Como *Hartât* demorou, outros arrancaram inhame. Outro rapaz disse que *Hartât* pediu para esperar. Mas eles disseram que já estavam com fome. Fizeram moquém. Quando *Hartât* chegou: "Não avisei para não mexerem? Eu que nasci nessa região. Quem já pegou nesse inhame?" "Foi este, este ..." "Quem ainda não pegou me acompanhe para apanhar o inhame que encontrei." Acompanharam *Hartât*, que lhes mostrou o que deveria ser apanhado. Arrancaram, fizeram moquém e comeram e saíram. Arrancharam mais adiante. À meia-noite o dono do inhame vinha atrás. Falou com *Hartât*. Reclamou que mexeram no inhame. *Hartât* falou que lhes tinha avisado, mas pegaram. O dono falou que não tinha nada não. O dono do inhame soprou com a boca sobre os que estavam dormindo e despediu-se de *Hartât*. Os que arrancaram o inhame, quando levantaram, viraram mulher. Quando chegam na aldeia, as esposas não queriam ter por companheiro outra mulher.

Informação avulsa de José Aurélio {138}

Diário de campo, 11-3-1971 (D6, pp. 115-116)

«As perguntas sobre o pé do céu levaram José Aurélio a contar o mito de Hartat. A expedição, depois de passar pelas caças, começou a encontrar coisas ruins: Kukhë (pau linheiro, sobre a água); Króupok (buriti seco, de onde sai fogo); Kakhot (parecido com monjolo); Kuhetxe (corda de arco); Heiabróro (teia de aranha); Kuato (barro mole); Amkrokroti (areião fofo e quente); Míti (jacaré); Ikhré (buraco de onde sai o vento e a noite). Pedi a Zé Aurélio um termo que englobasse todos esses perigos e ele me ofereceu dois: ampókhen ou ampóyobre.

O *Khëiré* também fica no pé do céu.

Sobre o lugar escuro onde estiveram os índios, José Aurélio disse também que fica no pé do céu. Coloquei uma questão: por que a escuridão fica lá, se o sol sai de lá? José Aurélio falou-me então das nuvens que encobriam hoje o céu, talvez querendo dizer que as nuvens também lá escureceriam a luz do sol.

Para oeste só existe mar, que ninguém pode atravessar.»

Apesar de constar no Diário que José Aurélio me contou o mito de *Hartât*, não o encontrei transcrito no Diário e nem na caderneta. Talvez não o tenha anotado.

MONSTROS SOLITÁRIOS

Os seis mitos aqui apresentados me foram todos narrados em outubro de 1963 por três habitantes da aldeia de Boa União, nome do lugar onde então se erguia. Ela foi anteriormente chamada (entre outros nomes) de Pedra Furada, Cabeceira Grossa, Campo Alegre, e posteriormente de Cachoeira, conforme os sítios sobre os quais sucessivamente se assentou. Refere-se a seres solitários que exerciam diferentes formas de predação sobre os habitantes da aldeia, alguns dos quais, se não todos, tinham sido anteriormente seus habitantes. Comentários a estes mitos já os fiz em meu artigo “O julgamento dos mitos” (Melatti, 1992).

Não conheço versões destes mitos tomadas por outros pesquisadores, a não ser do mito de *Tewaré*, que foi colhida entre os craôs por Harald Schultz (1950, pp. 119-123). O mito foi também colhido por Curt Nimuendaju entre os canelas (1946, pp. 248) e entre os apinajés (1956, pp. 131-132, mito 8).

Hunkóputxit e Róptik

Narrado por Osório {224}
em 13-10-1963.
Transcrito com retoques
da caderneta de campo.

Hunkóputxit [Uma Unha; *hunkó* = unha, *putxit* = uma] estava pegando índio e *Róptik* [Onça Preta; *róp* = onça, *tik* = preta] também. O primeiro era como tamanduá bandeira e o segundo era onça preta. Um índio chamado *Honré* convidou o cunhado (*impöye*) dele para irem caçar veado. *Honré* era ótimo caçador de veados, apanhando-os mesmo com a mão, pois corria muito e não se cansava nem um pouco. O cunhado dele era amarelo e não prestava para correr. O cunhado perguntava a *Honré*, referindo-se aos rastros de veado que encontravam: “É esse aí?” *Honré* respondia: “Qual! Esse não é grande, não!” E o cunhado perguntava de novo: “E esse aí?” *Honré* respondia: “Qual! Eu não alcanço esse não!” Foram andando e viram outro rastro: “Vamos atrás desse, que é grande!”

Hunkóputxit havia pegado um outro veado e o estava comendo. *Honré* e seu cunhado perceberam a presença de *Hunkóputxit* e este, por sua vez, também os percebeu. *Hunkóputxit* deixou de comer o veado. Então *Honré* disse ao cunhado: “Pode correr atrás de nós, que eu vou correr com *Hunkóputxit*; ele não me pega.” Aí *Honré* correu e *Hunkóputxit* saiu-lhe ao encalço. *Honré* atravessou a chapada e disse consigo mesmo: “Não, eu vou embora; com certeza o meu cunhado já está longe. *Honré* correu, então, atrás de seu cunhado, mas este estava perto ainda. Então *Honré* correu em outra direção, com *Hunkóputxit* atrás dele. Mas o cunhado de *Honré* ainda estava perto; ele corria pouco. Como *Honré* corresse novamente na direção do cunhado, *Hunkóputxit* percebeu este último. Deixou logo de correr atrás de *Honré*, que era bom corredor e ele não conseguia alcançar. *Honré* correu um pouco e ficou olhando *Hunkóputxit*. Mas este, ao invés de perseguí-lo, preferiu correr atrás do cunhado dele, que derrubou, matou e meteu-lhe a unha no “sangradouro.” Depois pegou-o pelos cabelos e bateu-lhe com a cabeça no chão, pensando que ainda estava vivo. A seguir, abriu-lhe o ventre e comeu-lhe apenas o fígado. *Honré* ficou olhando. *Hunkóputxit* deixou o cadáver do cunhado de

Honré e limpou a unha na folha verde. *Honré* continuava olhando. Mas *Hunkóputxit* não queria mais correr atrás dele e foi embora. *Honré* ficou imaginando. Tomou folha de palmeira e colocou o cunhado em cima. Foi embora. Chegou à aldeia. O irmão do cunhado que morrera não procurou saber de nada. *Honré* disse a todo o povo: “Por aí vocês não queimem mais capim.”

Passaram-se dez anos e ele foi examinar o capim. Já estava bem alto, da altura das forquilhas das casas. Havia um índio chamado *Tephót*, de quem *Róptik* havia matado a mãe e o pai. Seu tio (*keti*) lhe fez uma borduna para matar *Róptik*. Era uma borduna grande e com ponta (*khopó*). *Honré* foi examinar o *khopó* de *Tephót*. Falou com o tio dele: “Como é? Você já aprontou o *khopó* de *Tephót*?” Então *Honré* disse para sua própria mulher: “De manhã você pode preparar meu alimento, batata e milho, porque o capim já está bom.” De tarde *Honré* saiu para o pátio, a fim de convidar todo o povo das casas para reparar o fogo que ia fazer, para apanhar as caças queimadas. De manhã *Honré* saiu da aldeia com o cunhado, irmão daquele que *Hunkóputxit* havia matado. De tarde estavam no meio do capinzal. “Agora nós vamos ficar aqui, e não vamos dormir, e esperar até a estrela grande (*Atuktuiti*) sair. *Honré* e o cunhado ficaram cantando baixinho até a estrela grande sair. “Agora você ponha fogo assim daqui a meia légua, não aqui perto não, senão você se queima. Repare uma moita e não passe perto dela, passe longe.” *Honré* e o cunhado apanharam fogo e entraram em sentidos opostos e foram pôr fogo no capim. Puseram fogo em toda a volta e ficaram no meio. O fogo estava queimando toda a caça. Aí o povo todo partiu para o local do incêndio. *Hunkóputxit* já estava gritando no meio do fogo: “Tuut!” O fogo devorou todo o capim. *Tephót* estava à espera de *Róptik*, tomando o caminho onde este deveria passar. Um outro subiu a uma árvore para avisar a *Tephót* quando *Róptik* viesse. *Róptik* já vinha vindo. Aquele que estava no alto da árvore tocou “borá” para *Tephót* saber. O tio (*keti*) de *Tephót* não queria deixar ele furar *Róptik*. *Tephót* pegou a borduna e furou *Róptik*; gritou e outros índios vieram ajudá-lo a furar *Róptik* com a arma. Acabaram de matar *Róptik*. Todos os índios ajuntaram, observando *Róptik*.

O governador disse: “Agora vocês vão apanhar o velhinho, porque ele conhece todos os bichos”. Eu estou pensando que este velhinho era *Tirkrě*, porque ele é que sabe muito. Mandou a rapaziada buscá-lo. Eles voltaram com o velhinho. Ele examinou *Róptik* e disse para o povo: “Esse aí não é outro bicho não; é *Roptigré*!” Abandonaram *Róptik*, não o levaram não, deixaram-no lá. *Honré* falou: “Vamos examinar o outro, o *Hunkóputxitré*!” Procurou-o e achou-o queimado; gritou para os outros, que se ajuntaram e tornaram a buscar o velhinho. Aí o velho reparou e tornou a dizer: “Esse aí não é outro bicho não; esse aí é *Hunkóputxitré*!”

Hitokré

Narrada por Osório {224}
em 13-10-1963.
Transcrição com retoques
do caderno “Mitos Ritos” (MR), pp. 1-3.

Um índio falou com a mulher: “Agora nós vamos para a roça com os meninos para tinguíjar peixe, para fazer berubu com peixe. O marido saiu à procura de timbó, no mato, para tinguíjar. Tirou um bocado de timbó e disse à mulher: “Você pode ficar aí esperando e, quando eu pegar peixe, eu trago.” Foi então tinguíjar a lagoa, que ficava junto à roça. E pôs timbó na lagoa, trabalhando sozinho, enquanto os meninos e a

mulher estavam na casa da roça. Já era de tardezinha. E ele estava sozinho procurando peixe na lagoa. Então aquele sapo, grande assim — o *proti* — se aproximou e lhe perguntou: “Você está junto com quem?” E o homem respondeu: “Eu estou sozinho, tinguijando peixe; minha mulher e meus filhos estão lá fora na casa.” Então o *proti* decepou o homem bem na cintura. O homem então abandonou a parte inferior do seu corpo junto ao ribeirão e passou a andar de cabeça para baixo, sobre as mãos, o coração e muito sangue à mostra [essa frase corresponde à explicação que me foi dada depois pelo narrador, MR, p. 2, e substituí a frase ininteligível que estava aqui]. Caminhou então para a casa da roça e, ainda do lado de fora, ordenou à mulher: “Acenda o fogo para pôr o peixe!” Ela respondeu: “Espere aí.” Ela saiu da casa e deu fé dele. Disse-lhe: “Espere aí, deixe-me acender o fogo!” Então ela voltou-se para os filhos — parece que eram dois —, dentro de casa e lhes disse: “Vocês podem ir para a aldeia, aquele não é seu pai não!” E voltou-se para o marido: “Não entre já não, deixe-me primeiro acender o fogo!” Então a mulher tornou a entrar na casa e, saindo pela outra porta, dirigiu-se para a aldeia, atrás dos filhos. O homem ficou no mato. Quando a mulher chegou à aldeia, não contou nada aos outros sobre o que sucedera. O homem tinha virado *Hitókréré*.

Aí passou a matar mulheres. Quando alguma mulher ia ao mato para apanhar bacaba, *Hitókréré* ia atrás. A mulher subia no pé de bacaba e *Hitókréré* perguntava: “Quem está aí tirando bacaba?” A mulher, sem o perceber, respondia: “Sou eu que estou aqui tirando bacaba!” *Hitókréré* então dizia: “Eu já vou indo para copular com você!” E então subia no pé de bacaba. Entretanto, quando a mulher o via, caía lá de cima e morria. Mas *Hitókréré* não fazia nada, pois não tinha com que copular. Fazia sempre assim. Já estava acabando com as mulheres dos outros.

Havia porém uma mulher muito sabida, acostumada a andar sozinha. Ela falou consigo mesma: “Agora eu vou reunir todas as cunhãs e vou ver aquele bicho, porque está acabando com as mulheres.” De tarde esta mulher sabida reuniu as outras no pátio. O governador dirigiu-se para elas e perguntou: “Agora, como vocês vão fazer?” A mulher sabida falou: “Amanhã vamos atrás de bacaba, todas nós.” De manhã saíram todas com o governador. Ao chegarem à orla da mata, a mulher sabida disse ao governador: “Agora vocês ficam todos no mato e eu vou sozinha; se eu gritar, ninguém vai, não!” E ela foi, examinando os pés de bacaba. Subiu num pé de bacaba e gritou: “Aqui há bacaba madura, quem quiser tirar aqui, pode!” O bicho, porém não respondeu. Ela tornou a gritar: “Quem vem tirar bacaba; aqui tem muita, madura!” Aí o bicho respondeu: “Ah, já vou indo, eu quero copular.” E o bicho se aproximou, respondendo ainda quando mais próximo. A mulher estava reparando: “É esse bicho mesmo que está matando as cunhãs; hoje você morre.” Então a mulher cortou o *ka'pere premp* (olho de bacaba?) para furar o bicho no coração. E tornou a gritar: “Quem vem tirar bacaba? Aqui tem muita, madura!” O *Hitókré* alcançou o pé de bacaba e começou a subir. A mulher já esperava por ele. Quando ele já estava no meio do tronco da bacabeira, a mulher deu-lhe com o *ka'pere premp* no coração, e o *ka'pere premp* o levou para baixo. A mulher desceu. O *Hitókré* já estava morto.

Então chamou pelos outros. Ajuntaram-se muitos homens e muitas cunhãs para ver o *Hitókré*. Então o governador mandou a rapaziada ir buscar o velhinho. Eles foram buscá-lo. O velhinho examinou o bicho, examinado-o com uma vara deste tamanho (como bastão que velho usa para andar). E disse ao povo: “Esse aí não é bicho não, é o índio mesmo que o *proti* cortou.”

Hopóré

Narrado por Osório {224}
em 13-10-1963.
Transcrito com retoques
do caderno “Mitos Ritos” (MR), pp. 4-5.

Uma moça muito bonita estava matando homens. Ela andava nuazinha. Subia às árvores tortas [que tinham algum galho que crescia em sentido horizontal]. Lá de cima, cantando, chamava o homem que passasse: “Suba para copular comigo! Suba, eu o seguro pelo braço, nós vamos fazer aqui mesmo!” O homem subia; quando já estava no meio do tronco, ela dizia: “Pode vir, aqui é bom, nós faremos aqui.” E *Hopóré* pegava o braço do homem. Mas ela não queria copular. Soltava-o, e o homem caía lá em baixo, morrendo. *Hopóré* já tinha matado assim muitos homens.

Havia, porém, um homem que pensava muito. Ele disse para consigo mesmo: “Não, agora eu mesmo vou reparar, porque outros não sabem, não pensam nada. Mas eu mesmo vou reparar esse bicho!” Então o homem preparou flechas e arco; pôs corda nova no arco. Então falou ao povo, no pátio: “Agora vocês fiquem aí todinhos, que eu mesmo vou caçar por aí assim.” Os homens foram caçar. Mas ele foi sozinho, tendo antes avisado aos demais: “Se eu gritar, ninguém responde.” Ele foi sozinho, pois *Hopóré* estava matando homens bonitos, com rodas [batoques] nas orelhas. O homem foi. *Hopóré* estava cantando. O homem pensou: “É aquele bicho mesmo que anda matando homens!” *Hopóré* lhe falou: “Vem subir aqui, eu pego no braço de você!” [Mas o homem mandou que ela descesse. Ela respondeu:] “Não, você é que vem aqui, não me fleche, não!” Ao mesmo tempo mostrava o “negócio” dela [sexo] para ele. *Hopóré* não queria descer. Então o homem apanhou uma flecha e flechou *Hopóré*; e flechou de novo; e *Hopóré* caiu.

Então o homem chamou os outros, que ajuntaram todos. O povo estava reparando *Hopóré*. Era bonita, alvinha! Então tornaram [o narrador contou este mito logo depois do de *Hitókré*] a buscar o velho — parece que era *Tirkrē* mesmo — lá na aldeia. O velho veio, examinou *Hopóré*, rodando assim [caminhando ao redor dela] e disse para os outros: “Esse aí não é outro bicho não, é índio mesmo, aquela moça que se chama *Hopóré*!” Então deixaram a moça e foram todos para a aldeia.

Tókhamkwērekwe

Narrado por Messias {97}
em 26-10-1963.
Transcrição com retoques
do caderno “Mitos Ritos” (MR), pp. 34-35.

Foi uma índia que se transformou em *Tókhamkwērekwe*. À noite, quando alguma criança chorava e a mãe procurava acalenta-la, *Tókhamkwērekwe* se aproximava e dizia para ela: “Dá-me a criança, deixe-me acalenta-la um pouquinho para você, você está cansada.” E então levava a criança para a toca de pedra. Matava-a “quebrando” [apertando?] a goela e aí a moqueava, pondo-a depois em cima de um jirau construído sobre o fogo. Toda noite *Tókhamkwērekwe* pegava crianças.

Até quando um velho disse a sua mulher: “Não mulher, eu vou caçar na direção desse morro, para ver se eu queimo um rato para nós comermos.” E o velho “encostou” (chegou) lá na toca de *Tókhamkwěrekwe*. Esta falou ao velho: “Oh tio, eu tenho uma coisa aqui.” E apanhou um “quarto” [coxa] de garotinho e deu para o velho. Então o velho viu. A criança que tinha sido apanhada na última noite ainda estava por cima do fogo. Então o velho pensou: “Ah, esse bicho é que está matando as criancinhas.” Então ele falou: “Ah, *iapartxwoi* [“sobrinha”], eu já vou-me embora.” Então *Tókhamkwěrekwe* lhe respondeu: “Um dia, se lhe faltar caça, você pode vir até aqui, que eu lhe dou outra vez.” Então o velho caminhou e chegou à aldeia.

De noite foi à praça e contou: “Olhem, eu vi o bicho que está comendo as crianças, lá na toca de pedra!” Então todo o pessoal se ajuntou e de manhã cedo foi à procura de *Tókhamkwěrekwe*. Ela estava na toca, deitada de pés para cima. O pessoal chegou à toca e havia muitas cabeças de criancinhas. Então o pessoal “apertou” (ajuntou-se) e quebrou a cabeça de *Tókhamkwěrekwe* com cacete.

Adendo

Em meu diário (D6, pp. 363) deixei anotada uma informação sobre este mito dada por Domingos Marcos *Kraté* {183}, chefe da aldeia de Pedra Branca, Valdomiro Silveira *Krëk* {308}, chefe da aldeia de Rio Vermelho, e Ismael *Aprak* {508}, chefe da aldeia de Manoel Alves Pequeno, quando estiveram em minha casa, em Brasília, em 16-5-1992:

“Quando Jussara lhes mostrou os livros destinados aos ticunas, Valdomiro disse que só queria saber de craô, mas depois perguntou-me por que eu não escrevia o que sabia de craô. Lembrei-me de que eu necessitava de ilustrações para meu artigo “O julgamento dos mitos” aceito por *Ciência Hoje*. Disse-lhes que tinha escrito um trabalho que tinha seis histórias dos craôs. Mostrei-lhes um número de *Ciência Hoje* e lhes disse da necessidade de ilustrações. A princípio não entenderam minha pronúncia dos nomes dos personagens craôs. Mas depois que os identificaram, discordaram que a velha que comia crianças chamava-se *Tókhamkwěrekwě*. Este, segundo *Kraté*, seria alguém de olhos azuis que mexia com um pau e identificava quem estava caído (seria *Tirkrê*?). O nome da velha seria *Tóntepkakre*, em que *tó* é olho. Tem alguma coisa a ver com furar olhos.

Mas nenhum deles conseguiu desenhar algo aproveitável. *Kraté* e Ismael desistiram primeiro. Valdomiro passou dos desenhos a tentar escrever os nomes dos personagens. Acho que um inibiu os outros, mas o mais inibidor seria Valdomiro.”

Khrākhró'khrógré

Narrado por Messias {97}
em 27-10-1963.
Transcrito com retoques
do caderno “Mitos Ritos” (MR), p. 46-48.

As crianças se reuniram e foram para o mato caçando passarinhos. Aí viram *Khrākhró'khrógré*. Estava no galho de uma árvore. Um rapaz falou para os outros: “Oi! arapuá (*kukrā* [uma espécie de abelha]) esta aí; vão buscar fogo para nós queimarmos!” Então um deles foi buscar fogo, apanhou fogo, quebrou palha seca, enrolou, botou no pau e queria queimar a boca de arapuá [a boca da colmeia]. E tocou fogo. Mas

Khrākhró'khrógré soprou e o fogo não pegou. Então o rapaz desceu e disse: “Sobe você para queimar a boca.” E subiu outro, sapecou outra vez a boca, mas o fogo não pegou. Então subiu um terceiro e botou fogo outra vez. O fogo não pegou. *Khrākhró'khrógré* cuspiu de novo e o fogo apagou. O rapaz desceu e disse: “Não é arapuaá não: é *Khrākhró'khrógré* que está aí!” O rapaz tinha visto a boca e ela tinha dentes. As crianças então caminharam um pedaço e gritaram: “*Khrākhró'khrógré!* *Khrākhró'khrógré!* *Me iahe* (corre atrás de nós!)” Então *Khrākhró'khrógré* desceu logo e correu atrás. Aí *Khrākhró'khrógré* cortou o tendão de Aquiles de todas as crianças. E morreram todas, porque não podiam andar e o sol as matou. Os pais procuraram as crianças até achá-las. É que um rapaz se tinha escondido numa moita quando *Khrākhró'khrógré* matou os outros e, depois que *Khrākhró'khrógré* foi embora, ele saiu e foi contar o ocorrido aos pais. Estes combinaram e foram buscar as crianças, levando o garotinho que tinha avisado. O garotinho mostrou as crianças. Eles viram.

Mandaram então dois corredores atrás de *Khrākhró'khrógré*. Um velho aconselhou: “Com que nós vamos matar: com cacete ou com arco? Vocês não matem com arco não! É bom matar com cacete.” Então foram os dois corredores e gritaram: “*Khrākhró'khrógré!* *Khrākhró'khrógré!* *Uiere meitenĩ iakep!*” (dizendo-lhe para vir cortar os tendões de novo). Então *Khrākhró'khrógré* desceu e correu muito. E o pessoal estava escondido na moita. Eram muitos; e com cacete. Aí vem *Khrākhró'khrógré* correndo atrás dos corredores. O pessoal jogava cacetes em *Khrākhró'khrógré* até que um bateu nele. E o matou. Um velhinho — parece que é *Tĩrkrẽ*, porque não ouvi falar que ele morreu —, os rapazes foram procurá-lo e o trouxeram. Ele chegou e mexeu com o cacete em *Khrākhró'khrógré* e disse: “*Txẽ! Txẽ! Txẽ ta meitamtxuie ampó 'nare Khrākhró'khrógré mam* (Olhem, meus sobrinhos, vocês estão vendo, esta coisa é *Khrākhró'khrógré*)!” Aí o povo foi embora. Gritaram antes de sair: “Uha! Uha!” O velhinho disse: “Vocês escondam dois rapazes, porque ele tem dois olhos nos pés (um em cada pé; o povo tinha-lhe quebrado a cabeça, mas não lhe tinha feito nada nos pés).” O pessoal foi embora, e os dois rapazes, escondidos na moita, ficaram olhando. Aí *Khrākhró'khrógré* levantou o pé, olhou em volta e abaixou. E olhou com o outro. E olhou com os dois (os olhos ficavam na planta dos pés). Viu os dois rapazes na moita e abaixou os pés depressa. Os rapazes gritaram pelo pessoal e eles voltaram. Os rapazes disseram: “Vocês não batem na cabeça não, porque os olhos dele são nos pés.” Aí um arrumou o cacete nos pés e *Khrākhró'khrógré* morreu.

Tewaré

Narrado por Gregório (*Hũte*) {310}
em 14-10-1963.

Transcrito com retoques
do caderno “Mitos Ritos” (MR), pp. 5-6.

Um homem saiu acompanhado do cunhado (*iwawĩ* [termo que inclui o irmão da esposa]) para matar *kuorekó* (gavião) na queimada nova a fim de pegar pena para fazer flecha. Saíram já muito tarde. De noite fizeram fogo. Aí, perto de dormir, o *ipiyã* [termo equivalente *iwawĩ*] botou o pé no fogo. Aí já mesmo o fogo cortou-lhe o pé. Ele jogou o pé. Então ele disse assim para *hupré* (cunhado[ou melhor, termo que inclui o marido da irmã]): “Vai buscar o pequi (*tẽ prin pu*).” O outro procurou o pequi, mas não achou nada, e está perto de dormir. Aí ele disse assim: “O *hupré* já quase dormiu.” E fez a ponta no osso [que ficara exposto com a queda do pé]. Aí furou mesmo o chão.

Então o *hupré* levantou (ele queria furar o *hupré*). O *hupré* se deitou de novo. Aí o outro tentou furá-lo novamente. Então o *hupré* correu; virou rato. O *hupré* foi embora para a aldeia. Não contou nadinha na aldeia.

Adendo

Quanto ao mito de *Tewaré*, consta no meu diário (D6, p. 22) uma informação que me deu Marcão, na aldeia de Pedra Branca, em 11-2-1971: “O mito de *Tewaré* começa com o convite de um cunhado a outro para irem pôr fogo no mato para espantar os gafanhotos e atrair os gaviões *khiorkhë*, que gostam de comê-los. Os cunhados ficaram esperando a noite, quando estes gaviões pousam e dormem.”

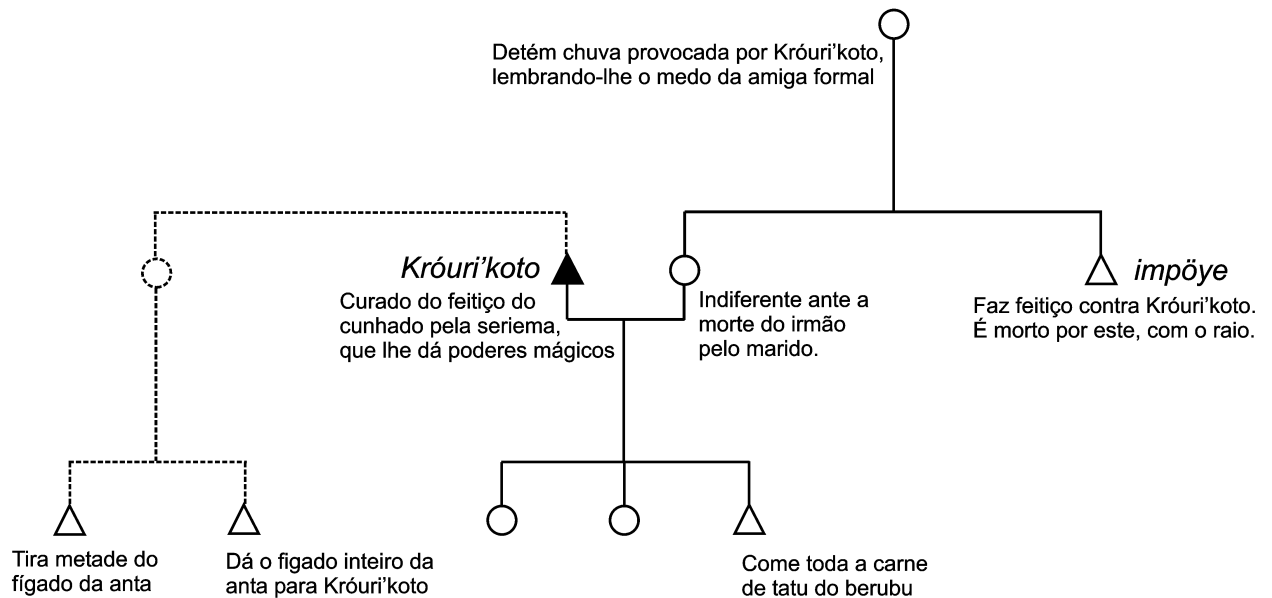
<u>Página inicial</u>	SUMÁRIO dos mitos
-----------------------	------------------------------

XAMÃS ZANGADOS

Neste mito se confrontam inicialmente dois cunhados: o *impöye* (irmão da esposa) contra o *ipiyöye* (marido da irmã). *Króuri'koto* é alvo de feitiço do irmão de sua esposa, porque o filho dele tirou toda a carne de tatu que recheava o berubu que ela tinha feito. Berubu ou paparuto são os nomes que os craôs dão, quando falam português, à torta de massa de mandioca, recheada com carne, peixe ou favas, embrulhada em folhas de bananeira brava e assada entre pedras previamente aquecidas; na língua craô chama-se *kwörkupu* (*kwör* = mandioca). Enfim, o irmão da esposa faz feitiço contra o cunhado, embora tenha sido lesado pelo sobrinho, filho de sua irmã e do cunhado.

Socorrido pela seriema, que lhe concede poderes xamânicos, *Króuri'koto* se livra do feitiço e se vinga, matando com o raio o irmão da esposa, o qual não conta nem mesmo com a solidariedade da irmã, que se mostra indiferente.

Entretanto, *Króuri'koto* vai reagir tal como o cunhado, quando se sente lesado na divisão de uma anta abatida numa caçada coletiva. Tendo recebido de um *itamtxua*, um “sobrinho” de laço genealógico não especificado, o fígado inteiro do animal, vê o quinhão que lhe coube contestado por um outro “sobrinho”, que lhe retira a metade. Em represália, *Króuri'koto* provoca uma copiosa chuva acompanhada de ventos, que impede os moradores da aldeia de assarem a carne. Só o demove da intenção de continuar a chuva, um alerta de sua sogra, que lhe lembrou que a amiga formal dele estava com medo da chuva. Como nada se pode fazer que produza incômodo, cansaço, sofrimento, ao amigo ou amiga formal, *Króuri'koto* fez cessar a chuva, ainda que demasiado tarde para salvar a carne da anta. Tal como a esposa de *Króuri'koto*, sua sogra, aproximando-se dele com um pedido, parece indiferente ao fato de ele ter-lhe matado o filho, a não ser que estivesse aterrorizada pela tempestade.



Em ambos os casos, sobrinhos, próximos ou não, provocam a decepção e vingança do xamã, mas nunca dirigida diretamente a eles. No primeiro caso, *Króuri'koto* é o único alvo. O ato do feiticeiro e a reação da vítima ficam no âmbito do

grupo doméstico da mulher e da sogra de *Króuri'koto*. O tatu cuja carne foi o pomo da discórdia foi abatido numa caçada individual. No segundo caso, a anta foi abatida numa caçada coletiva, e a decepção de *Króuri'koto* teve lugar no momento da divisão de sua carne entre os habitantes da aldeia. E é contra eles todos que provocará sua chuva e ventania.

O esquema visa a facilitar a leitura do mito. A linha tracejada sugere o desconhecimento das relações genealógicas de dois dos personagens com *Króuri'koto*.

Króuri'koto

Narrado por Messias {97}

em 25-10-1963.

Transcrito com alguns retoques do caderno “Mitos Ritos”(MR), pp.25-28.

O *ipiyōye* [*Króuri'koto*] matou tatu (*ton*) e a mulher dele fez berubu [ou paparuto]. O filho dele tirou toda a carne do berubu. O *impōye* [irmão da esposa de *Króuri'koto*] não quis comer. E se zangou e foi embora. Então ele, o *impōye*, foi de manhã ao lugar onde haviam feito o paparuto, lá na roça. E pôs feitiço: sangue de tatu com não sei o quê. Aí o *ipiyōye* ficou cansado, amarelo.

Ele [*Króuri'koto*] falou para a mulher: “Mulher, faça beiju, deixe-me caçar”. Então a mulher fez beiju e de manhã ele saiu cedo, caçando. Tirou embira de tucum na chapada. Aí esbarrou [parou] na sombra do pau-terra (*krók*). Então a seriema (*piegré*) veio. Ela falou para *Króuri'koto*: “*Höpö* [oi] *ha'para* [‘sobrinho’]!” Ele respondeu: “*Huhum* [oi]!” E a seriema ordenou que ele se transformasse em raio (*tatikate*). E ele se transformou. Então a seriema curou-lhe tudo. Aí a seriema mostrou-lhe um pé de sambaíba (*khrati*): “Você repara, talvez haja alguma coisa por baixo desta sambaíba. E ele viu peba. *Króuri'koto* o matou. Mandou então reparar um capão (*hauvin*). *Ton* estava lá dentro e *Króuri'koto* matou o tatu. E levou o tatu para a roça, onde o *impōye*... Chegou com o tatu na roça, tirou o feitiço que o *impōye* pusera e jogou-o dentro d’água.

Então *Króuri'koto* moqueou o peba. De tardezinha levou para a aldeia. Ele já estava perto de sua casa. A mulher falava aos filhos — duas moças e um rapaz — que estavam chorando porque o pai não mais voltava, imaginando que o sol o havia matado: “Cala (*meket*) logo, seu pai está demorando porque ele está cansado”. Então ele chegou: “*Höpö itxi* [abreviação de tecnonínia]!” “*Poimatxit* (sempre apareceu)!” respondeu ela. Então a mulher levantou e apanhou o cofo de caça que ele matara. Então aquietaram. A mulher e os filhos comeram.

Acabaram de comer e *Króuri'koto* disse para a mulher: “*Höpö itxi kakra imã akaton iakré*” (pediu licença para matar o irmão dela com o raio). Ela respondeu: “*Puhóp* (não sei), você que sabe, eu não digo nada para você, faça o que quiser.” Então *Króuri'koto* virou relâmpago (raio) e matou o *impōye*. Pronto, ficou sem *impōye*!

O povo da aldeia foi para o mato e levantou anta. Mataram-na e a estavam abrindo. *Króuri'koto* pediu o fígado porque não tinha mais dente. Então seu *itamtxua* [categoria de parentesco que inclui o filho da irmã] deu-lhe o fígado da anta. Ele o apanhou e o pendurou num galho. Então um outro sobrinho perguntou: “Quem foi que botou aí esse fígado, isso tudo?” Então aquele que havia dado o fígado respondeu: “É

do tio, porque não tem mais dente.” Então o outro sobrinho partiu o fígado no meio. *Króuri'koto* não o quis: “Então eu não quero fígado.” Zangou-se e foi embora.

Chegou a seu rancho e falou às duas filhas: “Ajuntem lenha para cozinhar carne de anta (*kukhrut*). Então ele chamou a chuva (*tati*) e choveu muito mesmo e não parou até de manhã. Então o pessoal da caçada chegou com as toras. Chegaram com a carne de anta, mas *Króuri'koto* estava zangado, botando a força de *tati* (vento de chuva). E não se podia cozinhar a carne de anta, a água entrando por dentro das casas e apagando o fogo.

Uma velha — a sogra — entrou na casa, reclamando com medo da chuva, e pegou na coxa (*ikhie*) de *Króuri'koto*: “*Ituarémehum* [pai de meu neto], a tua comadre [amiga formal] está com medo da chuva e eu lhe peço para parar a chuva.” Aí *Króuri'koto* imaginou e saiu para fora e soprou várias vezes na direção da chuva e ela parou. Aí todo o mundo moqueou a carne da anta. A carne da anta não prestava mais, pois já haviam passado duas noites; estava podre.

<u>Página inicial</u>	SUMÁRIO dos mitos
-----------------------	-----------------------------

A VEZ DA CAÇA

Os dois mitos aqui transcritos têm em comum a reação da caça contra o caçador.

No primeiro, a rara se vinga, pondo feitiço no homem que matou sua esposa. As visitas do marido-arara aos lugares onde ele e a esposa juntos comiam, descansavam, e por onde viajavam lembram as visitas a semelhantes lugares que fazem as mulheres canelas (timbiras como os craôs), inconsoláveis com a morte de parentes próximos, como mostra William Crocker (2009, p. 110).

No segundo, a anta, percebendo o caçador numa espera noturna, vai buscar fogo e persegue-o com ele. Só se detém quando se dá conta que entre ela e o caçador está o sapinho (*proré*), que é seu amigo formal. Em seu livro *Os Mortos e os Outros*, Manuela Carneiro da Cunha (1978, p. 87) recorre a uma versão desse mito, que lhe foi narrada por um outro craô, ao fazer a caracterização da amizade formalizada. Nela o sapo é *prokayeré*.

Arara

Narrado por Pedro *Penô* {158}
em 16-11-1963.

Transcrito com alguns retoques
do caderno "Mitosis Ritos" (MR), pp. 77-80.

Um índio estava caçando e matou uma arara vermelha. A outra arara, porque todos os bichinhos de asa que andam por aí formam casais, voou e foi-se embora. A sobrevivente ficou procurando a outra nos lugares onde costumavam comer frutas. Estava esperando o matador.

O homem foi caçar outra vez; a arara o viu e foi esperá-lo na passagem. Quando ele passou, a arara não disse nada. O homem matou veado e voltou. Enquanto ele voltava, a arara cantava mesmo como índio. E o homem pensou: "Eh, mas quem é que está cantando na passagem? Talvez o pessoal tenha cortado tora aí e esteja cantando, me esperando!" E o homem foi chegando perto. A arara veio baixando (ela estava no alto da árvore), continuando a cantiga. O homem pensou: "Não, não é gente não, talvez queira falar alguma coisa para mim". A arara tocou o chão, transformou-se em índio e perguntou: "Como vai?" "Como vai?" "Como é que você vai?" "Eu cacei veadinho!" "Sim, está bom; agora vou-lhe perguntar uma coisa. Você pode me contar. Eu andava por aí com minha mulher, mas não sei quem foi que a matou. Eu já a procurei onde nós comíamos, onde nós descansávamos, por onde nós viajavamos. Quero que você me conte". O homem desconfiou, e respondeu: "Eu não sei, porque há muitas aldeias, há muitas nações por aí, talvez outro a tenha matado". Mas a arara sabia e respondeu: "É, eu não sei não, você é quem sabe. Mas eu não vou procurar noutra lugar. Eu pergunto a você aqui mesmo, porque eu estou com saudade, já chorei muito, já gritei muito por aí assim". O homem respondeu: "Eu não sei não, não sei contar". Disse a arara: "É, não sei não; eu pergunto a você porque você é caçador, sabe andar; quando dá fé você viu alguém matando minha mulher". "Não, não sei contar". "É, eu pensava que você me daria uma notícia, mas você não sabe, eu vou procurar; mas eu quero que você pergunte lá [na aldeia] quem matou minha mulher". "Eu perguntarei". "Mas em tal dia eu te

espero aqui para você me contar!" Mas a arara estava mentindo e ia matá-lo com feitiço. A arara disse: "Até logo!" "Até logo!" E voou logo.

Porém, quando voou, empurrou com a perna a casca de pau [do galho, da árvore], que foi bater no peito do índio. Este caminhou um pedacinho e logo lhe deu uma quentura no corpo. Caminhou mais e já ia trocando pernas. Chegou fraco à aldeia. E disse para a mulher: "Agora você cuida do veado porque eu quero comer ligeiro. Porque outro dia você não vai mais me ver com esta cara, e nem eu vou te avexar com o de comer não". Ela cuidou logo da comida. Sapecou no fogo o veado, pois antigamente não se tirava o couro, desfatou, tirou o espinhaço e botou na panela. Nesse tempo se usava panela de barro. A mulher atiçava o fogo. O homem já estava gemendo, e cantando mesmo a cantiga da arara. A mulher cozinhou depressa e botou a comida para ele. O marido comeu, bebeu água e falou: "Pronto, já comi; o resto é para você; vai comer só esta vez, porque depois você não vai comer carne de veado não, porque eu não vou viver não. Não é outra coisa que vai me matar não: é arara. Contou tudo que a arara disse e depois pediu a todo o povo para se ajuntar e disse adeus para todos. "Fiquem na minha lembrança, porque eu vou-me acabar". Logo ele morreu. A mulher dele chorou até enterrá-lo.

[Anta]

Narrado por Pedro *Penõ* {158}
em 18-11-1963.
Transcrito com alguns retoques
do caderno "Mitos Ritos" (MR), pp. 99-101.

Um índio foi caçar e não achou nada de caça; só achou mesmo espera (local onde bichos vêm comer). Chegou a casa, comeu e falou com a mulher: "Agora vou fazer espera, que eu achei acolá uma espera boa". Foi de tarde, fêz uma rede de palha; mas a rede de palha não serviu e ele fêz um jirau na árvore. E ficou lá. Ficou até de noite. De primeiro não tinha espingarda, foi esperar de arco mesmo.

Era noite. Veio a anta, veio chegando e falou: "Eh, quem está lá em cima me esperando? Eu não vou chegar lá não. Você desce e vá-se embora". O homem respondeu: "Eu não desço não, fico aqui mesmo". "Então você me espera, eu vou lá na minha casa e depois nós conversamos; você não vai achar bom". A anta voltou na carreira para a casa dela, para buscar fogo. O homem desceu logo, pois sabia que ela ia buscar fogo para sapecá-lo. E correu logo para a aldeia, correu mesmo porque a anta é corredora. Quando virou [para trás], lá se vinha o fogo clareando mesmo. O homem tornou a correr. Quando virou-se para trás de novo, o fogo já vinha chegando perto. Tornou a correr. A aldeia já estava perto. Ele ia chegando ao brejo e fogo já vinha perto mesmo. O homem entrou no brejo e o sapinho (*proré*) gritou muito. O sapinho é compadre (*hōpin*) da anta. O homem entrou e saiu do outro lado. A anta chegou ao brejo e o sapinho gritou muito. Ela parou e gritou para o homem: "Oh, se o caminho não tivesse nada atrás de você, você não iria bom não! Só porque eu respeito o compadre".

O homem escutou e parou. E foi caminhando devagar, mas muito cansado. A anta voltou e foi-se embora. E o homem chegou à aldeia e contou para a mulher: "Se eu ficasse lá na árvore, eu não tinha voltado não; a anta falou comigo e voltou para buscar fogo e me sapecar. Não vou mais fazer espera".

O GRANDE PEIXE E SEU AMIGO

As duas versões do mesmo mito apresentadas abaixo são muito breves, em contraste com a longa versão recolhida por Harald Schultz (1950, pp. 129-134). No velho *Dicionário dos Animais do Brasil* (Ihering, 1968) não consta peixe com o nome de iú, somente iuiú, que seria outro nome para cuiú-cuiú. O *Dicionário Houaiss* dá a mesma informação. Quanto a sabão, Ihering informa que é o mesmo que badejo-sabão, um peixe de mar. Houaiss também concorda com a mesma informação mas dá também sabão como sinônimo de coropó. É digno de nota que o narrador da versão publicada por Schultz, fala em mar. De qualquer modo convém não esquecer as características mítica do peixe sabão, já que segundo a mesma versão, serviu para alimentar fartamente oito aldeias. A versão de Schultz também reproduz os diálogos entre os dois peixes e os cuidados que tinham com os seus familiares. Quanto às folhas de bananeira que cantam quando atiradas na água, tal como faziam os peixes, a leitura da mesma versão deixa mais claro que se trata das folhas de bananeira brava que tinham envolvido os paparutos (bolos de mandioca recheadas de carne ou peixe, assadas em pedras previamente aquecidas) recheados com a carne do sabão. No título da segunda versão, o sabão também é referido como *tépti*, que significa peixe (*tép*) grande (*ti* = aumentativo).

***Kröti* (sabão) e *kutapti* (iú)**

Narrado provavelmente por Gregório {310}
em 17-10-1963.

Transcrito do caderno “Mitos Ritos” (MR), p. 18.

Um sabão e um iú estavam no ribeirão. Os índios da aldeia queriam matá-los. Mas só mesmo flechando. Mas não acertam. Aí dizem que os dois peixes estavam "ganhando" (apanhando) as flechas dos índios. Aí a aldeia mandou recado para as outras (não sabe quantas). Aí o povo ajuntou e matou o sabão com flecha. Foi só uma flecha que matou. Aí o companheiro dele (*kutapti*) está chorando com pena. Aí os índios subiram com o peixe e partiram-no. Era muito grande. Todo o mundo ganhou pedaço grande. Fizeram berubus. Os velinhos ajuntaram folhas de bananeira e jogaram no rio. As folhas de bananeira estão chorando por causa da morte de sabão.

***Tépti* (*kroti*, sabão) e *kutapti* (iú)**

Narrador não identificado,
em meados de janeiro de 1965.
Transcrito do caderno K4, p. 49.

O sabão e o iu estavam cantando no remanso. Os índios estavam fazendo flecha para matar sabão para comer. Atiravam, mas não conseguiam. Acabaram as flechas. Voltaram, fizeram mais flechas. Um índio mandou jogar-lhe *k...* [*krua*, flecha, pouco legível] num lugar enquanto ele atirava no outro ponto. Assim atirou-lhe a flecha no olho. O sabão se debateu até morrer. A rapaziada apanhou cipó para amarrar o sabão. Tiraram para o seco. Cada um ganhou um pedaço grande. Fizeram berubus. Comeram. O povo foi para a aldeia. Uma mulher apanhou [jogou?] bananeira brava assada na

água. A folha começou a cantar logo e foi-se embora. Iú desceu logo, pois não tinha companheiro para ficar no remanso.

<u>Página inicial</u>	SUMÁRIO dos mitos
------------------------------	------------------------------

A MULHER E O TAPIR

Na coleção de mitos craôs recolhidos por Harald Schultz (1950, pp. 153-155) existe uma outra versão deste mito. Pedro Penõ, que me contou a apresentada abaixo deu à narração um título que não sei traduzir, a não ser *kukrut*, que significa “anta”.

Kukrutteiumkomhekra

Narrado por Pedro *Penõ* {158}

em 19-11-1063.

Transcrito do caderno “Mitosis Ritos” (MR), pp. 101-106.

Uma índia convidou o marido: “Vamos apanhar buriti?” Era mulher nova. O marido estava com preguiça e não queria levá-la. A mulher foi sozinha para o brejo.

Foi juntando buriti. Aí ela bateu na cuia assim: jogou um buriti duro na cuia. A anta estava perto do pé de buriti e correu no seu rumo. Chegou lá, viu a mulher e falou: “Era você que estava apanhando do meu buriti?” “Sim, sou eu.” “Pois é, esse é o meu pé de buriti, é nesse que eu venho comer e vou deitar bem aí perto. Mas agora você veio e eu deixo você apanhar, mas eu quero que você me pague!” A mulher disse: “Eu pago?” “Você me paga, porque buriti é meu.” “Que você quer?” Aí a anta pediu para ela “dar” (copular), mas ela não queria e então a anta ameaçou-a de morte: “Se você não me pagar, você morre bem aí!” A mulher ficou tremendo com medo. Então ela prometeu: “Eu dou!” Então a anta fez “serviço” (copulou com a mulher). Quando acabou a anta falou para ela: “Agora o buriti é seu. Agora eu vou tomar conta, mas não vou comer. Eu vou ficar conservando para você comer, e você vem todo dia buscar.” “Sim.” Aí ela juntou buriti, arrumou e foi-se embora. Chegou e o povo dela fez leite de buriti e comeram.

Passaram-se três dias e ela voltou de novo para buscar buriti. A anta tinha-lhe dito para que batesse com fôrça na cuia com buriti para ela vir. A anta “fez” outra vez e foi embora. A mulher foi embora. Chegou. O marido dela não estava sabendo de nada. Passaram quatro dias e ela foi de novo. Aí “fez” com a anta, ajuntou buriti e foi embora. Veio outra vez; chegou, bateu na cuia e a anta veio outra vez; “fez”, ajuntou buriti e foi embora.

Cinco vezes e a mulher já estava prenha. O marido dela percebeu e, quando foi hora dessa, estava perguntando devagar para saber, porque ele não mexia com ela e assim mesmo ela estava assim. A mulher contou: “Não é outra pessoa, não é gente, isso é caça que já me emprenhou; pro modo que você não diga que foi um de seus colegas que me judiou, foi anta.” O marido se zangou: “Agora amanhã eu vou arrumar flecha e aí vamos nós dois; não vá agora não!”

Preparou uma flecha larga (*pó?ti*) e foram no outro dia. O homem disse: “Vamos embora para você ver esse seu ‘marido’.” Chegaram ao pé de buriti. O homem perguntou: “De onde é que vem a carreira de seu ‘marido’?” A mulher mostrou: “Ela vem daqui.” “Como é que você faz para ele vir?” Ela contou. O homem disse: “Agora, quando ele vier, você fica bem aí assim e eu fico bem dali.” A mulher bateu a cuia e a anta veio na carreira, chegou logo e “subiu” na mulher. O homem puxou a linha do arco com fôrça, [a flecha bateu] bem no sovaco; a anta jogou a mulher de lado, correu um

pouco e caiu. O homem disse: “Agora vamos fazer moquéim para nós assarmos o seu ‘marido’. Aí fizeram moquéim, repartiram a anta, que estava gorda. O homem tirou o pênis da anta e guardou. A mulher estava só vendo. O homem estava zangado. Taparam o moquéim. Acendeu fogo para acolá e o homem assou o pênis da anta. Secou bem o pênis da anta e pendurou-o. Quando deu hora de tirar o moquéim, ele disse: “Agora vá destampar o moquéim, vamos comer carne de seu ‘marido’ e vamos embora.” Partiram e comeram. O homem levou o pênis da anta. A mulher estava só mesmo vendo. Foram embora.

Chegaram de tardezinha. Dividiram carne para o povo, os parentes; e o marido da mulher zangado mesmo com ela. Não queria deitar com ela. Quando acabou a cantiga, ele ficou lá (no pátio). E deu hora de todo o mundo estar dormindo dentro das casas. Ele entrou na casa, acendeu fogo e viu que todos estavam dormindo. Viu-a na cama dela, apagou o fogo, foi lá onde ela estava e deitou junto dela, levando o pênis da anta. Arribou as pernas [dela], meteu o pênis da anta e empurrou com fôrça mesmo para o fundo [da vagina]. A mulher só fez mexer assim, aquietou e morreu. Embrulhou a mulher com esteira e foi embora. Quando amanheceu: “Vá acordar sua irmã para apanhar arroz”, disse a mãe dela. A irmã subiu e sacudiu a perna dela: “Levante, vá banhar-se!” Desembrulhou-a, olhou-a e havia sangue. Disse: “Eh, morreu sua filha, mamãe!” A mãe foi ver e houve logo um choro. Todos ajuntaram. Aí viram o pênis da anta. “Ah, foi o marido dela mesmo.” Não disseram nada para ele. Choraram, porque era mulher nova, a mãe, o irmão, homem. Enterraram-na.

No outro dia juntaram-se os irmãos homens, combinaram como iam fazer com o marido para matá-lo também. O irmão mais velho disse: “Vamos fazer assim: ela tinha muito *kupa* [cipó comestível] e aí a gente o engana.” Combinaram de queimar o marido. Convidaram-no e ele quis ir. Levaram-no. Fizeram coivarão [fogueira] grande com pedra quente para assar *kupa*; para enganá-lo. Quebraram um bocado de *kupa* e um cunhado [irmão da mulher] falou: “Agora, cunhado, você vem botar o seu primeiro.” O fogo já estava amarelo; as pedras, vermelhas. O marido não queria. Disseram-lhe: “Não, pode vir jogar o seu primeiro, porque outro dia o cunhado não estará no meio de nós, porque sua mulher já morreu e você vai-se afastar.” Aí o marido foi chegando para o moquéim. Quando botou o *kupa*, um o empurrou e o marido foi para o outro lado; e outro o empurrou e ele foi para o outro lado; e outro o empurrou até cair no meio [do moquéim]. Aí o taparam com carvão e foram-se embora, e ele ficou lá moqueado.

<u>Página inicial</u>	<u>SUMÁRIO dos mitos</u>
------------------------------	---------------------------------

A VELHA QUE VIROU TAMANDUÁ

Pedro *Penõ*, que me narrou este mito, também o contou anteriormente para Harald Schultz (1950, p. 160), quase da mesma maneira. Na versão que deu a Schultz, ao chegar à transformação da velha em tamanduá bandeira, lembra que ela quase não tinha dentes. Também na versão canela do mito de *Akrei* e *Kenkunã*, relacionado à origem do rito de *Pembye*, o avô e a avó que ciraram os dois heróis, ao ficarem sozinhos, transformam-se em tamanduás (Nimuendaju, 1946, pp. 181).

A velha que virou bandeira

Narrado por Pedro *Penõ* {158}

em 25-10-1963.

Transcrito do caderno “Mitos Ritos ” (MR), pp. 28-29.

Dizem, que uma índia ficou com seus netos, dando-lhes de comer; a filha sai para o mato e ela ficava tomando conta dos netos até que chega a filha. Mas quando ela abusou [se cansou], diz-se que saiu com os netos: “Vamos buscar puçá (*krotot*)! Todo o mundo vai até o pé de puçá e vocês vão sacudir os galhos para mim comer.” E os netos a levaram. Chegaram ao pé de puçá e todos os netos subiram, e ela ficou no chão. Tiravam os maduros e jogavam para ela. Jogavam e o puçá lhe batia nas costas. “Oh, meus netos, não brinquem comigo, eu quero encher o cofo e vai chegar a hora de ir embora!” Eles não se importaram. Então os mais velhos perguntaram: “O que vamos virar?” “Vamos virar periquito”, responderam. Então todo o mundo virou e ela ficou aí embaixo. Voaram todos. E ela gritando: “Oh, voltem meninos! Vamos embora!” Mas eles foram-se embora. Ela ficou. Falou para si mesma: “Agora como é que eu vou ficar? Vou virar um bicho, meus netos já foram embora, os pais vão brigar comigo!” Então ela virou bandeira e foi para o mato. Chegou num cupim, cavou, e foi comendo; até chegar no mato. Fez a cama e se deitou como bandeira.

<u>Página inicial</u>	SUMÁRIO dos mitos
-----------------------	-----------------------------

O POVO DA NOITE

O mito se inicia com uma coincidência: um homem cujo nome pessoal é *Putêk*, que significa “jacu”, vai caçar jacus e é surpreendido por um indivíduo de um povo estranho, cujo nome também é *Putêk*. Solidário com ele por terem o mesmo nome, o estranho o protege dos demais integrantes de seu povo, que desejam matá-lo. Passa uns poucos dias com esse povo estranho, denominado *Aukapótkrit* (*aukapót* = noite, *krit* = relacionado a), que dormia de dia e entrava em atividade à noite, pois seus olhos iluminavam como se fossem lanternas. Conduzido de volta até perto de sua aldeia por dois jovens *aukapótkrit*, *Putêk* conta a seus companheiros sobre o seu encontro. Todos então saem para aniquilar os *Aukapótkrit*, sem mesmo poupar o velho xará de *Putêk* e os jovens que o tinham trazido de volta.

A coincidência de nomes também ocorre na história de *Katamrik*, o primeiro conto craô que transcrevo em “Reflexões sobre algumas narrativas Kraho” (Melatti, 1974). O povo encontrado por *Katamrik*, e por seu tio de mesmo nome, entretanto, era não mais que estranho e inimigo, sem ter qualquer outra característica que o diferenciasse dos seres humanos comuns. Um terceiro *Katamrik*, morador da aldeia estranha, os protege, mas não consegue impedir que os outros moradores os matem.

Putêk Ikrotetét

Narrado por Messias, em 26-10-63.

Transcrita com retoques

do caderno “Mitos Ritos” (MR), pp. 35-38.

Putêk imaginou: “Vou caçar jacu, para tirar pena e emplumar flechas.” Então foi para o mato. Não prestou atenção. À noite ele matou dois jacus [jacu, na língua dos craôs é *putêk*]. Não soube voltar para a aldeia. Passou a noite fora e imaginou: “Não sei aonde está a aldeia, eu estou sozinho, talvez alguma ‘coisa’ me mate!” Passaram-se duas noites. Então, de noite, ele fez jirau em cima dos galhos de uma árvore outra vez. E os *Aukapótkrit* — um povo que não existe mais — já vêm vindo todos nesse mato e andavam caçando. Um *Aukapótkrit*, também chamado *Putêk Ikrotetét*, atravessou a grotta e viu o rastro de *Putêk*. Foi-lhe seguindo o rastro, mas *Putêk* já estava em cima da árvore, sentado e olhando. Os olhos de *Putêk*, o *Aukapótkrit*, iluminavam que nem lanternas. E seguia o rastro. O outro tinha subido por um cipó e trepado num pé de *krayorã* (uma flor). Aí *Putêk*, o *Aukapótkrit*, que era mais velho, viu o outro *Putêk*, que era mais novo, e lhe falou: “Quem é você?” “Sou eu quem está aqui.” “Como foi que você fez assim?” “Foi assim: eu não prestei atenção, me perdi e não encontro mais a aldeia.” “Então apeia.” “Não, senão você me mata!” “Não, eu não mato você, pode apelar!” Então *Putêk* apanhou o arco, o pôs na cabeça, pegou no cipó e desceu. Aí *Putêk*, o *Aukapótkrit*, lhe perguntou: “Como é seu nome?” “Meu nome é assim, minha mãe e meu pai me chamam assim: *Putêk Ikrotetét*.” Aí o tio dele, quando soube o nome, ficou alegre: “Ah, *ipantu*, eu também sou *Putêk*. Ah bom, fique aí atrás, deixe-me ajuntar o pessoal para ver. Então gritou mesmo. Os *Aukapótkrit* já estavam ajuntando. E todos estavam olhando. Os olhos deles pareciam lanternas. Então o *Putêk*, o *Aukapótkrit*, disse: “Pronto, pessoal, vocês estão vendo o *ipantu*. E os *Aukapótkrit* ficaram reparando o *Putêk* novo. E disseram para *Putêk*, o *Aukapótkrit*: “Vamos matá-lo.” Mas *Putêk*, o *Aukapótkrit*, não deixou e perguntou a *Putêk*: “*Ipantu*, você está com fome?” “Eu estou

com fome, eu já tenho três noites!” Então *Putĕk*, o *Aukapótkrit*, o levou para o lugar onde estava arranchado. Mas *Putĕk* não prestava para caminhar de noite. Então *Putĕk*, o *Aukapótkrit*, mandou rapaz novo carregá-lo nos ombros. Quando chegou ao rancho, *Putĕk*, o *Aukapótkrit*, deu-lhe comida e lhe disse: “Pronto, você, se quiser dormir, dorme; não tem importância não.” *Putĕk*, o *Aukapótkrit*, tinha três filhas moças e ele lhes falou: “Façam fogo para o seu *ĩtxũ* [pai] novo!” Aí elas fizeram fogo, cama, e ele aquietou e dormiu. Então os *Aukapótkrit* voltaram para a caçada. De madrugada chegaram; tinham matado toda a caça de noite! Então as mulheres fizeram moqueado e, quando amanheceu, tiraram o moqueado, e uma filha de *Putĕk*, o *Aukapótkrit*, disse a *Putĕk*: “Pega *ĩtxũ kuprĩ* [pai novo]!” Então *Putĕk* apanhou a caça, na sombra. De dia os *Aukapótkrit* dormiam, fazendo fogo. De noite caminhavam de novo, levando *Putĕk*. Paravam na rancharia, as mulheres faziam as barraquinhas e os homens iam caçar. *Putĕk* de noite só dormindo e os *Aukapótkrit* caçando. Chegavam com a caça e moqueavam logo. De madrugada faziam cama para dormir. *Putĕk* ficava olhando de dia, enquanto os *Aukapótkrit* dormiam. Passaram-se cinco dias e *Putĕk* falou a *Putĕk*, o *Aukapótkrit*; este respondeu: “Você quer ir já, agora?” “Eu estou com vontade.” “Se você quer ir, eu vou mandar dois rapazes deixar você em sua aldeia.” *Putĕk* foi de noite com dois rapazes até perto da aldeia, e aquietaram numa toca de pedra. Daí *Putĕk* foi embora sozinho. Chegou a sua aldeia e contou sobre os *Aukapótkrit*. Então o pessoal foi e matou os dois rapazes que estavam na toca. Em seguida foram aonde estavam os *Aukapótkrit* arranchados e os mataram todos, não escapando nenhum, nem mesmo o velho *Putĕk*.

<u>Página inicial</u>	SUMÁRIO dos mitos
------------------------------	------------------------------

CACHORROS

Kupêróp, título com que aparece este mito no caderno em que foi anotado, se compõe de dois termos: *kupê* = estranho, forasteiro (hoje também civilizado) e *róp* = cachorro (mas primordialmente onça; a onça pintada geralmente é referida como *rópti*, em que o sufixo *ti* é aumentativo).

Kupêróp

Narrado por Esteves {53}

em 21-11-1963.

Transcrito do caderno “Mitos Ritos” (MR), pp. 106-109.

Um índio falou a mulher: “Você me espera que eu vou caçar e vou pegar um bicho se eu achar, não sei que horas eu chego, se de noite ou de dia.” Foi no mato. Subiu a chapada, desceu e chegou na aldeia dos cachorros. Uma aldeia grande, só de cachorros. Chegou na aldeia. Uma cachorra velha estava olhando a casa e olhando as crianças-cachorro. Os pais estavam caçando. As velhas tomando conta da casa. Numa casa só havia um cachorro-filho e mais ninguém. O índio chegou reparando. Chegou nesta casa. “Agora eu vou apanhar esse cachorro, que eu gosto muito, o filho dêle é bom, gordinho.” E carregou escondido. Subiu no chapadão e chegou na sua aldeia. Chegou à tardinha. Um índio viu: “O que você está levando?” “Não sei, é filho do cachorro; apanhei e agora vou criar.” Chegou na casa dele e a mulher já estava [sentada, palavra ilegível]. “Eu apanhei esse, parece que cachorro, estava só na casa.”

O pai-cachorro chegou da caçada junto com a mulher. Tinha pegado muita caça: paca, tatu, cutia... E não viram o filho. O índio só tinha deixado a catinga. Botou as caças na casa e pegou o rastro. A mãe ia atrás do filho; o pai ficou. Foi seguindo a catinga.

Os índios já tinha corrido com tora. Todos pediram: “Apanha aquele negócio que você apanhou.” E ele apanhou o filho do cachorro e pôs no meio do pátio. E todos estavam olhando o filho do cachorro, gordinho... A cachorra já vinha atrás do filho. Chegou. E os índios olhavam o cachorro no meio do pátio: “Onde você apanhou?”

Aí um escutou: “Olha, parece que é a mãe dele, já vem.” O cachorro estava no meio do pátio e o homem que o tinha apanhado estava encostado a ele. A cachorra chegou e veio [rodeando, palavra ilegível] caçando a catinga. A cachorra chegou e, sem falar nada, deitou no meio dos índios para dar mamar ao cachorrinho, e todo o mundo estava reparando. E mamando... Quando acabou, a cachorra falou: “Bom, quem apanhou o meu menino?” “Ninguém, fui eu que apanhei o seu filho.” “Bem, como é, você quer criar, como é?” (de primeiro os bichos falavam, os cachorros falavam). “Eu apanhei porque eu achei bom o seu filho, está muito gordinho, muito bonitinho; eu fui caçar, cheguei na aldeia de vocês e apanhei.” “Você já apanhou meu menino, agora eu não volto mais não, vamos embora para sua casa. Em vim atrás de você na carreira, muito cansada, quero que você me dê comida logo.” “Bom, vamos embora.” Chegou na casa e falou para a mulher: “Agora você dá outro jeito para criação de nós mesmo, não vão voltar mais não.” “Você come assado de batata, de abóbora?” Deu muita comida. Deu abóbora, batata, amendoim. “Eu não voltou mais não, eu vou ficar mais você. Não

vou carregar meu menino não, porque você já apanhou. Não vou lembrar do marido, nem da aldeia nossa não.”

Os cachorros passaram dois dias e estavam com muita fome. A cachorra falou ao índio: “Papai, você sabe onde tem mato grande? Agora nós vamos caçar, que eu estou com fome.” Isso foi à noite. “De manhã bem cedo vamos para o mato.” De manhã cedo, às 7 horas, saíram. Encontraram no mato carreira de caititu. “Está aqui o rastro do caititu.” A cachorra falou: “Você vai apanhar o rastro de caititu, pode vir atrás e vem escutando, seu puser na toca eu vou chamar.” A cachorra foi na carreira. A cachorra pôs cinco caititus na toca e estava chamando. O dono escutou e gritou, respondendo. Até chegar. A cachorra falou: “Você pode cuidar, eu botei na toca cinco caititus grandes.” Abriu dois caititus e deu o fígado para o cachorro. Falou ao dono: “Você vem atrás e eu vou adiante, que estou com saudade do seu primo (cachorrinho). A cachorra chegou na aldeia. Foi vomitar para o filho dela comer.

Outro índio falou: “Você me dá o cachorrinho novo, porque você tem a mais velha.” Aí o dono sovinou: “Não, não dou não.” Ele pediu duas vezes e o cachorrinho morreu. Aí o dono do cachorro ficou zangado com o outro índio, que era curador e parece que foi ele que matou.

<u>Página inicial</u>	SUMÁRIO dos mitos
------------------------------	------------------------------

ALDEIA DOS MORTOS

O mito a seguir lida com uma situação ambígua e sugestiva. Dois homens vão buscar os ossos de alguém que morreu para os lados do Araguaia, que fica a oeste do território craô. Mas o oeste é também a direção que tomam as almas dos mortos (os craôs, após abandonarem o sepultamento secundário, fazem os cemitérios a oeste das aldeias). Lá, junto à aldeia dos mortos, tiram os ossos da sepultura e os trazem, mas são acompanhados da alma do morto. O morto recomenda que peçam a sua mãe para não chorar. Ora, os craôs evitam chorar imediatamente após uma morte, para não torná-la definitiva, eliminando a possibilidade de a alma retornar. Entretanto, o morto desta história já estava morto havia muito tempo, seu corpo reduzido aos ossos; por que sua mãe não podia chorar? Teria ele alguma intenção de ressuscitar?

Uma história para o lado do oeste

Narrado por Diniz {303}

em 18-3-1971.

Transcrito do caderno “Ritos e Mitos” (RM), pp. 38-39.

Um índio morreu para as bandas do Araguaia. Seu irmão mandou que um homem e um rapaz fossem atrás da ossada para colocar na sepultura. Foram indo até a beira do Araguaia. Era muita gente. Era tudo defunto de índio. Uns cantavam, outros tomavam banho. Pegaram barca. Passaram a aldeia. Aí viram a sepultura. Tiraram os ossos. Fizeram um cofinho e puseram os ossos.

De tarde resolveram passarem a noite num lugar. Puseram o cofo num pau [árvore]. Daí a pouco os ossos estavam mexendo. A alma chegou aos viajantes, se coçando. E falou com o mais velho: "Se quiser dormir, pode dormir; não vou mexer nada não. Fiquei com muita pena de vocês; estão aqui com os civilizados". Perguntou pelos parentes.

Quando viajaram, a alma acompanhou. Chegaram perto da aldeia. Avisou para dar aviso para a mãe não chorar não, porque ia andar lá á na casa dela. Mandou o recado, mas não deram. A mãe viu o *mekarô* do filho e começou a chorar. De lá mesmo o ... [palavra pouco legível; pode ser “outro”, ou pode ser “vento”, que faz mais sentido] o levou.

<u>Página inicial</u>	SUMÁRIO dos mitos
-----------------------	------------------------------

UM CONTO DE GUERRA

Segundo explicação dada pelo narrador ao terminar de contar-me, os personagens desta história são passarinhos. Entretanto, a única coisa que lembra passarinho é o nome de um personagem, *Tudré*, constituído de *tut* = pombo e *ré* = diminutivo. O narrador constantemente usa, ao invés de seu nome pessoal, o termo “passarinho”. Nada mais lembra o que quer que tenha a ver com aves na narrativa.

Esta narrativa bem poderia ter sido incluída entre aquelas que reuni num antigo trabalho (Melatti, 1974), e que tomei como distintas dos mitos, por não conterem nenhum episódio que fuja à normalidade quotidiana: nelas as ferramentas não trabalham sozinhas, ninguém é levado aos céus pelos urubus, os buritis não se alteiam ou abaixam sozinhos etc. Há nelas um certo cuidado em reproduzir o passado histórico. Na narrativa abaixo, por exemplo, *Katxokhwoi*, ao partir para outra aldeia, leva batatas doces assadas para comer no caminho, algo difícil de se encontrar nas casas craôs nos dias de hoje.

Katxokhwoi e Tudré

Narrado por Esteves {53}

em 26-11-1963.

Transcrito do caderno “Mitos Ritos “ (MR), pp. 118-121.

Katxokhwoi bonita na aldeia. Não tinha marido nem nada, nem amigo. O passarinho *Tudré*: “Depois de amanhã eu quero olhar a moça, que dizem que é bonita, às vezes eu caso com ela.” De tarde *Tudré* chegou. O povo de *Katxokhwoi* estava tirando tora [fazendo as toras para correr]. Correram com tora e o povo falou com o *Tudré*: “Passarinho, você pode cantar?” “Não, eu posso, queria cantar aqui. Queria ganhar outra coisa aqui.” Chegou na casa de *Katxokhwoi* que estava sentada. Era bonita mesmo. E ele olhando. Quando acabou de cantar, o sol já tinha entrado. Brincaram no limpo. A mulher já fora para casa. O passarinho foi atrás. O passarinho pediu para chegar e conversar. Ela já estava deitada com a velha. “Ó minha avó, o homem está me chamando.” “Está bem! Você já está grande! Não quero prender você não.” Aí *Tudré* pediu a *Katxokhwoi* “Você me dá licença que eu vou deitar no terreiro com você.” “Tu quer assim, eu vou saber logo com minha velha.” Ela [*Katxokhwoi*] pediu e ela [avó] deixou. Apanharam a cama, deitaram, conversaram. Arrumaram o casamento. Aí ele mexeu [copulou]. Quebrou [desvirginou]. Quando de manhã ia para a aldeia dele. O povo estava sabendo que ele tinha mexido. Chegou na casa: “Eu não vou enganar você não; eu só vou avisar a meu pai e minha mãe. Espere-me em dois dias.” Foi embora.

Quando já estava com só um dia, *Katxokhwoi* já estava com saudades de *Tudré*. A mãe falou: “O’ *Katxokhwoi*, você toma conta da casa, que eu vou apanhar batata.” *Katxokhwoi* apanhou batata assada, o *mepré* [cinto de fio de várias voltas usado por mulher jovem], e falou com a caçula que ia defecar, e fugiu para a estrada. Pegou o rastro do passarinho até chegar. O povo do passarinho já tinha tirado tora. [*Katxokhwoi*] Subiu no pau [árvore]. O povo já vinha. O *Tudré* vinha para trás [atrás], só com dois companheiros. A mulher estava reparando. Quebrou um pauzinho e *Tudré* enxergou. *Tudré* disse que ia defecar, que os outros fossem adiante. A mulher desceu. “O’, você veio acompanhar-me.” “Sim, eu fiquei com saudades.” “Quando de noite você vai para

minha casa. Minha casa é bem no meio da estrada, é casão.” Aí o povo chegou com tora.

De noite a mulher [*Katxokhwoi*] chegou na casa [de *Tudré*]. Entrou por baixo da parede e escondeu. A irmã de *Tudré* já estava com buchão [barrigão, grávida]. Saíra e estava cagando. Ela perguntou: “Aqui é casa do Passarinho?” “Quem chegou? Qual é o nome? Bem entra!” E falou: “Mãe, olha, sua nora já chegou!” “Cadê minha nora?” “Eu sou mulher de *Tudré*, vim atrás de seu filho.” “Você já chegou, está bem!” *Tudré* está caminhando. E *Tudré* não lembrava mais. *Tudré* já tinha chamado o cantador e veio. A mãe: “Olha, a mulher de você já chegou aqui.” “Já chegou? Está bem!” A mãe de *Tudré* deu comida para ele.

De manhã o povo contando: “A mulher de *Tudré* já chegou aqui.” A mãe: “Você vai apanhar pau de leite [cuja seiva serve de base para fixar o carvão na pintura de corpo] para a gente botar na nossa nora.” A irmã de *Tudré* apanhou pau de leite. Os irmãos de *Katxokhwoi* chegaram (dois homens). O pai [de *Katxokhwoi*] estava deitado. “Papai os cunhados já chegaram, vêm atrás da irmã deles.” Chamaram os rapazes para cantar no [na casa de] *Witi* [menina ou menino investido de alta honra cerimonial]. *Tudré* disse que primeiro eles iam comer: “Você diga ao povo que eles ainda não comeram.” O povo de *Tudré* não escutou e mandaram outro rapaz, que queriam acabar logo com os irmãos de *Katxokhwoi*. Tinha sovinado [se negado a enviar os irmãos de *Katxokhwoi*] já duas vezes. O *Tudré* zangou e mandou o cunhado sem comida. “Cunhado, você vai assim mesmo? Se eles não mexer com você, depois eu vou arrumar [palavra pouco legível].” Mandou os dois cunhados. O mais velho entrou na casa [de *witi*]. O caçula sentou na tora no terreiro, não querendo entrar. O povo de *Tudré* estava deitado. Um arco estava em pé para cantar. O mais velho cumprimentou e apanhou o arco. Cantou. Chamava o outro, mas ele não queria. “Não, aqui é mais fresco.” Então vamos acabar logo.” E derrubaram o mais velho. O caçula fugiu. Correu para a casa de *Tudré*, mas não entrou, passou mesmo na rua.

Tudré ficou zangado mesmo. “O povo daqui não escuta!” O caçula fugiu para a aldeia [dele]. *Katxokhwoi* chorou muito com muita saudade. *Tudré* pegou mão de pilão e foi para a casa [de *witi*]. “Vocês não escutaram. Aqui é pouco povo e lá é muito.” E ele matou não sei quantas pessoas. *Tudré* falou ao pai: “Agora você pode armar sua aldeia. Agora minha casa é na outra aldeia. E agora eu torno a voltar hoje mesmo. Depois volto para conversar. Porque o povo da aldeia de lá é muito mesmo e aqui é pouco.” O povo de *Tudré* pediu para matar *Katxokhwoi* também. Pelas dez horas da noite sai *Katxokhwoi* para sua aldeia. Chegou de manhã. E [*Tudré*] falou: “Você pode armar que eu vou receber logo [o que devem pela morte] do seu irmão.” O povo de *Katxokhwoi* chorou. Resolveram atacar. E *Tudré* ia com eles. No povo do Passarinho, de noite, a velha, para tirar *tucum* e ia reparar a estrada. Estava sentada na sombra e já vinha o povo de *Katxokhwoi*. A velha correu, apanhou a mata e não avisou ao povo. Foi embora. O povo de *Katxokhwoi* cercaram a aldeia e mataram tudo. Só escapou o pai de *Tudré*. E *Tudré* carregou o pai. A mãe e irmãos de *Tudré* também escaparam. Os irmãos ... [palavra ilegível] logo na estrada.

(Todos os personagens dessa história são passarinhos, viraram índios).

<u>Página inicial</u>	SUMÁRIO dos mitos
---------------------------------------	-----------------------------

CONTOS SERTANEJOS

Os contos abaixo são evidentemente de origem sertaneja. O Cão, o personagem que figura em dois deles, é na região o nome que se dá ao Demônio. Num dos contos o Cão é morto pelo galo, enviado por Deus, mas que aqui está no lugar de *Pit* ou o Sol. Noutra o Cão é o patrão, que não mostra poderes sobrenaturais, ao contrário de sua filha e de seu empregado, Camô. Suponho que esse nome pode ser a pronúncia bem modificada de Canhoto. Este personagem lembra um pouco Pedro Malasartes.

Basílio, que narrou dois desses contos, disse-me de quem aprendeu. A “História do Cão” foi-lhe contada por Mané Velho {1098}. A outra, em que disputam o negro e o branco, por Mané Novo {provavelmente 1084} e Marquinho {1024}. A propósito das duas narrativas que Basílio me contou, deu-me as seguintes correspondências entre português e craô: Deus = *Pit* ou Papam; Lua = *Piduru*; Cão = *Kupê karôti*; Galo = *Karîti*; Branco = *Kupê te'téte*; Negro = *Kupê 'tikti*.

Cão e Camô

Narrador não identificado.

Narrado em janeiro de 1965.

Transcrito do caderno K4, pp. 73-75.

Camô estava procurando serviço. Achou serviço, era besteira. Embolou com a filha do Cão. Cão zangou. Cão disse a Camô: “Camô, você leva só um caroço de feijão e meio-dia minha filha vai fazer comer.”

Primeiro Camô tinha cortado o rabo de todos os porcos. E pôs os rabos na lama. Chamou Cão: “E vem tirar esse porco porque tudo entrou.” Cão chegou e viu o porco, pensando que porco tinha entrado dentro da lama. O Cão chegou e puxou o rabo e tirou o rabo. O Cão falou a Camô e disse: “Vai buscar a enxada para tirar os porcos.” Aí Camô foi e embolou com a filha do Cão. O Camô chegou: “Seu pai mandou embolar com você.” A moça não queria e a velha aceitou. O Cão chamou: “Eh, Camô vem depressa.” Cão disse: “Vou matar Camô porque matou meus porcos.”

O Cão resolveu: deu caroço de feijão e olho de cana. “Meio dia mando minha filha buscar mel e feijão novo.” Camô pôs o feijão, olho de cana e só : “Agora o Cão vai me matar.” Filha do Cão foi levar comida para Camô. Camô estava chorando. Ela perguntou a Camô: “Que você está chorando?” “Estou com medo do seu pai!” “Pode comer tudo, não fique com medo do meu pai.” Quando acabou de comer, deitou, estava caçando piolho e dormiu. Depois de um instante que já tem cana, mel, feijão novo. A mulher de Camô avisou: “Agora meu pai que vem e você mostra a cana e o feijão.” Daí a pouco o Cão já vem, virado mesmo. Procurou Camô, que mostrou a cana e o feijão. Depois a filha do Cão foi embora. O Cão chegou, procurou Camô. “Cadê, cana, cadê feijão?” “Tá aqui!” O Cão entrou pensando que Camô estava fazendo coisas. Pegou o mel e foi embora para a casa.

Entregou caroço de arroz: “Meio-dia a mulher vem buscar arroz novo pra nós comer.” Camô estava chorando sem saber plantar arroz num instante. E meio-dia veio a mulher de Camô: “Cadê arroz?” “Taí, como é que eu vou fazer?” Num instante o arroz

ficou amarelo. Comeram, dormiram e num instante tinha muito arroz. Aí daí a pouquinho o Cão veio. O Cão chegou e levou arroz.

“Oh Camô sabe muitas coisas, mas eu vou matá-lo.” O Cão mandou passarinho, juntar passarinho. Camô chorou. A filha do Cão veio e assuntou passarinhozinho. Camô resolveu: “Não vou embora.” A filha do Cão: “Olha Camô, meu pai vai matar hoje.” Cortou um bocado de banana e botou na rede; à meia-noite, o Cão cortou só banana.

O Camô foi embora, roubando a filha do Cão. O Cão foi atrás da filha. A filha do Cão sabia virar muitas coisas. Virou beija-flor. O Cão subiu para tirar a flor, ela pinicou e não deixou tirar. O Cão foi atrás dele. Ela virou laranja. Cão tirou laranja. Camô virou laranja. Mas tinha muito marimbondo no pé. O Cão subiu e depois deixou: “Não, não quero marimbondo não!” O Cão foi mais atrás e voltou. A filha do Cão virou rolinha. Falou para a irmã não pegar o cabelo dela. Mas a irmã pegou e a filha do Cão ficou sendo rolinha toda a vida.

História do Cão

Narrado por Basílio {121}
em 18-10-1962.
Transcrito de folha destacada
do antigo caderno “Material”.

Lua estava dizendo para o Deus: “Compadre, como é que nós fica, porque o Cão está comendo toda hora nossos filhos?” Aí Deus está dizendo assim para o Lua: “Compadre eu vou mandar o negócio para baixo; vou mandar um galo para baixo porque senão o Cão acaba com toda a gente.” Aí mandou o galo para baixo.

Ele estava comendo na rua até quando o Cão chegou. Aí o Cão chegou na casa de um *kupê* d’antigo e disse: “O’ de casa!” “O’ de fora!” E entrou. “Para onde o Sr. vai?” “Eu vou campear, pegar um novilho, para nós comer, estou com uma fome danada!” “Ah, você está caçando novilho, não é? O Sr. quer tomar café, eu vou mandar a mulher passar.” “Pois não!” Aí ele passou café, tomou, fez cigarro e aí ele estava pitando. Aí, tomou café, pitou pouco e saiu.

Aí o galo estava na rua. Aí ele apanhou rebolo (pedacinho de pau), deu rebolo no galo. “Ah, se fosse meu, eu tinha matado esse galo!” O galo estava dizendo: “Se eu fosse cria de você, você ia comer nós, mas agora você vai morrer!” Deus estava olhando o galo lá de cima. “Hoje é dia de morrer você (Cão), porque meu filho vai sangrar você!” Galo velho se zangou com ele, brigou até que o Cão cansou, e deu-lhe com a espora no coração. Deus estava olhando: “O meu filho já matou você, você não come outra vez meus filhos não.”

Por isso é que *kupê* tem galo e os índios também, para espantar o Cão. O galo canta e o Cão volta para trás, com medo do galo.

[O Negro e o Branco]

Narrado por Basílio {121}
em [18]-10-1962.
Transcrito de folha destacada
do antigo caderno “Material”.

No tempo em que Deus estava no chão. Aí ajuntou tucano, macaco, jabuti, guandu. Aí Deus avisou o povo. Era Negro e Branco. “Compadre jabuti, você ajuntou o povo para eu dar semente, abóbora etc.” Aí ajuntou. Fez um baile lá no pé do céu. Aí o jabuti avisou o Branco mais o Negro. Negro avisou o Branco: “Branco, agora nós vamos assistir o baile de Deus, porque Deus vai dar semente para todo o povo e vai subir para o céu.” O Branco e o Negro selaram seus burros e viajaram até a casa do compadre jabuti. “Porque compadre Jabuti não vai a festa?” “Não, eu estou ocupado.” Negro pediu pousada para ele e o Branco para passar a noite. Armou rede, apeou o cavalo. Negro: “Branco, quando você acorda primeiro, você me acorda para nós ir junto para o rumo de Deus, senão ele se dana com tu.” “Está bem.” Aí, lá de 5 horas, Branco acordou, apanhou o cavalo e saiu sem avisar. Negro levantou ao amanhecer e perguntou ao jabuti pelo Branco. “Já foi embora.” Negro pegou o cavalo e foi atrás. Branco estava rodeando uma serra grande. Deus está olhando e ficou com pena do Negro. Fez estrada reta ao rumo do baile. O Branco não conseguiu chegar. O Negro chegou à noite. Deus deu um bocado de escrito para o Negro. “Também Negro! O Branco saiu sem avisar, eu fiz estrada comprida para ele. Vou dar um bocado de *kro* [porco] para o Negro.” Deus fez escrita velha para o Branco, porque ele não tinha vida boa. O Branco chegou. Perguntou: “Negro, cadê Nosso Senhor?” “Foi embora, mas deixou carta para você.” Negro é bom, e Branco é ruim para a gente (foi Deus que ensinou assim). Quando Negro disse isso, o cavalo do Branco caía amolecido. Só dois dias depois levantou. Branco disse: “Por que você fez isso?” “É porque você não acordou Negro.” Aí Negro foi embora para casa.

A Onça e o Macaco

Narrado por Pedro *Penõ* {158}
em 30-10-1963.
Transcrito do caderno “Mitos Ritos” (MR), pp. 61-67.

Diz que a onça e o macaco moravam num lugar só. E a onça mata caça e o macaco ajuda a comer. Aí o macaco pensou e convidou a onça: “Oh! Compadre onça, vamos caçar serviço por aí nos moradores? É para nós ganhar roupa, porque nossa roupa já está assim rasgada.” Aí a onça: “Vamos! E nossas mulheres e filhos vamos levar?” “Não, deixa ficar porque mulher atrapalha nós.” Aí a onça: “Tá bom, deixa ficar minha mulher, eu vou só.” Aí foram, viajou, caminhou.

E chegaram no mato e na beira da capoeira arrancharam. “Vamos descansar aqui, compadre onça, porque o sol está quente!” Ficaram aí. “Vou beber”, disse o macaco.” E viu maracujá muito e maduro na capoeira. Foi avisar a onça: “Oh! Compadre onça, vamos comer uma fruta aí na capoeira, está carregadinho e maduro.” “Vamos, estou com fome!” Foram. Chegaram lá. O macaco subiu logo: “Olhe, você come maduro e não come o verde não. Esse preto, é o maduro e o amarelo é verde (enganando a onça).”

A onça comeu verde, comendo com casca, semente, e o macaco comendo maduro. A onça comeu muito do verde e o macaco falou: “Oh! Compadre onça, deixa eu ver qual você come!” Era verde. “Não, compadre onça, experimente esse.” “Oh! Mas ele [eu] já encheu barriga. Eu queria esse, mas já está cheia. Quando na volta nós vamos comer.” Foram banhar, beber e foram para o rancho.

Quando o sol apareceu, caminharam. Até que chegaram no morador: “Oh, de casa!” “Oh, de fora. Entrem para dentro.” Entraram. O macaco pegou logo a falar: “Oh, seu dono de casa, nós viemos aqui para arranjar serviço, trabalhar, ganhar roupa.” “Ah, tem serviço, vocês vão capinar “malz” para mim.” Empreitou o serviço. Depois deu de comer; deu leite, deu farinha. Botou uma colher. A onça pegou na colher e o macaco não. Correu para fora e tirou uma folha de caju e fez colher. A onça comia e ia conversar com o dono da casa. E o macaco não, comia todo o tempo com a folha de caju. Foi ligeiro e comeu quase tudo e a onça não comeu quase nada.

Foram deitar e a onça estava com muita fome. O macaco subiu na casa do chiqueiro e amarrou a rede na travessa e a onça amarrou a rede debaixo. O macaco pensou logo: “Compadre onça está com muita fome, é capaz de comer um bezerro.” O macaco já está cochilando. A onça, pensando que ele já está dormindo, perguntou: “Oh! Compadre macaco! Oh, Compadre macaco!” Mas nada. Aí a onça levantou e foi no rumo do curral. Chegou, pegou um bezerro e comeu todinho. Aparou o sangue e encheu uma cuia velha com o sangue e levou no rumo do macaco, para culpá-lo. Ela foi subindo a escada e o macaco que estava acordado e empurrou com a perna e sujou toda a roupa da onça. A onça tirou camisa e calça e foi esconder a roupa suja. O macaco foi reparar. A onça botou a roupa debaixo de uma moita e aí voltou. O macaco está quieto na rede. Amanheceu. O dono do gado foi tirar leite e botar duas [duas palavras pouco legíveis] bezerras e faltou uma. Procurou e achou sangue. Quando acabou de tirar leite, chamou o macaco e a onça e perguntou: “Vocês não sabem o que foi que pegou o bezerro?” A onça respondeu logo: “Não, nós não sabemos não, dormi e nunca acordei, estava agarrado no sangue [certamente erro de anotação, sono].” O macaco: “É eu dormi e nunca acordei.” Aí a onça falou: “Quando dá fé foi o compadre macaco que comeu.” “Não é eu não, foi a onça mesmo que comeu, e eu vou buscar a onça para ver.” E correu e apanhou a roupa dela e mostrou.

Aí o dono botou cachorro atrás da onça e o macaco ia “gritando” o cachorro, até que eles puseram a onça no pau. Aí chegou o macaco debaixo e falou para ela: “Olhe, quando o dono da casa chegar com espingarda, você mete sua mão no sovaco, fica quieta e fecha o olho, pois se olhar o chumbo pega, mas se dormir o chumbo não pega (enganando a onça).” O homem chegou com espingarda. O macaco: “Oh, compadre onça, fecha seu olho, senão bala pega no seu peito.” Ela fechou o olho. Aí o macaco atirou bem no peito e derrubou-a no chão. Aí outro homem chegou. Cortaram o pau, amarraram a onça e carregaram para a casa. Chegaram, tiraram o couro e o macaco só tirou mesmo os ovos, retalhou-os e botou no sol para secar. Secou e aí arrumou um cofinho e caminhou no rumo da mulher da onça.

Chegou lá e entregou a carne (ovos). Ela perguntou pelo marido: “Cadê teu compadre?” “Ficou lá trabalhando, eu vim deixar só carne, durmo aqui e depois volto.” A onça estava com muita fome, acendeu fogo, lavou panela, picou carne, cozinhou e comeu. “Pega, vamos comer!” “Não, eu enchi barriga, estou muito cheio, respondeu o macaco, o morador matou um boi e eu comi muita carne (enganando).” E foi ficar lá longe da casa. Um filho da onça brincava e [o macaco] falava para ele: “Oh, quem comeu carne dos ovos do pai.” A onça escutou e foi até a mãe: “Olha minha mãe, macaco está dizendo: ‘Quem comeu carne dos ovos do marido! Quem comeu carne dos

ovos do pai'." "Ah, macaco, quando dá fé matou o seu pai." Ela foi devagar e pegou o macaco, carregou ele e meteu num saco de couro, costurou a boca e foi buscar lenha para assar o macaco. Aí o macaco chamando o filho da onça: "Oh menino vem cá!" "Não, não vou não!" "Vem cá!" Ele chegou e ele disse: "Desate a boca do saco." "Não, eu não." "Não, desate, eu dou um dinheiro, eu vou contar seu pai, eu estou brincando." A onça era nova, não sabe e desatou e o macaco saiu e falou: "Olha, o dinheiro caiu dentro da bolsa, entra aí." Ela entrou e o macaco fechou o saco: "Quando sua mãe chegar e apertar, fica caladinho mesmo. Se você responder, ela te mata." A onça chegou e chamou e o menino nada. "Bom, agora eu vou matar macaco e apanhou a mão de pilão e deu na cabeça da onça. A onça gritou e ela: "Oh!, eu matei meu filho." O macaco riu. A onça correu atrás e ele subiu num pau. "Deixe estar, eu te pego, você só tem esse olho d'água e todo bicho vem beber aqui."

Ela foi esperar no olho d'água. Esperou até meio-dia e o macaco chegou todo enfeitado, sujo de barro. A onça não conhecia: "Oh que bicho, que vem, branquinho?" O macaco bebeu, subiu e a onça pegou: "Quem é você?" "Espera aí, me solte, eu vou contar." A onça soltou: "Não é por causa de mim que você matou seu filho?" E aí o macaco correu e foi-se embora. "Deixa estar que eu pego ainda." De manhã foi esperar outra vez, chegou meio-dia e ele veio todo pintado de carvão. Aí a onça pegou logo. "Aquieta, eu estou com sede, quando beber, eu conto quem sou." Aí bebeu, subiu e correu e foi-se embora. "Ah, deixe estar, que eu te pego."

A onça foi tirar leite de não sei o que. Cozinhou-o na panela. Tirou um pau e fez boneco e sujou-o de leite e fincou-o bem na descida dos bichos. Veio o macaco, chegou e o boneco estava lá. "Sai daí, eu quero beber." Mas o boneco não respondia. "Olha, eu te bato." Nada. "Sai daí! Sai daí menino." Nada ... "Pois eu te dou um tapa, sai daí menino." Nada ... Aí arrumou mão bem no pé do ouvido e grudou. "Solte, solte menino." Pegou com outra mão e grudou. Grudou o dente, pernas, rabo. Aí ficou aí preso. Na hora que chegou a onça: "Ah macaco, hoje você me paga. Era você que se mudava em outros bichos. Eu não te disse que comia você? Você fez eu matar meu menino!" Aí matou o macaco com cacete e levou-o para casa. Fez moquéim, sapecou, desfatou e assou. E o macaco acabou.

Galinha

Narrador não identificado.

Narrado em janeiro de 1965.

Transcrito do caderno K4, p. 73.

Os bichos juntaram e combinaram. "Quem vai fazer festa?" A galinha disse: "Eu é que faço." Galinha fez festa. Era só de milho. Chamou os bichos de quatro pés: o macaco. O macaco só catava o milho com a mão, e a galinha e os passarinhos acabaram com o milho logo.

Os bichos de quatro pés foram fazer festa. O macaco fez. Todos os bichos tinham colher, os bichos de quatro pés. A galinha não tem, só mesmo com o bico. O macaco acabou com a comida. A comida era arroz e carne cozida.

Pedro (*Pidluré*) e Miguel

Narrado por Messias {97}

em 26-10-1963.

Transcrito do caderno “Mitos Ritos” (MR), pp. 38-46.

Pedro falou: “Miguel, vai buscar o Padre Cícero para rezar a minha mãe, que está doente.” Aí Miguel foi atrás do Padre. Chegou lá na casa de Deus Nosso Senhor (era o Padre). Aí este perguntou: “Seu Miguel.” “Eu venho buscar Padre para rezar minha mãe, que está doente.” Aí ele trouxe o Padre. Já mesmo perto da casa, o Pedro matou a mãe e pegou o cavalo, botou a sela em cima e botou a mãe em cima da sela. Aí acendeu cachimbo da mãe e meteu na boca da mãe e empurrou o cavalo para estrada. Aí a fumaça do cachimbo está saindo. Aí a mãe encontrou o Miguel, mas já estava morta. O Padre viu e parou e falou para Miguel: “Seu Miguel, eu tenho que voltar aí mesmo, porque tua mãe já morreu!” Aí Miguel falou: “Ah bom, porque mãe já morreu, não tem nada não, tu querendo voltar, volta, eu vou enterrar.” Chegou na casa outra vez, o Miguel pegando na cabeça do cavalo e puxando. Aí falou para o Pedro: “Pedro, porque você fez assim, Pedro?” “Como é que eu estou fazendo, Miguel?” “Tu matou a mãe, para que, você não me mandou atrás do Padre, para rezar?” Aí Pedro falou: “Não, a mãe já está perto para morrer e me falou e eu apartei animal, acendeu cachimbo, montou, caminhou, às vezes na estrada é que morreu.” Aí os dois fizeram cemitério e botaram a mãe (a mãe era D. Eva), enterrando-a.

Aí Pedro anda pensando e falou para o Miguel: “Pronto Miguel, como é que nós vamos fazer com o animal?” “Não sei, você é que sabe!” “Não, nós fazemos assim: nós matamos o cavalo, tiramos o couro, nós partimos bem no espinhaço, tu fica com uma banda e eu fico com uma banda.” Aí o Miguel falou: “Não, melhor é assim: você querendo levar cavalo, traz coisa em cima dele, é melhor assim.” “Não, assim não presta, não, vamos matar.” Aí Pedro matou. Tirou couro. Partiu bem no meio. Falou a Miguel: “Miguel, pega o seu!” “Não, deixe estar, eu não vou tomar conta, porque eu não como.” Aí Pedro calou. Ajuntou folha verde e colocou as folhas por cima de si mesmo para urubu não ver. Os urubus notaram e olhando e voando e até sentar [pousar]. E Pedro pegou o pé de um urubu. Fez cofinho (*kohó*) e botou o urubu dentro e falou para Miguel: “Pronto Miguel, agora você caça outro jeito por aí, emprego, eu vou viajar por este mundo.”

Pedro saiu. “Se eu morrer nesse mundo, eu morro, porque agora não tenho mãe, mãe já acabou, eu vou sair.” Pedro saiu com o urubu pendurado no ombro. Caminhou até hora de almoçar e apareceu no morador. O dono da casa fez almoço e falou: “Anda, compadre, vamos almoçar!” Almoçou. Bebeu água. Deu arrozinho para o urubu. Aí Pedro está vendo a mulher do homem vadiando com dois homens. Pedro encostava a pena no urubu; o urubu fazia: “O? O? O?” E Pedro dizia: “Que é isso pássaro, que é que você está vendo, aqui não é nossa casa!” Aí o dono da casa perguntou: “O que que esse pássaro está dizendo?” “Ele está pedindo o doce.” Aí o homem falou: “Oh, mulher!” “Ein?” “Não tem doce não?” “Tem.” Aí Pedro mexeu outra vez no urubu. “O? O? O?” “Que é isso pássaro!” O dono da casa falou: “O que ele está dizendo, compadre?” “Ele está pedindo café.” “Ei mulher, tem café?” “Tem!” Aí deu café. Aí Pedro mexeu outra vez com o pé. “Oh, O? O?!” “Que é isso pássaro, não, eu estou com vergonha, eu vou-me embora!” “O que o pássaro está dizendo, compadre, não tem vergonha de dizer não, você está na minha porta, diz!” “Está procurando ovo de galinha.” O dono da casa: “Oh, mulher, tem ovo de galinha?” “Tem!” Deu ovo. O dono da casa falou: “Não Pedro, eu

quero que você vende esse pássaro para mim.” Aí Pedro: “Não, eu não vendo, porque andava conversando com esse meu pássaro, eu não vendo.” Aí pelejou até comprar o pássaro. Aí Pedro disse: “Olha compadre, você já comprou o pássaro meu, ele fica com saudade de mim, porque já me conhecia, e para contar é bom, se tua mulher vadia com outro, ele conta prá você. Mas quando uma pessoa mijar na cabeça dele, ele morre num instante.” Aí o homem pagou não sei quantos contos. Aí falou: “Olha, você já comprou, pronto, pode dar comida daqui a cinco dias e ele come bem.” Aí o freguês que o comprou, ao meio-dia falou para a mulher: “Mulher, não mexe no pássaro que está aí, toma conta!” Aí ele saiu para o serviço. Pouco depois os outros dois amantes chegaram. Eles queriam “fazer.” Aí a mulher disse: “O homem comprou pássaro e esse pássaro é bom para contar.” Aí a mulher imaginou: “Vamos mijar na cabeça desse pássaro para ele não contar.” Pegou o pássaro, debaixo da asa e a mulher quer mijar na cabeça, arribou a saia e ficou em cima. Aí o urubu, porque já está com fome, pegou na coisa dele [dela]. “Ai, ai, mija na cabeça dele para ele soltar.” O urubu pegou com o pé. Aí o outro foi mijar e o urubu pegou com o outro pé. Aí o dono do pássaro escutava. “Que mulher está fazendo com essa zoada?” Aí veio. O marido chegou e o urubu já está agarrado. “Ah mulher, agora vê assim.” Tirou a faca, furou um homem, o outro e furou a mulher na goela: matou três. “Eta pássaro bom.”

O soldado pegou o homem, prendeu e levou; e levou papagaio no braço (o homem). Aí prendeu. E papagaio está com fome. O soldado dava pouca comida. Papagaio falou: “Papai, você trouxe chave?” “Eu trouxe, ela está aí!” Aí o homem deu: “Tu sabe abrir a maleta?” “Sei.” Então ele entregou a chave e lenço. Aí sentou no bico de telha e voou. Sentou na casa, baixou no buraco e caiu lá dentro e abriu a maleta. Aí levando o dinheiro o dia inteirinho até que no fim de dois dias o homem falou para o soldado, para o delegado. “Quero sair logo, eu pago, porque meu pássaro está com fome.” E ele pagou não sei quantos contos. E saiu. Comprou arroz, carne e levou. Chegou na casa, fez de comer e deu.

Aí Pedro caminhou e depois ele pegou raposa. E ficou no meio da estrada; pegou muito caititu e tirou couro, um monte de carne de caititu. Aí falou. Aí viajante já vem vindo. O patrão do pessoal vinha adiante. Pedro falou: “Passe por fora porque a carne de caititu está aí e não quero que passe em cima.” O homem falou: “Compadre, como você matou esse caititu?” “Olhe eu tenho cachorro bom para acuar caititu: é esse (era a raposa amarrada pelo pescoço).” Aí o homem pelejou para comprar raposa até que Pedro vendeu. Aí falou: “Olha, eu vou lhe dizer, daí a cinco dias, se você encontrar rastro de porco queixada, pode soltar que ele bota na toca tudo. Aí viajou até cinco dias, o dono do cachorro andava procurando rastro de porco e aí tem rastro muito. “Vamos aqui na sombra, para matar caititu.” Arranchou e foi atrás desse porco e aí ele soltou atrás a raposa, mas nada. Aí raposa não foi atrás de porco, mas correu e foi embora, e não veio mais nunca. O pessoal gritou para ele e um disse: “Não, você comprou foi raposa.” Aí ele ajuntou os empregados e mandou receber o dinheiro de Pedro. Aí eles caminharam atrás de Pedro. Foi um só. Cinco dias já está perto e depois ele já vem vindo.

Aí Pedro matou bode, tirou fígado e botou só dentro da camisa. Aí apareceu na passagem, onde duas moças batiam roupa. Aí Pedro falou: “Eh, comadre!” “Eh!” “Eu já vou!” “Pode vir que eu não estou nua não!” “Tu tem ferrinho?” “Não, só caniveteinho.” Ela deu o canivete e ele falou: “Olha, quando alguém passar aqui, você diz para ele tirar o fígado e correr bom para me alcançar logo.” Aí ele abriu o canivete e meteu na camisa, sangrando, e o fígado do bode caiu. Aí quando uma hora o freguês que vinha atrás de Pedro apareceu e a comadre está sentada. “Comadre, me dá notícia do freguês que passou ainda agora!” “Passou cedo. Olha, é você que vai atrás dele?”

“É.” “Ele me deu recado. Olha, o bucho desse homem está ali, ele abriu barriga e tirou.” Aí o freguês procurou logo o canivete. Botou o canivete mesmo na carne, abriu o bucho e morreu. E Pedro foi embora.

Pedro vai indo e arranchou no meio da estrada com uma panela. Aí o pessoal veio caminhando e grita: “Eh! Fulano, a panela está no meio da estrada, fervendo.” Ele botou panela lá fora da estrada. Aí a panela está fervendo sem brasa. “Essa panela é assim mesmo?” “É assim mesmo! Quando eu quero, eu ajunto areia e boto e aí ela ferve assim mesmo.” Aí o homem comprou panela. Cinco dias ele ajuntou areia, botou carne, sal e não ferveu. Pedro já está longe. E deixou.

Pedro descansou na rancharia e pendurou o dinheiro no pé de sucupira. Passageiro já vem vindo. Aí ele foi lá encontrar: “Camarada, você passa aí por fora, porque ainda não ajuntou dinheiro.” “Escuta, porque é que você não quer ajuntar esse dinheiro?” Ele disse: “Tem pé de dinheiro, já está maduro.” Aí o encarregado do pessoal quer ver dinheiro. Pedro subiu no pau e sacudiu e o dinheiro caiu muito. O homem está reparando. Aí subiu outra vez, sacudiu e apanhou o resto. O homem está reparando. “Esse já você plantou, não foi?” “É, eu plantei e ainda tem fruto para ficar maduro.” Aí ele pelejou até comprar o pé. Pronto.

Foi ao irmão e falou. Subiu na porta. Miguel já está na porta. Guardando alma de galinha, alma de gente. Foi emprego que Deus Nosso Senhor arranjou. Pedro falou: “Bom dia Miguel, você está aí Miguel?” “Bom dia. Eh! Pedro, você apareceu sempre, Pedro!” “Miguel, abre pouquinho para eu enxergar você.” Aí Miguel abriu pouquinho e Pedro já meteu o dedo e aí ele gritou: “Ai, ai, Miguel, abre, meu dedo está preso!” Miguel abriu e ele meteu a mão, ficou presa. “Pedro, eu tiro tua mão, para que você quer ver aí dentro?” Aí Miguel abriu e Pedro meteu até o ombro. Aí o chapéu caiu lá dentro e ele falou: “Miguel, abre a porta, deixe eu apanhar meu chapéu.” Aí ele abriu e Pedro entrou, apanhou o chapéu e apanhou tamborete e sentou. Pronto, tomou conta.

<u>Página inicial</u>	SUMÁRIO dos mitos
------------------------------	------------------------------

Referências bibliográficas

- BORGES, Julio César. 2004. *O retorno da Velha Senhora ou a categoria tempo entre os Krahô*. Dissertação de mestrado. Brasília: UnB-ICS-Dan.
- CARNEIRO DA CUNHA, Manuela. 1978. *Os Mortos e os Outros: Uma análise do sistema funerário e da noção de pessoa entre os índios Krahô*. São Paulo: Hucitec.
- CARNEIRO DA CUNHA, Manuela. 1986. “Lógica do mito e da ação: O movimento messiânico canela de 1963”. Em *Antropologia do Brasil: Mito, história, etnicidade* (de Manuela Carneiro da Cunha). São Paulo: Brasiliense e Edusp. pp. 13-52. [Traduzido de *L’Homme* 13 (4), 1973].
- CHIARA, Vilma. 1981. *L’Homme et l’Espace chez les Indiens Kraho – Etat de Goiás – Brasil*. Tese de doutorado de 3º ciclo em Antropologia Social. Paris: École des Hautes Études en Sciences Sociales.
- CROCKER, William H. & CROCKER, Jean G. 2009. *Os Canelas: Parentesco, Ritual e Sexo em uma Tribo da Chapada Maranhense*. Rio de Janeiro: Museu do Índio (FUNAI).
- GIRALDIN, Odair. 2000. *Axpên Pyråk: História, Cosmologia, Onomástica e Amizade Formal Apinaje*. Tese de doutorado. Campinas: Unicamp – IFCH – Departamento de Antropologia.
- IHERING, Rodolpho von. 1968. *Dicionário dos Animais do Brasil*. São Paulo: Editora Universidade de Brasília.
- LOBO, Flávia da Silveira (org.). *Aves*. Rio de Janeiro: MEC. (Enciclopédia Infantil Brasileira).
- MELATTI, Julio Cezar. 1963. “O mito e o xamã”. *Revista do Museu Paulista*, Nova Série, 14: 60-70. Republicado em *Mito e Linguagem Social* (Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1970, pp. 65-74. Tradução para o inglês em *Native South Americans* (org. por Patricia Lyon), Boston: Little, Brown and Company, 1974, pp. 267-275. Disponível na internet em: <http://www.unb.br/ics/dan/juliomelatti/artigos/a-xama.htm>.
- MELATTI, Julio Cezar. 1974. “Reflexões sobre algumas narrativas Krahô”. *Série Antropologia*, 8. Brasília: UnB-ICS-DAN. Disponível em PDF, com modificações, em <http://www.unb.br/ics/dan/Serie8empdf.pdf>. Sob o título “Contos de guerra dos índios craôs”, em <http://www.geocities.com/juliomelatti/contosum.htm>.
- MELATTI, Julio Cezar. 1978. *Ritos de uma Tribo Timbira*. São Paulo: Ática (Ensaio, 53).
- MELATTI, Julio Cezar. 1992. “O julgamento dos mitos”. *Ciência Hoje*, vol. 14, nº 84, pp. 36-43. Rio de Janeiro: SBPC. Também em: <http://www.unb.br/ics/dan/juliomelatti/artigos/julgmito.htm>.
- NIMUENDAJU, Curt. 1946. *The Eastern Timbira*. Berkeley and Los Angeles: University of California Press. (University of California Publications in American Archaeology and Ethnology, 41). Disponível em PDF: <http://anthropology.si.edu/canela/literaturefr.htm>.
- NIMUENDAJU, Curt. 1956. “Os Apinayé”. *Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi* 12: iii-xiii e 146. Existe 2ª edição em português de 1983.
- POMPEU SOBRINHO, Th. 1935. “Lendas Mehin”. *Revista do Instituto do Ceará* 49: 189-217. Fortaleza.
- SCHULTZ, Harald. 1950. “Lendas dos índios Krahô”. *Revista do Museu Paulista*, Nova Série, 4: 49-163. São Paulo.

<u>Página inicial</u>	SUMÁRIO dos mitos
---------------------------------------	-----------------------------